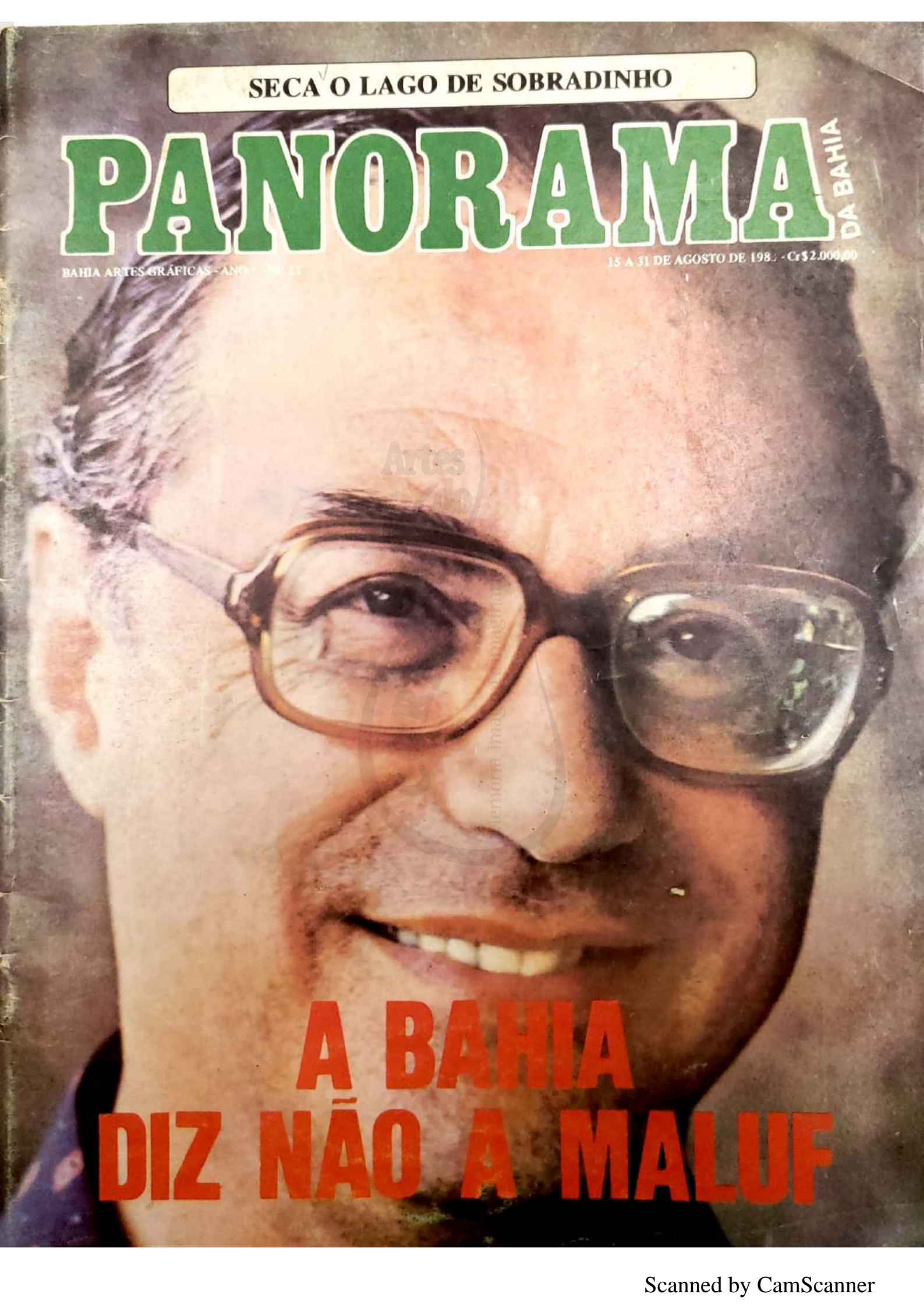


SECA O LAGO DE SOBRADINHO

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - Nº 23

15 A 31 DE AGOSTO DE 1987 - Cr\$2.000,00



**A BAHIA
DIZ NÃO A MALUF**



Omolu, Deus da Peste, em manifestação no candomblé.

A-tô-tô, meu pai Omolu!

Orixá respeitado pelo seu poder de tirar doença ou colocá-la tem reverência maior nos terreiros de candomblé.

Quando agosto chega, as filhas-de-santo dos candomblés da Bahia já estão nas ruas de Salvador. Elas sobem e descem ladeiras, caminham descalças pelos becos e vielas e visitam bairros pobres e ricos da Cidade Alta e da Cidade Baixa. Na cabeça levam um tabuleiro coberto por um pano branco e cheio de pipocas. No corpo exibem ricas vestimentas de obrigação. É o carregado de Omolu, o médico dos pobres, orixá sincretizado com São Lázaro e São Roque, o anúncio de que os terreiros de candomblés da Bahia estão em festa.

Senhor da peste e da bexiga, Omolu é filho de Nanã — a mais velha deusa das águas — e Oxalá — pai de todos os deuses e Deus da Criação. Responsável por todas as doenças e possuindo o poder de curar ou fazer doente qualquer

pessoa, é um dos orixás mais temidos pelos participantes da religião do candomblé.

16 DE AGOSTO

No dia da festa, 16 de agosto, centenas de fiéis fazem romaria até a colina de São Lázaro. Chegam doentes de várias enfermidades e devotos do santo para assistir missa e **limpar** o corpo, se imunizar contra as doenças e as pestes do mundo.

Em frente à igreja de São Lázaro, uma construção da metade do século XVIII, se realizam as cerimônias em torno do cruzeiro de madeira que fica no meio do largo. Colocam-se velas e pipocas, as "flores de Omolu". Os fiéis passam as velas pelo corpo e jogam sobre si as flores do santo, num ritual de



Baiana com tabuleiro de pipocas

limpeza do espírito e da carne.

As romarias duram uma semana. Os fiéis pagam promessas e fazem outras novas. À noite, os atabaques batem nos terreiros de candomblés, entre eles o de Mãe Menininha do Gantois.

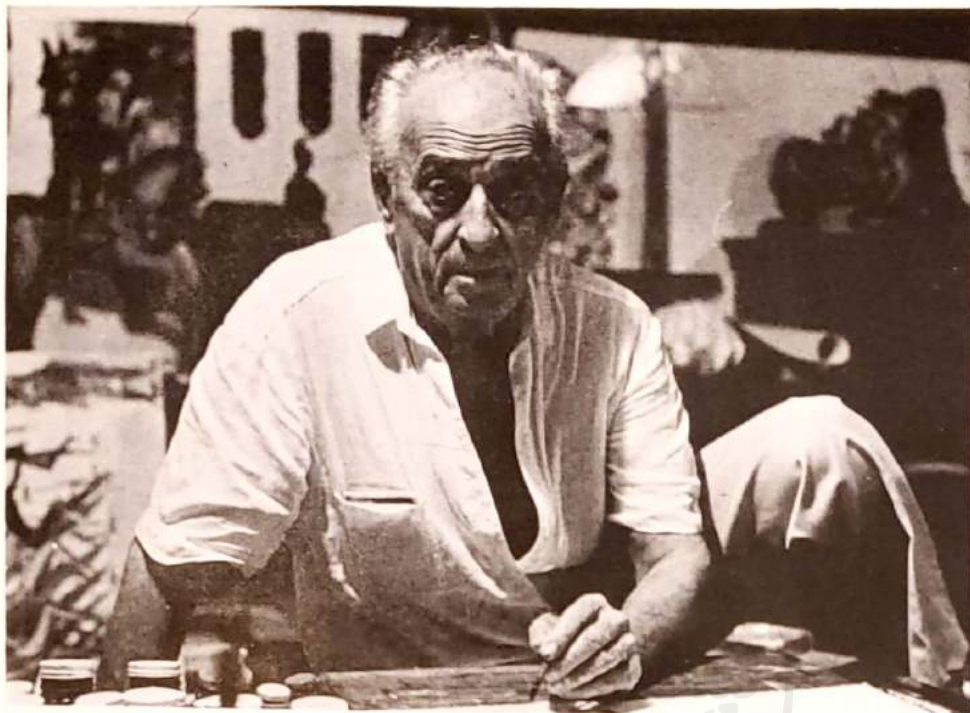
DEUS DA PESTE

Quando **baixa no terreiro**, o Deus da Peste dança com uma pequena vassoura chamada **xaxará**, com a qual, ao som de cânticos específicos, bate nos presentes, retirando as doenças existentes e prevenindo contra as que poderiam chegar. Depois, dirige-se à porteira do barracão, de onde atira fora todos os males.

Neste mês de agosto, na sua primeira semana, os candomblés fizeram um **Orô** (ritual) interno para Omolu, no qual a principal peça é um tabuleiro com pipocas, as "flores de Omolu". Algumas casas mandam filhas-de-santo (iaôs) para as ruas com esses tabuleiros. A pipoca é distribuída aos baianos e deve ser usada para **limpeza** do corpo e da casa, livrando-se dos maus espíritos. As iaôs recolhem donativos para a grande festa, quando elas são apresentadas aos demais membros da religião.

O VELHO

Os omolus são vários, 16 ao todo, de



Carybé, com obras no MAMB.

EXPOSIÇÕES

Nas artes plásticas, a exposição do acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia é o que chama a atenção, com obras de Hector Bernabó e Carybé. De terça a sexta-feira, das 11 às 17 horas; domingos e feriados, das 13 às 17 horas; até o dia 30. O MAMB abriga ainda uma oficina de expressão plástica, até o dia 30, que poderá ser visitada de segunda a sexta-feira das 8:30 às 11:30 horas, e das 14 às 16:30 horas. E, ainda nesse museu, a pintura primitiva de Emma Vale fica até o dia 31, nos mesmos horários que a exposição do acervo; do mesmo modo, a exposição fotográfica de Pedro Arcaño, intitulada "Laloriê". O MAMB fica no Solar do Unhão, na avenida Contorno.

Em Santo Amaro, o Museu do Recolhimento dos Humildes expõe seu

acervo até o dia 30, de terça a sábado, das 9 às 11:30 horas, e das 14 às 17 horas. Feriados, das 9 às 12 horas.

Mas, ainda em Salvador, são interessantes também as mostras do TCA e do Museu de Arte da Bahia. O primeiro, apresenta Aderval Rodrigues, até o dia 31. No MAB, pode-se ver exposição de Arte Popular do Peru, até o dia 28; até 26, a mostra intitulada "Direitos Humanos", de Otávio Roth; até 31, "Arte Têxtil", de Maria Celeste. Na Biblioteca Central do Estado, uma exposição de charges e cartuns, das 8 às 22 horas, que vai até o dia 28; até 22, exposição sobre folclore baiano, com destaque para o folclorista Antônio Gonçalves Viana Júnior, e mostra de trabalhos em artesanato de Carmem Celeste Neves Almeida.

Manifestações da cultura popular

Fica até 24 de agosto a VI Exposição de Folclore que a Casa do Sertão, no campus universitário, em Feira de Santana, está realizando. Estão sendo mostradas roupas e músicas do reisado, do pastoril, do bumba-meu-boi, da Festa do Divino, samba-de-roda, folhetos e xilogravuras da Literatura de Cordel, carranca do rio São Francisco, o folclore religioso. Essa exposição é diri-

gida a estudantes do 1º e 2º graus, também como forma de pesquisa. Convites foram enviados aos estabelecimentos de ensino, mas também o público adulto pode visitar. Além disto a Casa do Sertão oferece exposição permanente da cultura sertaneja. Visitas, diariamente, pela manhã e à tarde; sábado somente pela manhã.

ESPECIAL

A FCEBa e a Aspre promovem em Salvador, nos dias 24, 25 e 26, uma interessante "Semana do Folclore", apresentando-se no primeiro dia a Banda de Pifanos de Senhor do Bonfim e a "Marujada Brasileira Chegança", de Santo Amaro; no largo da Pituba, às 19 horas. No dia seguinte, um baile público com Vivaldo Conceição e Orquestra, participação especial de Balbino do Rojão e do grupo folclórico Bahia, no largo da Lapinha às 21 horas. No mesmo local, dia 26, às 19 horas, ocorre o lançamento do LP "Noite dos Reis na Bahia" e apresentação de Terno de Reis.



FESTA DA CRISTANDADE

SUA FESTA NÃO PODE FICAR NO ANONIMATO

CARTAZES COLORIDOS E BEM PRODUZIDOS CHAMAM O PÚBLICO QUE VOCE DESEJA ATRAIR. E NOS TEMOS CONDIÇÕES TÉCNICAS DE ATENDE-LO.

B Bahia artes graficas Ltda.

Rua Santos Dumont, 93 — Tel. (075) 221-7777
Telex: (071) 3126 — Feira de Santana-Ba.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - Nº 12

02 DE MARÇO DE 1984 - C\$ 1.000

Natureza desabrocha
em Morro do Chapéu

CARNAVAL:
Esta explosão
de cem anos.

A SERTANEJA ELBA
NA MÚSICA BRASILEIRA

Bahia para japônês

Uma equipe de filmagem da Nippon Television (NTV), do Japão, está na Bahia produzindo um especial sobre a origem do samba, folclore e carnaval. Os japoneses fizeram tomadas no Forte de São Marcelo, Museu Wanderley de Pinho e gravaram cenas de danças folclóricas no Jardim de Alá.

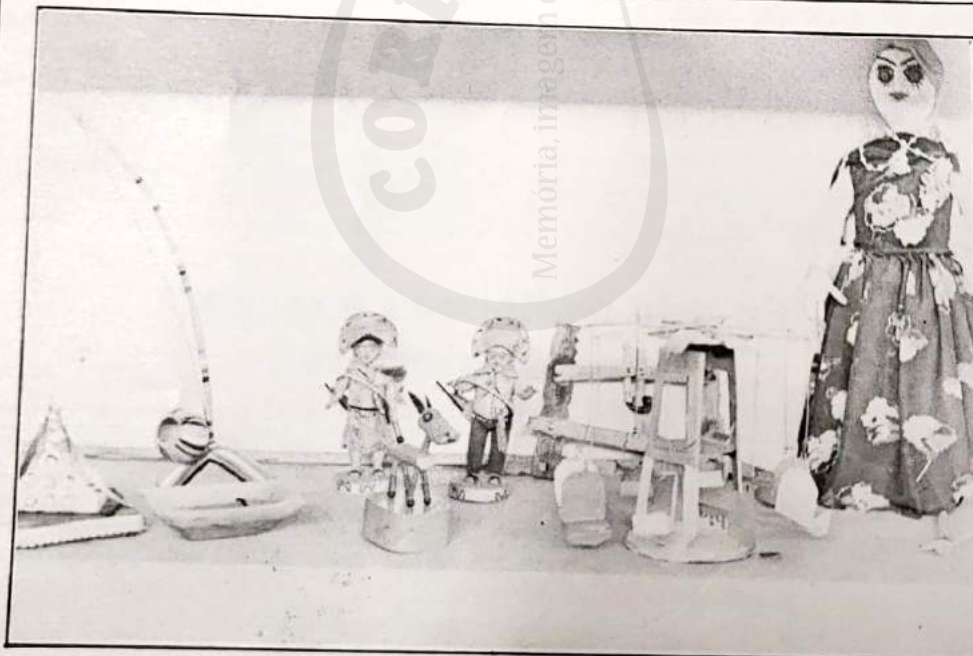
O filme, com três horas de duração, será apresentado, em duas etapas, no programa "Quinta-feira Especial", da rede japonesa, que aborda aspectos culturais de diversos países. Para o coordenador da equipe, Shoji Makino, a escolha do país se deu porque a música brasileira vem tendo bastante aceitação entre os japoneses, sendo que as filmagens só serão feitas no Rio de Janeiro e Bahia.

O especial tem direção e narração de Atsuo Nakamura, um dos mais famosos atores japoneses, e conta com a participação da atriz carioca Ângela Nenzy. Além de gravações dos carnavais baianos e carioca, o filme mostrará lugares históricos, aspectos sociais e culturais do Brasil.

Central de informações

Com o objetivo de articular e subsidiar os processos de planejamento e decisão, está sendo instalado na Secretaria do Trabalho um centro de informações. Este centro possibilitará o resgate da memória da Setrabes, através um levantamento das obras realizadas desde sua criação, e principalmente um acompanhamento rápido do que vem sendo executado através de seus órgãos centralizados e descentralizados, autarquias e coordenadorias.

O sistema será implantado a curto prazo, de acordo com decisão do secretário Rafael Oliveira, que está empenhado no uso racional de informações que venham possibilitar, por exemplo, qual equipamento é mais viável e necessário para qualquer comunidade. Isto será possível graças aos subsistemas que funcionarão em cada órgão da Setrabes, os quais serão alimentadores de informações de um sistema central. Na sua segunda etapa, será utilizado computador para guardar e processar estas informações, tornando a sua utilização cada vez mais rápida e racional.



Cultura sertaneja

A Central de Exposições da Bahiatursa, no Centro Administrativo, inicia neste mês de março a sua programação especial para este ano com uma exposição sobre o sertão, abordando a cultura sertaneja e o ciclo de ouro. Para abril está marcada a exposição "Influências In-

dígenas e Africanas na Cultura Baiana" que começa no Dia do Índio (19), e se estenderá até 13 de maio, Dia do Negro. Para junho estão marcados o II Encontro Estudantil de Quadrilhas e a Feira Junina.

Carnaval dos miseráveis

O Governo do Estado decretou calamidade pública em 202 municípios baianos, diante da crise que estão enfrentando com a implacável seca que castiga o homem do Nordeste. Nesta esteira o governador João Durval Carneiro afirmou que não pretende fazer distinções partidárias no atendimento aos flagelados, principalmente na distribuição de água, razão pela qual vai criar uma coordenação em cada município, isenta de qualquer influência.

O quadro é feio. Temos gente morrendo de fome e de sede. O dinheiro é curto para atender a todos os necessitados. Não há programas e campanhas que possam suportar esta pressão. E a todo momento há ameaças de saques. Recentemente em Morro do Chapéu a Polícia Militar estava nas ruas embalada, sob suspeita de que o posto da Cesta do Povo seria invadida por uma leva de mortos-de-fome.

Mas parece que os municípios não estão se tocando diante desta calamidade. Ao tempo em que os prefeitos reclamam por recursos para socorrer os flagelados, anunciam a realização do carnaval, que começa no dia 3 próximo. E verbas são destinadas para contratação de

trios-elétricos, ornamentação da cidade, blocos, batucadas e outras animações.

É um acinte para esta população faminta ver rios de dinheiro sendo desperdiçados em três dias, “para tudo acabar na quarta-feira”. É um desrespeito a condição humana que entre a miséria se dê ao luxo de iluminar-se freneticamente ruas, colorir os postes como se nada de anormal estivesse acontecendo.

O homem faminto pode não suportar tamanho desrespeito. E, Deus nos livre, do pior que possa acontecer, mesmo em plena orgia de Momo. É preciso ter-se consciência desta calamidade, da miséria, ser racional com os gastos públicos. Mesmo que se argumente que pouco uma prefeitura gasta com a festa e que tudo venha por patrocínio, seria o caso de conscientizar estes patronos a dar um melhor destino a um dinheiro que pode ser precioso em programas que visem de fato ao homem.

Estamos aí, fazendo festa quando os irmãos deixam por trás a sua angústia, levam nos olhos a desesperança, os trapos ambulantes. Não será preciso caracterizar a miséria, ela já existe e está aos olhos de todos. Vamos viver o carnaval dos miseráveis.



BAHIA 100 ANOS DE FOLIA 1884-1984

Fotos: Arquivo Bahiatursa

A Bahia comemora os 100 anos do mais animado

A Bahia comemora os 100 anos do mais animado carnaval do país com seis dias de folia.

A Bahia está comemorando, este ano, o centenário do seu carnaval. E nada menos que 350 mil turistas, segundo estimativas oficiais, estão chegando a Salvador para participar, ao lado de milhares de foliões baianos, da maior festa urbana do país, criada e mantida pelo próprio povo — embora, nos bastidores, os técnicos de um grupo executivo criado especialmente para o evento garantam as medidas de infra-estrutura destinadas a assegurar o êxito dos festejos.

São seis dias de folia, que começa na quinta-feira, quando Momo, primeiro e único rei da folia, recebe em praça pública as chaves simbólicas da cidade, após desfilar, com a rainha e as princesas do carnaval, em carro aberto pelas ruas centrais de

Salvador, e proclama seu efêmero, mas triunfante reinado, marcado pela animação e pela alegria, até a manhã de quarta-feira de Cinzas.

Durante esse período, a ordem de "alegria geral" do rei Momo é cumprida literalmente por baianos e não-baianos. O delírio começa quando aparece ao longe, descendo a ladeira de São Bento, no sentido da praça Castro Alves, o primeiro trio elétrico: a impressão que se tem é que todas as cabeças do mundo avançam em volta daquele objeto luminoso e o povo se deixa possuir pelo som elétrico do "dono da rua", símbolo maior desse carnaval de intensa participação popular, em que todos se transformam, com maior ou menor competência, em sambistas, frevistas, loucos bailarinos tri-

letrizados.

TERRITÓRIO LIVRE

O trio elétrico e a praça Castro Alves são o carnaval da Bahia. A praça é o maior momento do trio, o território livre, o clímax. Se o trio pode tudo, na praça tudo é possível. A história do trio é bem anterior, apesar da praça já existir. Mas o casamento, perfeito na opinião unânime dos mais animados carnavalescos baianos, nasceu após o poeta Caetano Veloso redimensionar o som do trio elétrico — e, de resto, do próprio carnaval baiano — ao proclamar: "A praça Castro Alves é do povo, como o céu é do avião".

Foi o bastante. Para a praça acorreram



Blocos de inspiração africana



O Índio como tema de cordões

todos os trios, todos os foliões, todos os barraqueiros, todos os mercadores de comidas e bebidas, artistas, intelectuais, gays e o povo em geral. Caetano pedia "um frevo novo" e teve mais que isso, para alegria da Bahia: a praça transformou-se num verdadeiro território livre do carnaval baiano, onde tudo — ou quase tudo — é permitido. Na praça, estão todos, exceto "a gente sem graça", remetida pros salões.

Mas, apesar disso, o trio não pertence à praça, nem é exclusivo do seu público heterogêneo e animado. Seus acordes eletrificados envolvem toda a cidade, desde o Farol da Barra — na orla marítima e este ano, segundo os entendidos, um dos pontos mais quentes do carnaval baiano — até a praça da Sé, no chamado centro histórico de Salvador, passando pelos diversos bairros que mantém, com peculiaridades próprias, seus próprios festejos carnavalescos.

CALMA DOS AFOXÉS

Tão forte, tão hipnotizante é a loucura do trio, que blocos e cordões, para sobreviverem, tiveram que adotá-lo, em substituição às antigas orquestras, quando descobriram que, ao passar por um deles, termina-

vam por perder seus integrantes, arrastados pelo som trieletrizado. Hoje, todos os blocos têm trios elétricos próprios. Verdadeiros palcos instalados sobre caminhões, com excelente capacidade de sonorização, luz, cor e efeitos especiais, com maravilhosas bandas que enlouquecem não apenas os integrantes dos blocos, mas os foliões de uma maneira geral.

Mas apesar de toda essa eletricidade, de todo esse poder dilacerador, o trio elétrico não é o único soberano do carnaval da Bahia. A ele se contrapõe a calma e o espiritualismo do afoxé. Nada é comparável, para quem vem de um trio elétrico, suor escorrendo pelo corpo, a carne exposta, o corpo aberto, que encontrar-se com um afoxé, naquela atitude pastoral, fechada, enchendo a rua com a sua força. "Dá vontade de chorar, você sente aquela calma, aquele arrepio percorrendo o corpo, aquela força tomando corpo de você. Esse é o lado espiritual, orientalizado do carnaval, o equilíbrio", assegura o cantor e compositor Gilberto Gil, célebre integrante do **Filhos de Ghandi**, o mais famoso afoxé da Bahia.

O afoxé, na opinião abalizada do professor e historiador Cid Teixeira, é um bloco carnavalesco, uma brincadeira de forma,

conteúdo e comportamento específico, tendo em vista que os seus membros-foliões estão vinculados a um terreiro de candomblé, unidos por uma religião, pelo uso de uma língua, dança, ritmos e códigos de origem nagô. Além disso, têm, fundamentalmente, consciência de grupo, comunidade, valores e hábitos que o distinguem de qualquer outro tipo de bloco ou cordão. Os laços lúdicos-religiosos, que congregam as pessoas no afoxé, importam, antes de mais nada, pela manutenção dos valores culturais ligados ao afoxé e suas tradições africanas, transportadas para a Bahia, adaptadas e assimiladas dentro de uma nova realidade.

"MÃE ÁFRICA"

Atualmente, entre todos os afoxés, o **Filhos de Ghandi** é o mais famoso. Com sua roupa branca, seu turbante felpudo, é composto, em sua maioria, por negros, homens de origem humilde, operários, ligados aos inúmeros terreiros de candomblé da Bahia.

O primeiro grupo de afoxé saiu às ruas, segundo os registros históricos, em 1895 e mostrava aos foliões de Salvador aspectos



As ruas se transformam em grandes salões



Praça Castro Alves: ponto máximo do carnaval.



A força mística dos afoxés

dos ritos do candomblé — o que gerou uma contundente crítica da imprensa da época, que via na presença desses símbolos do candomblé algo que não condizia com o grau de civilização da Bahia. A partir dessa época, surgiram muitos outros afoxés, vindos principalmente dos bairros de Brotas, Engenho Velho, Soledade, Santana e Água de Meninos, destacando-se o **Chegada Africana** e o **Filhos da África**, apontados como os mais representativos. O **Clube de Pândegos da África**, surgido em 1897, também fez muito sucesso.

O carnaval da Bahia, contudo, é ainda rico pela força de outras manifestações culturais, a exemplo dos chamados blocos afros, cada ano em quantidade maior, e alguns já conhecidos nacionalmente, como é o caso do **Ilê Aiyê**. Outros estão crescendo e criando fama, como o **Malê Debalê**, o **Araketu**, o **Obá-Laiyé** e a **Puxada Carnava-**

lesca Axé. A força desses blocos está na cultura negra, na beleza e plasticidade de suas sambistas, na própria fantasia e na alegria dos seus temas sempre homenageando a “Mãe África”, e na harmonia de suas baterias, puxadas, geralmente, por ágeis mãos negras, no som sincopado dos atabaques. Cultural e politicamente, eles representam a força viva da negritude da Bahia e o carnaval é encarado, além de uma diversão, também como uma forma de fazer ecoar o seu grito de liberdade.

Outros blocos e cordões fazem do carnaval uma festa que lhes permite mostrar a sua força e união. Nesse caso, destaca-se o **Apaches do Tororó**, com mais de mil homens empunhando machadinhas e cânticos de amor contra a guerra, na categoria de blocos de índios, ao lado de **Cacique do Garcia**, **Comanches**, **Guaranys** e **Tupys**. Todos representam segmentos de uma cama-

da mais baixa da população, de samba forte, contagiante, autêntico, com negros e mulatos ornados de tangas, missangas e colares, “sambando no pé” ao longo das ruas e avenidas centrais da cidade.

Alegres e descompromissados — exceto, é claro, com o direito de brincar —, existem ainda os outros blocos e cordões formados por jovens da classe média. Desde os que sempre se apresentam com fantasias mais sofisticadas, a exemplo de **Os Internacionais**, **Os Corujas**, **Os Lords**, aos que preferem a simplicidade e o comodismo das mortaldas ou macacões, como o **Traz os Montes**, **Cheiro de Amor**, **Eva**, **Camaleão**, **Filhos do Barão**, **Mel**. Há ainda os que, ferindo os padrões normais, desfilam traves-tidos de mulheres, homenageando algumas minorias, as prostitutas e os travestis, dando ao carnaval a irreverência e o humor que sempre foram peculiaridades desse festejo.

A força dos trios elétricos



Enlouquecida massa trieletrizada

O trio elétrico, proclama os estudiosos, é a verdadeira síntese do carnaval da Bahia, pois nenhum outro elemento consegue traduzir com tanta intensidade a participação popular — principal característica a diferenciar o carnaval baiano dos demais — quanto esse estranho objeto luminoso, espalhafatosamente decorado com cores vivas, munido de bocas de alto-falantes, a arrastar multidões com um som meio distorcido de instrumentos eletrônicos, violão, cavaquinho e, às vezes, baixo e triolim, tudo isso acompanhado por uma percussão forte, rica e hipnótica.

Mas só descobre isso em toda plenitude, segundo os foliões baianos, quem se dispõe a ver, ouvir e sentir no próprio corpo os efeitos das luzes coloridas, dos acordes eletrizantes e da vigorosa percussão do trio elétrico, capazes, de um momento para outro, de transformar o mais tranqüilo dos mortais no mais ensandecido dançarino, imagem viva da emoção de quem se entrega totalmente às ordens de Momo, primeiro e único rei da folia — cuja maior frustração, dizem, é não poder abandonar os deveres da realeza para cair de corpo e alma na frenética dança de quem segue atrás do trio.

É tão importante o trio elétrico para o carnaval da Bahia, que alguns foliões mais exagerados têm proclamado seus temores quanto ao sucesso dos festejos desse ano,

em face do grande número de trios elétricos que está seguindo para as cidades do interior (o trio de Armandinho, Dodô e Osmar, vai para Ilhéus; o dos Novos Bárbaros, para Itabuna; o carro principal do Tapajós, para Porto Seguro). Os demais estão vinculados aos diversos blocos e cordões — ao que se sabe, apenas o trio elétrico dos Novos Baianos tocará exclusivamente para o povo em geral.

DANÇA FRENÉTICA

Tecnicamente, o trio elétrico é somente som e luz emanados a partir de uma base física, assentada sobre um caminhão, que se desloca pelas ruas. O efeito, contudo, é indescritível: milhares de pessoas são arrastadas numa dança frenética, num agitar de braços e pernas, em pulos ritmados, ao som estridente de marchas, frevos, polcas, valsas, rocks e baiões, executados por hábeis instrumentistas segundo um estilo, próprio que é, segundo Caetano Veloso, "uma mistura de frevo pernambucano e marchinha carioca, uma coisa bem baiana".

Foi em 1938 que começou a gestação do trio elétrico. Nesse ano, Adolfo Nascimento, o Dodô, um rádio-técnico e músico, conheceu Osmar Macedo, inventor e músico, tocando num programa de rádio, ao lado de Dorival Caymmi e outros nomes da música popular baiana. Dodô, estudioso

de eletrônica, pesquisava uma forma de amplificar o som dos instrumentos de corda, o que só conseguiu em 1948, com o aperfeiçoamento do violão elétrico maciço, que eliminava a dissonância e a distorção, principais problemas dos violões elétricos conhecidos — como a guitarra maciça norte-americana só surgiu alguns anos depois. Dodô poderia reclamar para si o título de inventor desse instrumento, mas infelizmente a invenção não foi registrada e ele acabou perdendo a patente.

Em 1950, pela primeira vez, a eletricidade incorporou-se ao carnaval baiano: inspirados no Vassourinhas, grupo de frevo de Recife, que de passagem para o Rio de Janeiro, fez uma apresentação em Salvador, Osmar e Dodô resolveram sair durante o carnaval tocando aqueles frevos pernambucanos, com seus instrumentos e amplificadores. Assim, em cima de uma fôlica — um Ford 1929 —, equipada com dois alto-falantes, eles se apresentaram nas ruas da cidade, como a "Dupla Elétrica". Foi um sucesso, apesar da resistência de alguns setores da classe média, que não gostavam da "molecada" que ia atrás da dupla, pulando e cantando.

"FREVO BAIANO"

Dodô e Osmar, porém, não desistiram.

PANORAMA, 02/MARÇO/84

E no ano seguinte, com um carro maior, melhoraram sensivelmente a qualidade do som e convidaram um terceiro músico, Temístocles Aragão, surgindo assim o "Trio Elétrico". Em 1952, um fato novo: a empresa de cristais e refrigerantes Fratelli Vita, percebendo o sucesso e a popularidade do conjunto, decidiu patrocinar o trio, colocando-o num caminhão festivamente decorado, que obteve êxito total junto aos foliões.

Em 1959, pela primeira vez, o trio elétrico se apresentou fora da Bahia, indo para Recife, a terra do Frevo. A apresentação agradou aos foliões pernambucanos, mas os puristas não admitiram a inovação e cunharam a expressão "frevo baiano" para distinguir o estilo próprio do trio elétrico do estilo de frevo pernambucano, à base de instrumentos de sopro e percussão. Mas, a essa altura dos acontecimentos, o trio elétrico já era um elemento definitivo no carnaval da Bahia, com vários conjuntos similares tocando nos festejos carnavalescos.

O trio elétrico de Dodô e Osmar fez escola. Dodô morreu e está ausente do carnaval desde 1979, sendo substituído por Armandinho, filho de Osmar — que havia estreado no carnaval de 1963, comandando um trio elétrico composto apenas por crianças. Durante esses 34 anos, surgiram outros trios, destacando-se o Tapajós, criado em 1959, no subúrbio de Periperi, e que hoje mantém nada menos que cinco carros. Nos últimos anos, vem merecendo destaque o trio elétrico do ex-conjunto musical Novos Baianos, que todo carnaval reúne os seus antigos integrantes: Pepeu Gomes, Baby Consuelo e Paulinho Boca de Cantor.

TECNOLOGIA

As variações são muitas, principal-



Fotos: Arquivo Bahiatursa

Esta louca invenção baiana: o trio.

mente como consequência do desenvolvimento da tecnologia de amplificação de instrumentos, e os trios elétricos hoje são verdadeiros palcos, com excelente qualidade de som e dispositivos especiais para luzes e efeitos os mais diversos. Mas os instrumentos básicos ainda são o cavaquinho e o violão de madeira maciça. Alguns usam ainda o baixo ou o triolim para marcar o ritmo e enriquecer a harmonia. A percussão, que era forte e separada, hoje é reduzida em suas dimensões, mas com a potência amplificada. Nos últimos anos, outra inovação foi incorporada ao trio: o vocal, surgido a partir da participação do cantor Moraes Moreira como

crooner do trio elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar.

Hoje, em Salvador, praticamente não existe um bloco ou cordão carnavalesco que não conte com o seu trio elétrico próprio, alguns de excelente qualidade de sonorização e contando com hábeis instrumentistas, a exemplo dos trios do Camaleão, do Eva, e do Traz os Montes. Existem ainda, espalhados pelas ruas de Salvador e mantidos pela Prefeitura, os chamados trios elétricos fixos: grupos de músicos e percussionistas instalados em palanques distribuídos em pontos estratégicos das praças e ruas por onde se desenvolve o carnaval.



Trio puxando blocos pelas ruas

Do Entrudo ao Carnaval

As origens do carnaval da Bahia, numa pesquisa elaborada pela Bahiatursa.

Cinco anos antes da proclamação da República, exatamente em 1884, a Cidade do Salvador, então com 170 mil habitantes, organiza o seu primeiro grande carnaval de rua. Uma festa com forte influência européia, como quase tudo que existia no Brasil naquela época, e onde não faltaram o "triumfal" desfile do **Clube Carnavalesco Cruz Vermelha**, fanfarras executando polcas e árias de óperas, muito luxo, requinte e comentários elogiosos, com os três grandes jornais da época destacando que "o carnaval esteve tão digno e movimentado quanto o da Corte" — ou seja, o carnaval tinha sido tão bom quanto o do Rio de Janeiro, capital imperial desde 1773.

Fortemente influenciado pelo requintado carnaval de Veneza, na Itália, e mesclando a presença de tipos do carnaval popular de Nice, na França, o carnaval da Bahia dá, portanto, o primeiro passo firme rumo à popularização, em 1884, com a participação de muita gente nas ruas. Na realidade, ao povo restava mais a opção de alegrar-se intimamente, vibrar e aplaudir as pessoas da "alta roda", especialmente os comerciantes ricos, seus filhos e mulheres, e a classe média, que participavam dos desfiles dos clubes nas ruas e animavam

os bailes nas residências e nos teatros São João e Politeama.

Em um trabalho que escreveu para a **Revista do Folclore**, sob o título **Do Entrudo ao Carnaval da Bahia**, a folclorista Hildegardes Viana comenta, logo nas primeiras linhas, que "na Bahia, por volta de mil oitocentos e quarenta e tantos já se falava com alguma insistência em carnaval, palavra compreendida, pelo menos por quem lia jornal, como baile (de máscara ou não) realizado nos dias do Entrudo. Baile em recinto fechado sujeito a um diretor severíssimo, como o **Baile Recreio**. Havia também bailes em que a rapaziada de bom-tom e, particularmente, o belo madamismo concorria para maior pompa e brilho. Fora disso tudo, era **Entrudo**".

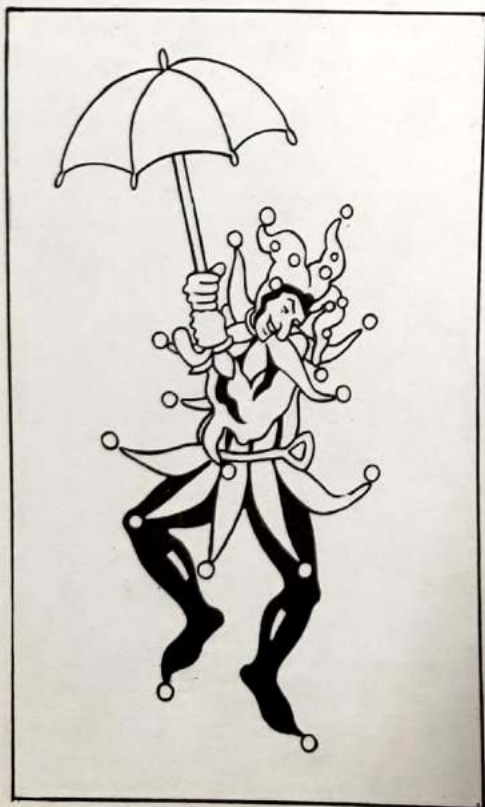
"INFELIZ HERANÇA"

Quando se aproximava o domingo que precedia a Quaresma, todo mundo **entru-dava**. Ou seja, como revela Hildegardes, todo mundo participava de um costume "censurável, infeliz herança de outros tempos, mas tão arraigado no ânimo do povo", assim descrito pela folclorista: "Molhava-se quantos andassem pelas

ruas, invadiam-se casas para jogar água em alguém. À noite, principalmente, os transeuntes eram incomodados pelas seringas de água, laranjinhas e limões-de-cheiro e de outros líquidos menos cheirosos e menos edificantes".

Na época do **Entrudo**, muita gente evitava sair de casa. Muitas vezes foram registrados casos fatais e apesar da repressão policial, severa, incluindo até oito dias de cadeia para quem fosse pego participando do **jogo do entrudo**, o bairro da Sé era um verdadeiro pandemônio. A situação chegou a um ponto que os jornais da época fizeram campanhas contra o **Entrudo**, exigindo uma solução por parte da polícia. Para acabar com o **Entrudo**, no entanto, era preciso surgir um outro meio de diversão. Foi aí que o carnaval, aos poucos, estimulado pela própria polícia, preencheu esse espaço e ganhou as ruas.

E, afinal, de onde vem o tal carnaval? Waldeloir Rego, diretor de Cultura e Arte da Prefeitura de Salvador, carnavalesco e estudioso do assunto — é dono da maior documentação sobre o tema e está elaborando o livro **A História do Carnaval da Bahia** — explica que essa manifestação é anterior à Era Cristã e foi iniciada com as **Saturnálias**, festa em homenagem a Satur-



CENSURA DA IGREJA

Baco e Momo, divindades da mitologia greco-romana, dividiam as honras desses festejos, realizados nos meses de novembro e dezembro, em Roma. Havia toda uma quebra da hierarquia e os escravos se misturavam aos filósofos e tribunos. Com Júlio César e a expansão do Império Romano, essas festas tornaram-se mais animadas, especialmente quando o imperador retorna do Egito. Ocorrem verdadeiros bacanais, que terminam por se tornar frequentes.

Já na Era Cristã, à medida em que o poder da Igreja Católica Apostólica Romana foi se solidificando, começaram a surgir os primeiros sinais de censura aos festejos mundanos. A Igreja, querendo impor a sua política de austeridade, determina que tais festejos só deveriam ser realizados antes da **quadragesima**, as cerimônias religiosas que se iniciam com a Epifânia (o Dia de Reis) e se estendem até a Quarta-Feira de Cinzas.

Os italianos adotam então a palavra **Carnevale** — que é a abstenção da carne. Ou seja, as pessoas poderiam fazer **Carnevale** ou que lhes desse na cabeça, antes da Quaresma, numa espécie de abuso da carne, do carnal. A festa chegou a Portugal com o nome de **Entrudo**, isto é, a introdução à Quaresma, numa brincadeira agressiva e pesada. Foi esse **Entrudo** violento que aportou no Brasil.

OLHO COMERCIAL

Por volta da segunda metade do século XIX, o jornal **Diário da Bahia** não perdoava o **Entrudo**. A Igreja também. A polícia vivia em polvorosa, enquanto os ricos faziam as festas em seus casarões e onde só podiam entrar convidados muito especiais. Foi aí, por volta de 1880, que a polícia começou a incentivar o carnaval — a brincadeira sadia, a festa. Várias comissões foram nomeadas pelo chefe de polícia. Uma comissão central e comissões paroquiais distribuíam máscaras, facilitavam a aquisição de cordas de bandeirinhas e arcos de papéis coloridos, além de providenciarem bandas de música. A idéia era acabar com o **Entrudo**.

Os comerciantes, de olho vivo num melhor faturamento, gostaram da idéia e começaram a adotar o carnaval em substituição ao **Entrudo**. Tanto que, por volta de 1860, segundo Hildegardes Viana, o Teatro São João (onde hoje existe o Palácio dos Esportes, na praça Castro



Alves) “já realizava arrojados bailes de máscaras, pelo carnaval, sendo que, primeiro, no sábado, às 20:30 horas, era iniciado com uma quadrilha, cuja música era baseada em trechos da ópera italiana **La Traviata**, e onde eram executadas, durante a noite, valsas, polcas e **schottishes**”. Nessa época, as pessoas gradas, os ricos, começaram a aderir ao carnaval, ainda que disfarçadamente, deixando de brincar apenas em bailes em suas casas.

Hildegardes revela que havia o perigo de um homem formado ou negociante forte, “naquele tempo em que toda a gente tinha a preocupação de parecer provecta”, ser visto mascarado. Por isso, as casas de fantasia e cabeleireiros **Pinelli** e **Balalai** mantinham especialistas em disfarces. Os mascarados avulsos, estimulados pela polícia, e os bailes públicos começaram a ganhar terreno, embora as manifestações do **Entrudo** ainda se mantivessem vivas. Por volta de 1870, o ambiente começou a melhorar para o carnaval, com o surgimento de um bando anunciador, que saía pelas ruas convidando todos para os festejos.

ESPLendor DOS SALÕES

Nos clubes e teatros foram surgindo as competições entre grupos e famílias na ostentação de roupas e jóias, cada um querendo mostrar-se mais elegante e granfino. Os bailes do Teatro São João eram preparados com um ano de antecedência e, no ano de 1878, pela primeira

vez, um grupo participante do carnaval de rua, **Os Cavaleiros da Noite**, aparecia num salão, em grande forma, causando enorme rebuliço.

Chega-se à década de 80 do século passado com muitos bailes na cidade. Salvador tinha aproximadamente 120 mil habitantes, o Estado era razoavelmente próspero e a capital concentrava os recursos financeiros e econômicos, além de deter o poder político, pois centralizava as decisões como sede da Presidência da Província da Bahia. Havia, portanto, dinheiro, poder e fartura.

Era natural, portanto, que todo esse esplendor passasse a ser retratado nos salões, nos bailes de carnaval. Na **Euterpe**, as famílias altamente destacadas esbanjavam em exuberância e o sócio mascarado tinha que se identificar na entrada do clube. O baile da **Pastelaria Luso-Brasileira** custava um mil réis a entrada e era muito chic. Os do **Congresso Dramático**, **Terpsicore**, **Comilões** (numa rua da Barra, em local não revelado) e o **Can-Can** na rua Direita do Palácio (hoje rua Chile) eram muito concorridos. Existia também o famoso baile do **Capitão Fausto**, com “galope e can-can”, no **Hotel Baiano**. Consumia-se a Europa: roupas, adereços, enfeites, chapéus, bebidas, jóias, sapatos, meias, tudo era importado das melhores casas de Paris e Londres.

GRANDE REPERCUSSÃO

Palanques e bandas de música proliferavam pela cidade. Surgem também vários clubes uniformizados, como os **Zé Pereira**, **Os Comilões**, **Os Engenheiros**, fantasiados com **cabeçorras** e outras máscaras. Para melhor ordem e maior organização do carnaval, ficou convencionado que o Campo Grande seria o lugar para os mascarados se reunirem nos dias dos festejos e saírem em bandos. Em 1882, o comércio iniciou o costume de cerrar as portas na terça-feira, a partir das 12 horas.

No dia 1º de março de 1883, a rapaziada do Clube Caixeiral (atual Clube Comercial da Bahia), sob a liderança do português José de Oliveira Costa, funda o **Clube Carnavalesco Cruz Vermelha**, obtendo uma grande repercussão em toda a cidade, embora só viesse a desfilar, em cortejo, pelas ruas, no ano seguinte. Foi também em 1884, no dia 9 de março, que outro grupo de jovens da antiga **Sociedade Euterpe** teve a idéia de dar bailes públicos no Politeama.

Esse grupo de jovens, apelidados de **Fantoches**, era encabeçado por quatro figuras da alta sociedade: Antônio Maga-

lhães Costa (bisavô do ex-governador Antônio Carlos Magalhães), João Vaz Agostinho, Francisco Saraiva e Luís Tarquínio, este último o primeiro presidente dos **Fantoches da Euterpe**, ou seja, dos jovens carnavalescos da Euterpe. "Tão estrondosa foi a repercussão da iniciativa", conta Hildegardes Viana, "que no ano de 1884 toda a cidade esperava o carnaval e o baile dos **Fantoches**".

"CARRO DE IDÉIA"

As máscaras protegeram no anonimato os "figurões da sociedade" e o baile dos **Fantoches**, no Teatro Politeama, foi um grande sucesso. Mas sucesso maior ainda alcançou o **Cruz Vermelha**, que desfilou pelas ruas com um "carro de idéia", como se dizia na Corte, e um cortejo riquíssimo, sob os aplausos de populares que se encontravam no centro da cidade, especialmente na praça dos Touros, no Politeama de Baixo, onde freqüentemente ocorriam corridas de touros, uma atração popular da cidade.

Nunca se tinha visto coisa igual. Com o tema "Crítica ao Jogo da Loteria", existente desde a Independência, em 1822, o **Cruz Vermelha** organizou um cortejo com rapazes e moças ricamente trajados. A novidade era a presença de um carro alegórico, também ricamente decorado, com peças importadas da Europa, simbolizando exatamente o jogo da loteria. Quando o cortejo entrou triunfalmente (como diziam os cronistas da época) no Politeama de Baixo (onde hoje fica a porta

principal do Instituto Feminino da Bahia), o povo delirou. Foi uma verdadeira apoteose.

Na verdade, o cortejo já saiu da rua dos Droguistas, na Cidade Baixa, sob aplausos. Em seguida, pegou a rua Nova do Comércio (hoje Conde D'Eu), subiu a ladeira da Montanha, passou em frente à Barroquinha, seguiu pela rua Direita do Palácio (atual rua Chile), Direita da Misericórdia, Direita do Colégio e retornou rumo à rua de Baixo (Carlos Gomes) até alcançar o Rosário e seguir em frente, até o Politeama. Os comerciantes, que residiam basicamente nesse trajeto, aplaudiram e jogaram pétalas de flores.

TRAJE A RIGOR

Hildegardes Viana revela que o **Cruz Vermelha**, "ao apresentar o carro de idéia (carro alegórico com tema definido) mudou basicamente o carnaval". Antes, "os clubes desfilavam com uma série de carros abertos, cobertos com colchas, cortinados e panos de piano, tendo alguns homens sentados envergando belas fantasias. Não havia preocupação de seguir um tema, de obedecer um figurino ou um colorido. Foi exatamente o **Cruz Vermelha** que fez essa revolução".

O carnaval de 1884 pegou Salvador num período de crescimento rápido, provocado pelo progresso da agricultura em outras regiões e pelas exigências de um melhor ordenamento do espaço urbano com o êxodo rural. A função portuária era uma espécie de fiel da balança e comandava

as ações entre um mundo rural e um comércio exportador de matérias-primas. Respirava-se progresso e os comerciantes já utilizavam até publicidade nos jornais para vender os seus produtos.

No carnaval, tanto as pessoas que se fantasiavam como as que esperavam o cortejo vestiam-se a rigor, algumas delas em ternos, de linho, polainas e chapéus. Para usar um arlequim, os homens não dispensavam as botinas com cadarços amarrados até as canelas, a camisa de meia manga em tecido de malha e a camisa branca de esguião (espécie de tecido) de punhos engomados e com as abotoaduras. As mulheres usavam os espartilhos e o corpete para comprimir os bustos.

INDUMENTÁRIAS DA EUROPA

Waldeloir Rego conta que no carnaval de 1884, segundo documentos que dispõe no seu arquivo particular, a cidade se estendia da Vitória até o Porto da Lenha, na Ribeira, toda iluminada à luz de gás, e a sua população vestiu-se muito bem para brincar o carnaval. No ordenamento do cortejo dos clubes, em primeiro lugar, abrindo alas, as fanfarras (uma espécie de banda formada por pessoas que tocavam trompas e clarins) e logo depois a Comissão de Frente. Em seguida, vinham a figura mais importante do desfile, o Arauto (chefe do exército) e a corte, com a rainha, príncipes e nobres.

No ano seguinte, em 1885, começa a grande disputa entre o **Fantoches da Euterpe** e o **Cruz Vermelha**. O início foi pela imprensa: o **Cruz Vermelha** publicou um anúncio de um quarto de página no **Jornal de Notícias**, o mais influente da época, descrevendo a sua passeata e o **Fantoches** reagiu publicando o seu programa de festas em três colunas, satirizando, inclusive, o custo de vida.

Ambos vieram às ruas, segundo Hildegardes Viana, com préstitos magníficos e indumentárias procedentes da Europa: "O carro-chefe do **Cruz Vermelha** apresentava **A Fama**, cujo anjo, de pé, escudava o estandarte. O **Fantoches** simbolizava **A Aurora**, quando Febo, no seu carro de luz, começava a espalhar em torno da Terra (representada por uma esfera com a face da América voltada para cima) os seus primeiros alhores". Nesse mesmo ano, também desfilaram Os Cavalheiros de Malta, Clube dos Cacetes, Grupo dos Nenês, Clube das Petas, Clube das Fitas, Cavalheiros de Veneza, Conselheiros de Cupido, Clube da Pobreza, Críticos Carnavalescos, Diário das Petas e Comissão do Pilar.



TUCANO: POLÍTICOS PREJUDICAM SAFRA

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 24

01 A 15 DE SETEMBRO DE 1984 - Cr\$ 2.000,00

CADERNO ESPECIAL:
O prefeito José Falcão
promove a maior Exposição
Agropecuária do Nordeste

ANTÔNIO CARLOS
COM A FRENTE LIBERAL

PANORAMA
Um ano depois a
24ª Edição

SERRINHA

Centenas de vaqueiros vão mostrar sua arte

A cidade de Serrinha será palco de uma grande movimentação com a realização da XVII Vaquejada, um dos mais autênticos eventos que ocorrem no Nordeste, cujo encerramento está previsto para o próximo dia 9 de setembro.

A abertura será na manhã do dia 7 com a celebração de missa campal na presença de centenas de vaqueiros em seus trajes típicos, que se concentrarão na praça da Igreja Nova.

O Parque Fernando Carneiro está sofrendo obras de melhoramentos para receber os vaqueiros procedentes de vários Estados nordestinos que vão mostrar sua destreza, elegância e coragem na arte de dominar o boi.

O I Festival de Música Popular Brasileira da Região do Sisal, está definido para os dias 22 a 29 de setembro, numa iniciativa do compositor Carlos Pita e sob o patrocínio da Prefeitura de Serrinha.

Depois de relutar em patrocinar o festival, o prefeito Josevaldo Lima promete transformar o evento numa das maiores promoções culturais da região. O cantor serrinhense Zelito Miranda é uma das presenças certas como atração do festival.

BOA NOVA

Padroeira será muito festejada

O município de Boa Nova, no sudoeste baiano, festeja sua padroeira Nossa Senhora da Boa Morte, no dia 8 de setembro, com alvorada, missa solene concelebrada pelo bispo dom Cristiano Krapf, procissão pelas ruas da cidade e festejos populares.

O novenário começou dia 30 de agosto e terminará dia 7 de setembro. Também no Dia da Pátria, está prevista uma programação especial com alvorada, fogos de artifícios, repicar de sinos, hasteamento do Pavilhão Nacional, missa campal no Cruzeiro e atos cívicos em frente à Prefeitura Municipal.

Além dos atos cívico-religiosos, haverá uma série de atrações nos festejos populares, leilões e festa dançante no clube social. A comissão organizadora está formada por Fernando Oliveira Andrade (presidente), Agnaldo Oliveira Nápoli, Itamar Moraes, Latino Pithon Nápoli, Antônio Carlos Nápoli, Osmar Pithon Nápoli, Paulo Anselmo Pereira dos Santos, Agnário Neri Ferreira e Agnelo Ferreira Filho.

SANTO AMARO

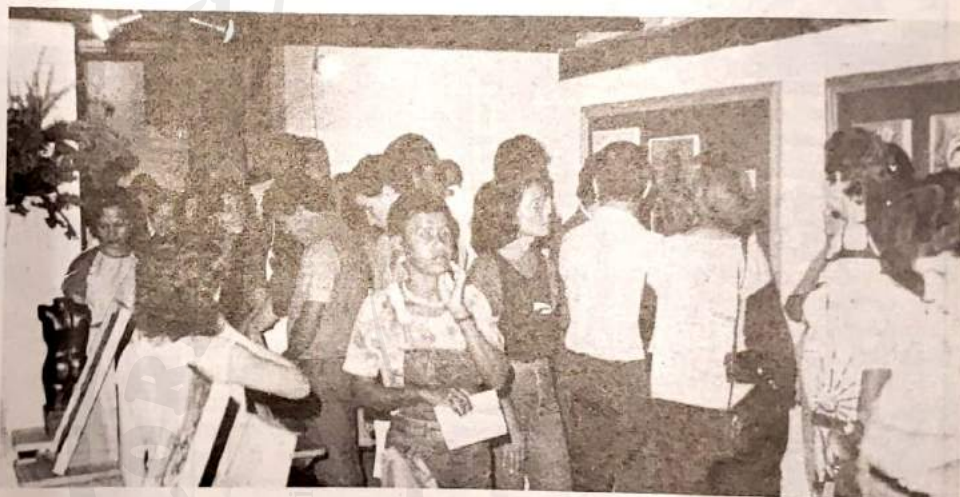
Faculdade pode funcionar em 85

Cresce a expectativa entre os jovens de Santo Amaro quanto à possível instalação e funcionamento da Faculdade de Educação da Uniba — União Inter-municipal de Cursos Superiores da Bahia, já a partir do próximo ano.

O prefeito Raimundo Pimenta já posicionou-se totalmente a favor da instalação da faculdade. Até o prédio para o seu funcionamento já está praticamente acertado, dependendo apenas de detalhes junto ao grupo que está elaborando o projeto de implantação do curso superior.

CACHOEIRA

Treze artistas mostram obras



A abertura da exposição foi bastante concorrida

Como parte das comemorações da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, a Sociedade para o Desenvolvimento Artístico e Cultural, a sub-Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Pró-Memória e a Prefeitura Municipal de Cachoeira promoveram, conjuntamente a "Mostra de Arte Cidade da Cachoeira", coletiva de 13 artistas baianos, no Museu da Sphan, no dia 18 de agosto.

Os trabalhos foram mostrados durante uma vernissage, com a presença dos artistas, saudados pelo representante da Sphan em Cachoeira, Rubens Rocha. No pátio externo do museu, foram exibidos filmes e slides, tocata e samba-de-roda pelo grupo Filhos de Nagô.

No sábado e domingo a exposição continuou para a visitação pública e apresentação de grupos folclóricos em praça pública. Comutantemente foi rea-

CASTRO ALVES

Conjunto terá 500 unidades

Por determinação do governador João Durval, a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social irá construir em Castro Alves um conjunto habitacional com 500 unidades. A medida beneficiará a cerca de 2.500 pessoas.

O prefeito Paschoal Blumetti, por sua vez, executará uma série de obras no setor de saneamento, eletrificação, transportes e saúde, após conseguir o apoio do governador, de quem conseguiu ainda a promessa de construção do terminal rodoviário no próximo ano, juntamente com a pavimentação que liga a cidade à rodovia BR-101.

lizada uma exposição fotográfica na Galeria Amanda Costa Pinto.

Quanto a festa religiosa de Nossa Senhora da Boa Morte prosseguiu normalmente seu calendário, destacando-se a missa de ação de graças, na noite de sexta-feira, dia 17, seguida de cortejo com a imagem da santa saindo da igreja da Ordem Terceira do Carmo, onde também aconteceu a sentinela, com todas as irmãs vestidas de branco.

No sábado, às 19:30 horas, houve missa de corpo presente, seguida da procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, com as integrantes da irmandade vestidas a rigor (túnicas pretas). No dia 19, a missa solene da Assunção de Nossa Senhora da Glória aconteceu às 10 horas, precedendo a procissão da ressurreição. Ao meio-dia foi oferecida uma feijoada a todos que foram ao largo D'Ajuda.

Dezoito meses de trabalho

Completando dezoito meses à frente da prefeitura de Irará, Alberto Pereira de Santana cumpre a sua palavra, dotando o Município de toda uma infra-estrutura que visa, sobretudo, a melhoria do padrão de vida dos seus habitantes. No último dia 19 de agosto, com a presença do presidente da Interurb, Antônio Sérgio Carneiro, do presidente do Consórcio Rodoviário Intermunicipal, Jonival Lucas, do secretário

de Dezembro, estudantes, professores e pessoas da comunidade. Logo após, os representantes do governo estadual foram homenageados por alunos, que apresentaram um autêntico samba-de-roda, manifestação folclórica muito difundida na região.

NOVO ASPECTO

Encerrada a apresentação folclórica, a comitiva se deslocou para a sede



Alberto de Santana reafirma compromissos



A praça do Lazer, em Irará: mais um empreendimento da Interurb.

da Educação e Cultura, Edivaldo Boaventura, foram entregues várias obras da administração Alberto Santana, como escolas, pavimentação de ruas, além da praça do Lazer, na sede.

Na localidade de Bento Simões foram inauguradas mais seis salas de aula do prédio Mário Campos Martins, dando prosseguimento ao plano do Governo do Estado de criar mais escolas no interior da Bahia. Na oportunidade, houve hasteamento das bandeiras nacional, estadual e municipal, por Edivaldo Boaventura, Antônio Sérgio Carneiro e Jonival Lucas, respectivamente. A solenidade contou com a participação da Sociedade Musical 25



Prefeito Alberto Pereira de Santana: um balanço da administração.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 2 - Nº 14

30 DE MARÇO DE 1984 - R\$ 1.500,00

Chuva cai,
mas falta
semente.

Aventura: atravessar o
Amazonas em um barco.



Camilo e Deonísio inaugurando



Competições esportivas na inauguração

Clube ganha piscina

O presidente do Banco do Nordeste, Camilo Calazans, inaugurou esta nova área de lazer do BNB-Clube.

Ao inaugurar o parque aquático do BNB-Clube, no último dia 24, nesta cidade, o presidente do Banco do Nordeste do Brasil, Camilo Calazans, usou da palavra para afirmar que o estabelecimento bancário que dirige situa-se atualmente entre os maiores do país, cumprindo seu objetivo maior de gerar empregos e combater a recessão.

Camilo Calazans fez questão de frisar que o Banco do Nordeste foi quem apresentou, no ano passado, "a melhor performance entre as instituições oficiais nos últimos anos". Além de ter sido homenageado na semana passada em Salvador por empresários baianos com uma Medalha de Ouro comemorativa dos 30 anos de criação da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, o presidente do BNB participou da 9ª Reunião do Conselho de Administradores do BNB, realizado no Hotel Meridien, reunindo 211 gerentes regionais e de agências e chefes de departamentos.

Ainda em Salvador, Camilo Calazans anunciou que as aplicações este ano deverão atingir a casa dos Cr\$4 trilhões, com tendência a ser um valor maior por tratar-se de uma previsão inicial. Tudo vai depender da capacidade de captação de recursos externos pelo banco. Para ilustrar, ele disse que as aplicações de 1983, em relação ao ano anterior, registraram um crescimento da ordem de 183 por cento.

O presidente do BNB chegou à sede do clube ladeado por empresários, políticos e funcionários do banco, sendo saudado pela banda de música do 1º Batalhão da Polícia Militar de Feira de Santana.

Após cortar a fita inaugural, Camilo Calazans foi recepcionado pelo diretor do clube, José Francisco Sobrinho, que enalteceu suas qualidades à frente do banco. Depois foi presenteado com um jaleco de couro com o logotipo da instituição e um quadro. Também foi homenageado com uma apresentação especial da dupla de repentistas

feirenses Caboquinho e João Crispim seguido de provas de natação e coquetel.

Depois de descerrar a placa indicativa da inauguração do parque aquático que leva o seu nome, o presidente do BNB agradeceu as homenagens e destacou a importância do trabalho que o banco desenvolve em favor da região, ressaltando a atenção especial que dedica a Feira de Santana dada "a importância do empresariado".

Camilo Calazans veio a Feira após passar alguns dias em Salvador. Ele chegou pela manhã e almoçou na residência do empresário José da Costa Falcão, indo em seguida para o BNB-Clube acompanhado pelo prefeito José Falcão, deputado federal Wilson Falcão, ex-prefeito Newton Falcão, presidente do Centro das Indústrias, Alfredo Falcão, e o presidente da Associação Comercial, Osvaldo Otton, além de empresários e homens de banco.

PANORAMA



BAHIA ARTES GRÁFICAS — ANO 1 — Nº 16

04 DE MAIO DE 1984 — Cr\$ 1.500,00

Desperdício
dentro do país

Classe média mais
atingida pela
política salarial

Caldas de Cipo,
milagrosas águas
do sertão

CHARLES

argentino que virou baiano.

Luzes da maior festa de Feira: a Micareta.



Falcão: a maior micareta do mundo.



Itaracy: uma festa nacional.



Decoração homenageia cem anos de Carnaval na Bahia

A decoração do "Carnaval de Abril" — a Micareta 84 de Feira de Santana, foi inaugurada no último dia 25, à noite, ou seja três dias antes do início da maior festa popular do interior da Bahia. Para marcar o evento a Secretaria de Turismo do Município (Setur) reuniu representantes da imprensa local e de Salvador, num coquetel servido no Feira Pálace, que contou ainda com as presenças da rainha do Micareta 84, Norma Lene, das princesas Mara Ramos e Antônio Bezerra Alves, do prefeito José Falcão da Silva, do secretário de Turismo Itaracy Pedra Branca e outros secretários municipais. Confiante no êxito da festa, que a cada ano ganha mais prestígio no cenário nacional, o prefeito José Falcão disse, empolgado, que "em Feira se realiza a maior Micareta do mundo".

A decoração foi adaptada da utilizada em Salvador, no Carnaval passado. Segundo o prefeito, além de ser uma medida adotada para baixar os custos da festa, na sua opinião foi também uma forma de homenagear os Cem anos de Carnaval da Bahia. Ao todo são duzentas e quarenta peças, mais vinte mil lâmpadas que estão ornamentando os principais pontos de concentração da folia nos cinco dias de Micareta. A avenida Getúlio Vargas foi transformada numa passarela de cem metros, onde foram instalados estrategicamente vários spots, "com a finalidade de realçar os

desfiles que ali serão realizados", informa o secretário Itaracy Pedra Branca.

UMA FESTA NACIONAL

O objetivo da Setur é transformar a famosa Micareta de Feira de Santana numa festa nacional, assim como é a Festa da Uva, no Rio Grande do Sul, ou a Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém, citadas como exemplos pelo secretário Itaracy Pedra Branca. Ele disse que para isso a Setur tem desenvolvido esforços no sentido de divulgar amplamente o evento utilizando todos os meios de comunicação do país, além de trazer para a Micareta atrações como escolas de samba do Rio de Janeiro, a exemplo da Beija-Flor de Nilópolis, que desfilará no sábado de Micareta, com participação do carnavalesco Joãozinho Trinta, da modelo Piná e o figurinista Jesus Henrique; de Salvador virá o afoxé **Filhos de Gandhi**, com um grande número de figurantes e sua bateria completa. A festa vai contar ainda com a presença de vinte e dois trios-elétricos, além de blocos, escolas-de-samba e afoxés locais.

O secretário de Turismo informou também que a cidade hoje dispõe de uma infra-estrutura completa para receber o maior número de turista possível e lembrou que os foliões poderão se hospedar na capital e vir brincar a Micareta, já que Feira fica apenas a uma hora e meia de Salvador.



Encenação da primeira missa

Festa do descobrimento

Juntamente com o Mobral, a Bahiatursa apoiou os eventos relacionados com o Descobrimento do Brasil, em Santa Cruz Cabrália, entre os dias 19 e 26 de abril. No dia 19, Dia do Índio, houve projeção de filmes educativos na praça principal da cidade. Como também apresentação de uma dança de índios, coreografada e encenada por representantes da tribo Pataxó.

Dia 20, no Museu da Cidade Alta, em Porto Seguro, foi feita uma palestra sobre o descobrimento. Dia 21, apresentações de danças indígenas. Dia 22, apresentações de números de dança e música pelos Pataxós. Dia 24, show variado — festival de música, encenação de peças teatrais e outros — na praça principal de Santa Cruz Cabrália.

Dia 26, encenação da celebração da primeira missa em Santa Cruz Cabrália, com o Auto da Terra de Vera Cruz. À noite, houve jantar de confraternização.

Quase no fim da viagem pelas praias do sul da Bahia, chega-se ao

berço da terra. Porto Seguro é um monumento da história, a 707 quilômetros de Salvador e 300 quilômetros depois de Ilhéus. O mar infinitamente azul banha 92 quilômetros de praias e reflete a luz forte do sol. Os bares e as ruas estão sempre cheios de uma gente buliçosa, tostada, muito bonita, que às vezes convive com o Pataxós, povo índio que assistiu a chegada dos portugueses. Os velhos monumentos, imponentes, transportam quem chega à cidade ao tempo do descobrimento do Brasil.

O grito de descoberta da Ilha de Vera Cruz, sugerido pela presença de folhas, aves e pela imponente silhueta do Monte Pascoal, ainda ressoa, mais de 480 anos depois, nas praias, no ar, na cidade de Porto Seguro. No palco inicial da vida brasileira, a história está presente em cada lugar. Tudo remete àquele instante original, ao fantástico encontro entre brancos e índios. Os visitantes têm um encontro marcado com o princípio de tudo em Porto Seguro. Ali começa o Brasil.

Corredores sem apoio

Partem para a pista na busca de uma boa colocação e o sonho de chegar às Olimpíadas de Los Angeles.

Cinco corredores feirenses deverão participar no próximo dia dois de junho, no Rio de Janeiro, com saída e chegada no Leme, da V Maratona Atlântica/Bradesco, que vai apontar os dois representantes brasileiros para as Olimpíadas de Los Angeles, em julho, nos Estados Unidos. Nesta prova, o melhor do atletismo nacional estará reunido, a exemplo de João da Matta (vencedor da última São Silvestre), Edson Bergara, Elóy Schleder, Antônio Celso Silveira e Euclides Forjado, figuras expressivas entre os corredores do país.

As dificuldades são muitas, e a diferença de índice técnico também chega a ser gritante, comparando-se o atletismo nordestino com o do Sul do país, porém a turma daqui vai firme para o Rio, com o objetivo de tentar melhorar suas marcas.

Dos feirenses que vão correr, o que tem mais experiência e sucesso em provas nacionais é Edvaldo de Jesus Reis, o Bode, que venceu em dois anos seguidos — 82 e 83 — a Maratona da Printer, disputada no Rio, fazendo parte do calendário nacional da Confederação Brasileira de Atletismo, com o atleta tendo característica principal de fundista. Outro participante de larga experiência é

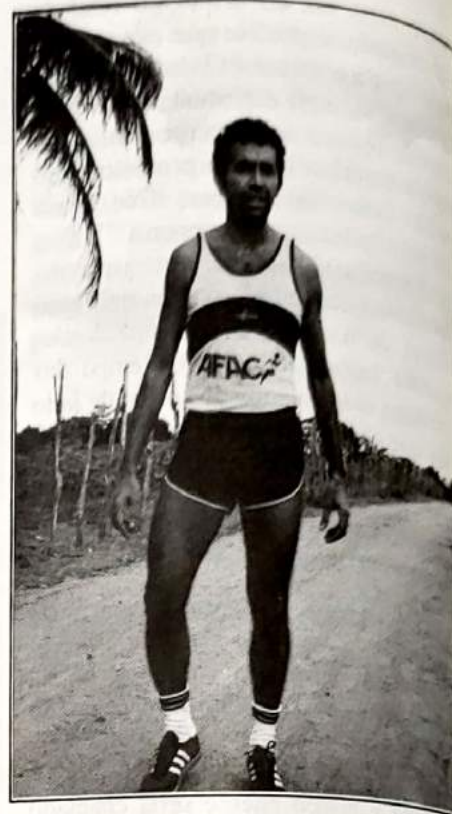
Norval Batista Cruz, 27 anos, corredor do Sesi/Feira, colocado na 14ª posição do ranking nacional, somando 138 pontos, conforme dados publicados pela revista Viva. Porém, com Norval ocorre o problema dele não ter característica de fundista, estando a nível de mini-maratona, com 21 quilômetros de percurso, a metade de uma maratona. Por isso mesmo, conforme afirmou seu treinador, Admilson Santos, a prova não estava incluída em seu programa de treinamento. Desta forma, a presença de Norval só será assegurada se ele vencer a eliminatória baiana, a ser realizada dia dois de maio, em Salvador, pois o vencedor dessa prova terá passagem e hospedagem paga para competir no Rio. Os planos de Norval e Admilson é passar a competir em maratona nos próximos dois anos. Os outros participantes serão Antônio Carlos Rocha, Carlos Alberto Pedreira e João Lima Neto.

PROBLEMA

O atleta que tem mais condições de conseguir uma melhor colocação na maratona carioca é Edvaldo Reis, porém ele está com muitos problemas, saindo de uma parada de cinco meses, motivada por um estirão na virilha, tendo retornado aos treinamentos em março passado, correndo em média 25 mil metros diários. O treinador de Bode, Valdeck Azevedo, disse que o atleta ainda está fazendo um trabalho de base, com objetivo de retornar à forma, começando a fazer treino específico a partir do dia 24. Assim, Valdeck acredita que o atleta terá melhor condicionamento físico em julho, quando for disputar a Maratona da Independência, em Salvador, que dará ao baiano que chegar na frente uma passagem para participar da maratona de Nova Iorque, em outubro, além do primeiro colocado geral receber Cr\$1,2 milhão de prêmio.

Além de ter ganho duas competições da Printer, Edvaldo de Jesus venceu em 82 a eliminatória baiana para a São Silvestre, fazendo dobradinha com Norval. Também em 82, ele foi o segundo do Norte/Nordeste nos três e dez mil metros, com provas disputadas em Recife. Em 81, Edvaldo ganhou a corrida do Jubileu de Prata da Ceplac, com percurso de Itabuna a Ilhéus, tendo recebido na época Cr\$100 mil. Também Norval Cruz conseguiu bons resultados em provas pelo Brasil, além de ter ganho no ano passado o Campeonato Baiano dos cinco e dez mil metros. Em maio de 83, ficou em quinto lugar no Troféu Brasil, em São Paulo, correndo cinco mil metros. No Campeonato Brasileiro Universitário, em Belo Horizonte, em julho do ano passado, ficou em quarto, também nos cinco mil. Chegou em sexto lugar no Campeonato Brasileiro Adulto, no Rio, em setembro de 83, além do quarto lugar nos três mil metros com obstáculos, em Belo Horizonte.

Na faixa pré-veteranos vão participar Antônio Carlos Rocha e Carlos Alberto Pedreira, todos atletas da AFAC — Associação Feirense de Atletas Corredores. Antônio Rocha, esse ano, das três provas que disputou pelo Campeonato Baiano



Antônio Carlos: legalizar a AFAC

venceu todas, em sua categoria, bem como já foi vencedor do Circuito Itaigara, Ciclovía de Pituaçu e Meia-Maratona Piter Donald. Já Carlos Alberto venceu um circuito em Pituaçu, tirou segundo lugar na Volta ao Dique, terceiro na corrida Cidade do Salvador, Troféu João Durval Carneiro, e no Cross Country.

APOIO

De todos os atletas que se dispõem a participar da prova do Rio de Janeiro pode-se ouvir uma só queixa: falta de apoio. A excessão de Norval, os corredores se propõem a pagar do próprio bolso para ir ao Rio, caso não consiga vencer a eliminatória de Salvador. Admilson Santos, por exemplo, chama a atenção que os atletas de Salvador já estão todos com patrocinadores, enquanto em Feira, ninguém se dispôs a ajudar, embora os atletas sempre consigam resultados expressivos.

Por isso mesmo, dentro de breves dias a AFAC vai ser uma entidade reconhecida, existindo estatutos próprios e uma diretoria. Segundo o corredor Antônio Carlos Rocha, que está à frente do órgão, com a legalização espera que os empresários se disponham a colaborar, pois muitos deles alegavam que não podiam ajudar porque não havia um órgão representativo.

Outra reivindicação de Rocha é no sentido do poder público criar condições de treinamento, dando, inclusive, a sugestão de que seja construída uma pista de corrida no canteiro central da avenida João Durval Carneiro, antiga Anchieta, que deverá ser pavimentada. Outra esperança do atleta é de que a nova Vila Olímpica dos Amadores destine um lugar para os corredores, pois o único local da cidade apropriado para corrida, o Jôia da Princesa, não é cedido, embora não onere em nada seu uso, pois nem o gramado é utilizado, só a pista.



Edvaldo já venceu duas provas no Rio de Janeiro

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS

1 A 14 DE AGOSTO - Cr\$2.000,00

Quando Pedro Mêlo
Artes do
Moreira da Cruz
Memória imagem imaginária

BOA MORTE

FESTA NEGRA

FALTA TETO PARA MORAR

Festa da Boa Morte

Uma centenária manifestação cultural em que negras baianas agradecem a liberdade de um povo, conseguida a duras penas.

A histórica Cachoeira, talvez a mais mística e negra cidade baiana, vive todos os anos, em agosto, uma das mais ricas e significativas manifestações culturais do Recôncavo: a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Celebrada desde os primórdios do movimento abolicionista, a festa preserva, ainda hoje, seus traços característicos, individualizados, marcados pelo sofrimento de um povo que lutou para alcançar a sua liberdade.

Agradecer a Nossa Senhora a liberdade conseguida a duras penas é, de fato, o significado maior dessa festa, organizada pela Irmandade da Boa Morte — uma sociedade exclusivamente feminina, formada por mulheres geralmente de meia-idade e descendentes de escravos. As irmãs se dedicam de corpo e alma à devoção e têm a realização da festa como um de-



Manifestação sincrética do afro com o catolicismo

ver, uma obrigação que deve ser cumprida a cada ano, para pagar a promessa feita por seus ancestrais.

As cerimônias se revestem de extraordinária riqueza, desde os trajes especiais e jóias que as mulheres usam a cada dia, até as ceias oferecidas na casa da Irmandade e o samba-de-roda, que caracteriza a parte profana da festa — que, este ano, se inicia no próximo dia 5, com a eleição da comissão encarregada de organizar os festejos do ano seguinte, prosseguindo no período de 16 a 22 de agosto, com missas, procissões e rodas de samba.

Os registros históricos não precisam a data inicial da festa. Sabe-se, contudo, que a devoção existiu em várias igrejas e conventos de Salvador, que celebravam a "procissão do Enterro da Senhora" ou "procissão de Nossa Se-

nhora da Boa Morte", costume herdado de Portugal. No livro **Bahia — Imagens da Terra e do Povo**, o escritor Odorico Tavares registra o início do culto, na igreja da Barroquinha — em Salvador, destruída por um incêndio no início deste ano —, por volta de 1820, e desaparecendo com o progresso.

Odorico Tavares explica que os jêjes, quando se deslocaram da capital para o interior, levaram para Cachoeira a devoção e a festa de Nossa Senhora da Boa Morte — na verdade, uma manifestação sincrética do culto afro com o catolicismo, surgida a partir da promessa, feita pelas negras escravas, de celebrar a festa quando viesse a liberdade. "A promessa", dizem as irmãs, "foi feita antes da abolição (fim da escravatura), porque elas já esperavam, mas pediam a Deus que chegasse logo aquele dia. Quando alcançassem a liber-

dade, a festa então explodiria em agradecimento".

Mas a festa não começou antes da Abolição, pelo menos em Cachoeira. Dizem as irmãs que nesse período — cerca de 68 anos, entre a organização da Irmandade, por volta de 1820, e a decretação da Lei Áurea, em 1888 —, as escravas faziam um ritual afro secreto e não existia a parte católica. "Elas faziam a novena delas e o samba-de-roda, até que pudessem alcançar a liberdade e celebrar a missa católica".

MUITA DEVOÇÃO

Sociedade fechada, fiel zeladora das tradições culturais enraizadas, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte guarda ainda os traços fortes de sua origem, como a admissão exclusiva de mulheres idosas e negras em seus quadros, tradição que continua sendo



Velando Nossa Senhora da Boa Morte



A rica indumentária das "irmãs"

seguida religiosamente. Até o fim da escravidão, as irmãs mantiveram a tradição distante de possíveis modificações em sua estrutura, fato observado ainda hoje pelas ricas características de uma criação popular preservada em sua pureza, beleza e autenticidade, apesar das origens modestas e do sistema religioso imposto, desde os primeiros tempos, no Brasil.

O quadro da Irmandade, que já contou com a participação de cerca de 200 mulheres, segundo depoimento das mais velhas, reúne hoje cerca de 40 irmãs provenientes não só de Cachoeira, mas de outras cidades do Recôncavo, como São Félix, Maragogipe, Muritiba, Santo Amaro e até mesmo Salvador. Para entrar na Irmandade, é preciso, antes de mais nada, muita devoção a Nossa Senhora da Boa Morte. Geralmente, as mulheres devem estar na faixa acima dos 40 anos, porque a partir dessa idade, segundo as irmãs, começam a perder o interesse material e sexual, fortalecendo o espiritual e a dedicação, de corpo e alma, à devoção.

A candidata à Irmandade fica em observação durante três anos, quando as irmãs mais velhas, além de lhe transmitir os ensinamentos, observam o seu procedimento e avaliam sua responsabilidade. Nesse período, a iniciante é chamada "irmã de bolsa" e tem como função ajudar nos preparativos da festa, principalmente no recolhimento de donativos, sem contudo ter direito ao uso das vestes tradicionais da Irmandade durante a festa, quando se apre-

sentam todo o tempo de branco, com a tradicional roupa de baiana. Após os três anos de observação, a candidata atinge o **status** de irmã.

JÓIAS E RAINHAS

A Irmandade da Boa Morte, enquanto instituição, não possui bens materiais. Sua riqueza maior está na devoção e preservação do culto, embora nos primeiros tempos muitas irmãs possuissem jóias de grande valor, que não se sabe exatamente como foram adquiridas — entre a população, correm duas versões: a primeira, negada veementemente pelas irmãs, conta que as escravas pertencentes à instituição gozavam de grande prestígio entre os senhores de engenho, que as presenteavam com ouro e brilhantes; a segunda versão diz que todo o patrimônio original das escravas foi comprado por elas, o que é difícil de aceitar-se, já que se tratava de pessoas sem grande poder aquisitivo.

Atualmente, são poucas as irmãs que possuem peças antigas, estilo africano, pois muitas foram obrigadas a se desfazer desses bens por dificuldades financeiras e até mesmo para custear festas passadas. Além da casa no largo da Ajuda, que abriga a entidade, o patrimônio da Irmandade é constituído de uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que data do século XVIII, de valor inestimável. Do patrimônio original, restam as jóias que foram adquiridas e encontram-se em exposição no

Museu das Alfaias, em Cachoeira, e no Museu Costa Pinto, em Salvador. Entre estas peças, destacam-se uma coroa de prata banhada em ouro, um par de brincos cravejados em brilhantes, um peitilho com 370 diamantes, um resplendor de prata e ouro com ametista, um par de sapatos de ouro, pulseiras escravas e um broche de prata.

TRAJE DE GALA

Restam hoje, entre os poucos pertences das irmãs, apenas os trajes com que participam da festa, motivo de grande orgulho: quando vestem sua roupa de gala ou a indumentária de baiana típica, as negras baianas desfilam pelas ruas de Cachoeira como se fossem autênticas rainhas. O traje de baiana todo branco (camizu em richelieu, bata bem larga em tecido fino e trabalhada, saias bem armadas, chinelas em couro branco, oja de cabeça engomado com detalhes de richelieu e pano da costa bordado) é usado durante o cortejo de Nossa Senhora, na sexta-feira, e na ceia branca. Neste dia, elas não usam jóia alguma, nem adereços, apenas as guias dos orixás e o traje branco, que no candomblé significa luto — afinal, é um dia de resignação e respeito em reverência à Senhora Morta.

A indumentária de gala, característica da Irmandade, tem muitos significados e detalhes em acessórios com intenção marcante. É um traje em preto, branco e vermelho, que representam as

UM FIM-DE-SEMANA PRA FICAR NA HISTÓRIA



Pegue sua mulher e seus filhos, convide seus parentes e amigos, e faça uma festa em Cachoeira, o mais precioso monumento colonial do interior da Bahia.

Gente de todos os cantos está chegando para conhecer a opulência e riqueza dos sobrados, monumentos e igrejas construídos nos séculos XVII e XVIII, e descobrir a história cheia de emoções desta cidade colorida.

Em Cachoeira você tem atrações para curtir dia e noite. O extraordinário acervo de arte religiosa e mobiliário nos museus, relíquias arquitetônicas do Brasil Colônia, a Ponte Dom Pedro II - inaugurada pelo Imperador, em 1885 -, a natureza às margens do Rio Paraguaçu, e até mesmo a moderna barragem de Pedra do Cavalo.

O porto de Cachoeira foi um importante centro comercial por mais de dois séculos. Através dele foram exportados os diamantes de Lençóis, o ouro de Rio de Contas e as pedras preciosas de Minas Gerais. Por ele também eram importados os produtos europeus para o sertão da Bahia.

À noite essa festa ganha luzes e música. Muita alegria e animação nos largos, barzinhos e restaurantes típicos onde acontecem autênticos sambas-de-roda e serestas improvisadas.

Os hotéis da cidade oferecem diárias econômicas, boa comida e muito conforto. Veja como a gente de Cachoeira é hospitaleira. Tem sempre alguém interessado em mostrar o que de melhor existe, contar lendas e tradições passadas de gerações em gerações.

Prove da maniçoba, o prato mais famoso da região. A culinária é rica em deliciosos quitutes preparados com saber e muito carinho. As batidas e sucos de frutas deixam todo mundo com vontade de pedir mais.

Tudo isso pertinho de você. Ao contrário dos turistas que vêm de longe para curtir Cachoeira, você não precisa andar muito para fazer o fim-de-semana mais gostoso de sua vida. Um fim-de-semana que vai ficar na história.

EM CACHOEIRA CONTE COM A GENTE:

RESTAURANTE GRUTA AZUL
Praça Manoel Vitorino, 2

**POUSADA E RESTAURANTE
RECANTO DE OXUM**
Rua 25 de Junho, 4

POUSADA E RESTAURANTE PAI TOMÁS
Rua 25 de Junho, 12

BAR E RESTAURANTE BEIRA RIO
Praça Teixeira de Freitas, 19

COLABORAÇÃO:

REGIONAL DE BEBIDAS LTDA.



cores "áfrico", como explicam as irmãs. A saia é preta e plissada; o camizu ou camisa de crioula é todo em richelieu, engomada e branca; uma outra blusa é usada, pois, com os largos e barrocos bordados do richelieu, boa parte dos seios ficava de fora. Outra peça importante é o pano da costa em veludo preto com forro de cetim vermelho e o torço — oja branco, comum, bordado em richelieu.

No dia do sepulto, as irmãs usam o traje de gala com as cores preto e branco (a parte vermelha do pano da costa fica para dentro). Neste dia elas também não usam jóias. No dia da procissão da Glória, a roupa de gala é novamente usada, desta vez mostrando a parte

Cerqueira Santos, "é de princípio, uma tradição que os mais velhos ensinaram". A primeira ceia acontece numa sexta-feira à noite (dia 17, este ano), depois dos atos solenes na igreja Matriz. A segunda, se realiza no domingo (dia 19), depois da procissão da Glória, quando as irmãs oferecem para o almoço uma feijoada e dão início à parte profana da festa, com muito samba-de-roda. Na segunda-feira, é dia do cozido, com todas as verduras da região; e na terça-feira, o caruru e o mungunzá são disputados pela comunidade à noite, em meio a animadas rodas de samba.

A ceia de sexta-feira é caracterizada



A tradição da mesa farta para os convidados

vermelha, significando alegria pelo vivo da cor, além de referência às cores de Omulu — vermelho e preto — e Iansã — vermelho. Nesse dia, elas também usam muitas jóias, numa referência a Oxum, que é sincretizada com Nossa Senhora da Glória. É dia de botar muito ouro, muita grandeza.

CARURU E MUNGUNZÁ

As ceias oferecidas à comunidade pela Irmandade da Boa Morte têm um significado muito especial dentro da festa. Em cada noite, as irmãs servem diferentes iguarias, seguindo um ritual que, de acordo com a irmã Maria José

como ceia branca, seguindo uma tradição afro, de não se comer dendê neste dia, por ser dedicado a Oxalá. Tem o mesmo significado da ceia da sexta-feira da Paixão, quando se faz jejum e abstinência de carne. A ceia é sentimental, pois todos têm que guardar aquele dia, demonstrando pesar pelo desaparecimento de Nossa Senhora. O branco é sinal de sentimento, amor, paz, e tranquilidade para todos. Nas ceias dos outros dias, o clima já é de festa e alegria. "É um regozijo porque Maria já foi para a Glória", explicam as irmãs. Daí as rodas de samba, a animação, os cantos, o lado profano e alegre da programação.

AVENTURA



NO ATLÂNTICO

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRAFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 26

01 A 15 DE OUTUBRO DE 1984 - Cr\$2.000,00

PORTE PAGO DR / BA AUT. ISR - 44 - 428 / 83

Rádio Subas

Av. Getúlio Vargas,

Feira de Santana - Bahia



Universidade Estadual de Feira de Santana
Museu Casa do Sertão

Biblioteca Senhorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão

Doação Recebida: FRANKLIN MAFALDO

Data:/...../..... 2008

SÃO SEBASTIÃO

**URNAS CONFIRMAM
JACILDO PREFEITO**

ILHÉUS / ITABUNA
A FESTA DO CACAU

Atrações da festa

O agropecuarista que participou da X Exposição de Feira de Santana encontrou no Parque João Martins da Silva praticamente tudo que ele precisa para a vida no campo, um maravilhoso mundo que cada vez mais redescobre meios para sanar deficiências — principalmente em regiões como a nordestina, onde a seca vem devastadora — ou mesmo coisas que são consideradas supérfluas.

Costumes milenares são mostrados, como é o caso da irrigação e também o biodigestor chinês ou indiano. Mas a tecnologia chega ao campo, e durante a exposição pelo menos dois **stands** mostraram aos fazendeiros novas alternativas, como a utilização de computadores e também de comunicação rural com modernas aparelhagens. Além disso, não faltou a presença de técnicos em inseminação artificial, um método moderno que vem possibilitando aprimoramento cada

ção de custos.

Mas o biodigestor não funciona somente como alternativa energética. Produz também o biofertilizante, que é o resíduo expelido após o processo de fermentação. É um ótimo adubo, rico em alimentos para as plantas, principalmente fósforo e nitrogênio. Não tem cheiro e não oferece perigo à saúde, podendo ser utilizado em lavouras, pastagens, pomares e hortaliças, como garante o agrônomo Lucílio Souza Flores, da Ematerba. Dentre as matérias-primas, o esterco de galinha é o que fornece melhor índice de produção de biogás. Enquanto com dez quilos de esterco fresco de bovino, cavalo, ovelha e búfalo se consegue 0,40m³ de gás, apenas um quilo de esterco de galinha produz 0,43m³. Maiores informações sobre o funcionamento e instalação de biodigestor podem ser conseguidas em qualquer escritório do órgão estadual,

ali. Também foi alvo de olhares curiosos um boi medindo pouco mais de um metro de altura.

Mas em termos de diversão, a briga dos bancos em oferecer melhores opções aos clientes proporcionou um bonito e interessante espetáculo. No primeiro dia da mostra, o Bamerindus deslocou até o parque um **halão** inflável, atraindo todas as atenções. Encerrando a festa, foi a vez do Baneb apresentar a Turma da Mônica, com personagens infantis criados por Maurício de Souza. Ainda foi visto no parque apresentação de cães amestrados, provas hípias e também um circo de touros. Por parte da Prefeitura, todas as noites foram apresentados diversos **shows**, com destaque para Maria Alcina e Genival Lacerda.

Durante quatro dias, foram realizados vários julgamentos dos animais expostos no Parque João Martins da Silva, envolvendo equídeos, gado europeu, zebuínos, caprinos, suínos, ovinos, bubalinos e raças diversas. No final, foram distribuídas cerca de 200 premiações, destacando-se os grandes campeões e reservados de cada raça.

Vários criadores se destacaram em determinadas raças. Na Jersey-PO, o destaque foi Evandro José Neves, da fazenda Faceira, localizada em Feira; na holandesa (vermelha e branca e preta e branca) sobressaiu-se Almiro Daltro, da fazenda Reunidas Boa Lembrança, no município de São Gonçalo dos Campos; a Normanda-PO foi totalmente dominada pelo espólio de Décio Carvalho, fazenda Recreio, de Serra Preta; Alberto Gentil Magalhães, fazenda Boa Sorte, município de Itaberaba, também dominou a raça Santa Gertrudis-PO; a Nelore não teve uma hegemonia de um só criador, havendo grande diversificação — a grande campeã da raça foi de propriedade de Mário de Campos Cordeiro Júnior, enquanto o animal de Antônio Florivaldo Tarzan Carneiro Lima foi o grande campeão —; na Guzerá, domínio de Ângelo Calmon de Sá, fazenda Santa Maria, em Feira; Vespaziano Gomes dos Santos, da fazenda Jeribá, município de Planalto, dominou a raça Schwyz-PC.

Por parte dos equídeos, nas raças Mangalarga, Pêga, Campolina, PSI e Árabe, verificou-se grande diversidade de criadores. Nos caprinos, o grande destaque foi para Arzênio Sampaio Barreto, da fazenda Pau da Rola, de Feira de Santana.



Um rodeio chamou muitos curiosos

vez maior à linhagem dos rebanhos, alcançando resultados extremamente satisfatórios.

Embora métodos modernos exerçam grande fascínio, um ponto interessante da exposição foi a utilização de uma coisa bem antiga, o biodigestor, que funciona como alternativa energética para o homem do campo, utilizando a matéria-prima mais elementar no meio rural, o esterco animal, que através de fermentação em fossas especiais, chamadas digestores, produzem um gás combustível, o metano, capaz de substituir os combustíveis sólidos e líquidos, além do próprio gás butano (utilizado em fogão) e da energia elétrica, significando enorme redu-

ção de custos, que fornece um levantamento dos custos de uma construção, apoiando tecnicamente também.

Durante uma semana, além dos negócios, a exposição de animais também foi palco de uma grande festa, onde teve de tudo, desde palhaços para alegrar as crianças até um grande susto, como o ocorrido no último dia, quando um boi escapuliu e entrou numa barraca derrubando mesas e apavorando a todos. Não faltou também o já folclórico boato de que estava sendo exposto um sapo enorme, que precisava ser preso a uma corrente. Os curiosos rodaram o parque inteiro procurando-o, mas ficaram na ilusão de que o suposto animal esteve

Lucas entra em cena

O herói-bandido vai ser mostrado pela força da dança e da música, quando sua vida será contada no palco, num balé especialmente criado e montado para reviver a lendária figura do fugitivo escravo.

Ele já foi personagem de literatura de cordel, teatro, pintura, ensaios e ainda hoje é motivo de muita polêmica entre os estudiosos, depois de ter sido levado à forca em praça pública, por volta de 1849. Agora, Lucas Evangelista, ou o lendário Lucas da Feira, entra na dança. Um misto de herói e bandido vai servir de tema para o Grudefs (Grupo de Dança da Earte) montar o balé "Lucas da Feira", com estréia marcada para o início de outubro, no Teatro Municipal de Feira de Santana.

Lucas é o símbolo da raça negra, define Carlos Pita, responsável pela criação da trilha sonora deste espetáculo de dança afro-brasileira. O compositor feirense concorda que existem aqueles que preferem ver Lucas como herói, enquanto outros o acusam de bandido. Pita não concorda por entender que Lucas foi "uma pessoa arrancada de suas origens para ser transformado num oprimido".

Lucas deve ser visto não simplesmente como um fato local, mas a nível de uma dimensão universal. "O espetáculo não levanta bandeiras — adianta o artista —, mas tenta mostrar a trajetória de Lucas". O coreógrafo Firmino Pitanga, diretor do espetáculo, entende que "a proposta do trabalho é mostrar até onde o negro chegou, dançando samba, soul, rock, tango e agora o break", traduzindo através da música, gestos, palavras e sons "os elementos significativos de sua raça", completa Pita.

Tudo começa com os dançarinos formando uma cena representando uma gestação, "como se fosse a mãe África



A. C. Magalhães

Movimentos que lembram o negro escravo

parindo", explica o diretor. Pitanga concebeu a coreografia de "Lucas da Feira" traçando um perfil do negro desde a África, desembocando na opressão, sem deixar de mostrar aspectos da resistência. Ele considera que o autor da trilha sonora foi muito feliz colocando a capoeira de Angola, que considera de "uma riqueza fantástica".

SÍMBOLOS

Vivendo dentro de um ambiente **re-consertanejo** — numa referência ao Recôncavo e ao Sertão — na expressão de Carlos Pita, o espetáculo é conduzido para mostrar símbolos da terra e um Lucas mais personificado. Depois é a vez do mito, descrevem os artistas. É na tradicional feira-livre, onde o cego canta a odisséia de Lucas, dando notícias, como manda o costume sernatejo. O cantor feirense Tonho Dionorina fará o papel do cego, cantando os versos do "ABC de Lucas da Feira", supostamente de autoria do antigo escravo que foram adaptados em sextilhas pelo poeta baiano Rodolfo Coelho Cavalcante.

Por fim, a força, quem sabe, a libertação do negro Lucas. Os mentores do espetáculo preferem ver Lucas como "vítima de todo processo de exploração", embora procurem colocar "a pureza, o sonho" nos passos da dança, uma vez que "o negro é visto como marginal", como observa Pitanga. Ao contrário, na visão do espetáculo que está para estreiar, "Lucas é colocado como símbolo de uma raça. A proposta não é mostrá-lo como indivíduo, mas em conjunto".

A música exerce uma influência especial no contexto do trabalho. Das sete músicas compostas por Carlos Pita para a trilha sonora do balé, três contêm letras. Uma delas, "Corações Africanos", reflete, na opinião do autor, "o estado primitivo da África livre". "Nau Banza", ele diz, "é a viagem triste da dor, o banzo rumo ao desconhecido mundo de Pindorama". E "O Cativado" é "a expressão da própria palavra".

OPRESSÃO

— Compor sobre o tema — conta Pita — "foi uma experiência profundamente libertária. E que diante dos questionamentos da história que apontam o negro Lucas ou como justiceiro, símbolo de heróis das revoltas negras do país, ou como bandido saqueador de estradas, um temível, optei em ver Lucas como um elemento membro de uma raça que foi brutalmente arrancada de suas origens para servir, oprimida, aos senhores colonizadores das terras de El-Rei".

O elenco é composto por oito dançarinos, sendo quatro de Feira, Jomara Almeida, também assistente de direção, Marconi Azevedo, Sérgio Moura e Avany Vasquez. De Salvador são os dançarinos Marília Maciel, Misso, Sinval Sapato e Márcia Santiago. A direção de cena está a cargo de A.J.D.S. Gode, luz de Eurico de Jesus, cenário e figurino de Afonso César, produção de Telma Oliveira, num empreendimento da Earte. O espetáculo tem estréia marcada para o dia 3 de outubro, às 21 horas.

2ª GRANDE VAQUEJADA TERRA NOVA - BA



**Dias
19, 20 e 21
outubro
1984**

**MUITOS PRÊMIOS
SORTEIOS E
MUITAS SURPRESAS**

Comissão Organizadora:
Herculano Alves
Marcelo Andrade
Sebastião Alves
Matias
Didi Cabeça
Sebastião Soares
Jose Joaquim

Comissão Julgadora:
Carlinhos — Locutor
J. Soares — Lía

**Informações e Reserva
de Inscrição:**
Telefone: (075) 238-2054
Terra Nova-Bahia

Promoção:
FAZENDA AGUA BOA
Jose Antonio Correia Lima

**VOCÊ É NOSSO CONVIDADO
COMPAREÇA A MAIOR E MAIS ALEGRE
FESTA DE VAQUEIROS DO RECÔNCAVO**

PARQUE ROGÉRIO RÊGO

Prêmios

1º LUGAR — UMA MOTO 0 KM — OFERTA: PREFEITO DE TERRA NOVA
2º LUGAR — Cr\$600.000,00 — OFERTA: PREFEITO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE
3º LUGAR — Cr\$500.000,00 — OFERTA: PREFEITO DE SANTO AMARO
4º LUGAR — Cr\$400.000,00 — OFERTA: AUTO VIACAO CAMURUGIPE
5º LUGAR — Cr\$300.000,00 — OFERTA: BANCO ECONOMICO
6º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: BANCO BAMEERINDUS
7º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: BANCO DO ESTADO DA BAHIA — BANE
8º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOSE TEIXEIRA
9º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: HUMBERTO SENA

10º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: PERICLES ALMEIDA
11º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: CASA DO FAZENDEIRO
12º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: DR. LUCIANO TEIXEIRA
13º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOAO DA CRUZ GONÇALVES
14º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOSE NASSIFE
15º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: DR. AILTON DALTRIO MARTINS

TODOS OS VAQUEIROS CLASSIFICADOS RECEBERAO UM LINDO TROFEU,
OFERECIDO PELO PATROCINADOR DO PREMIO.

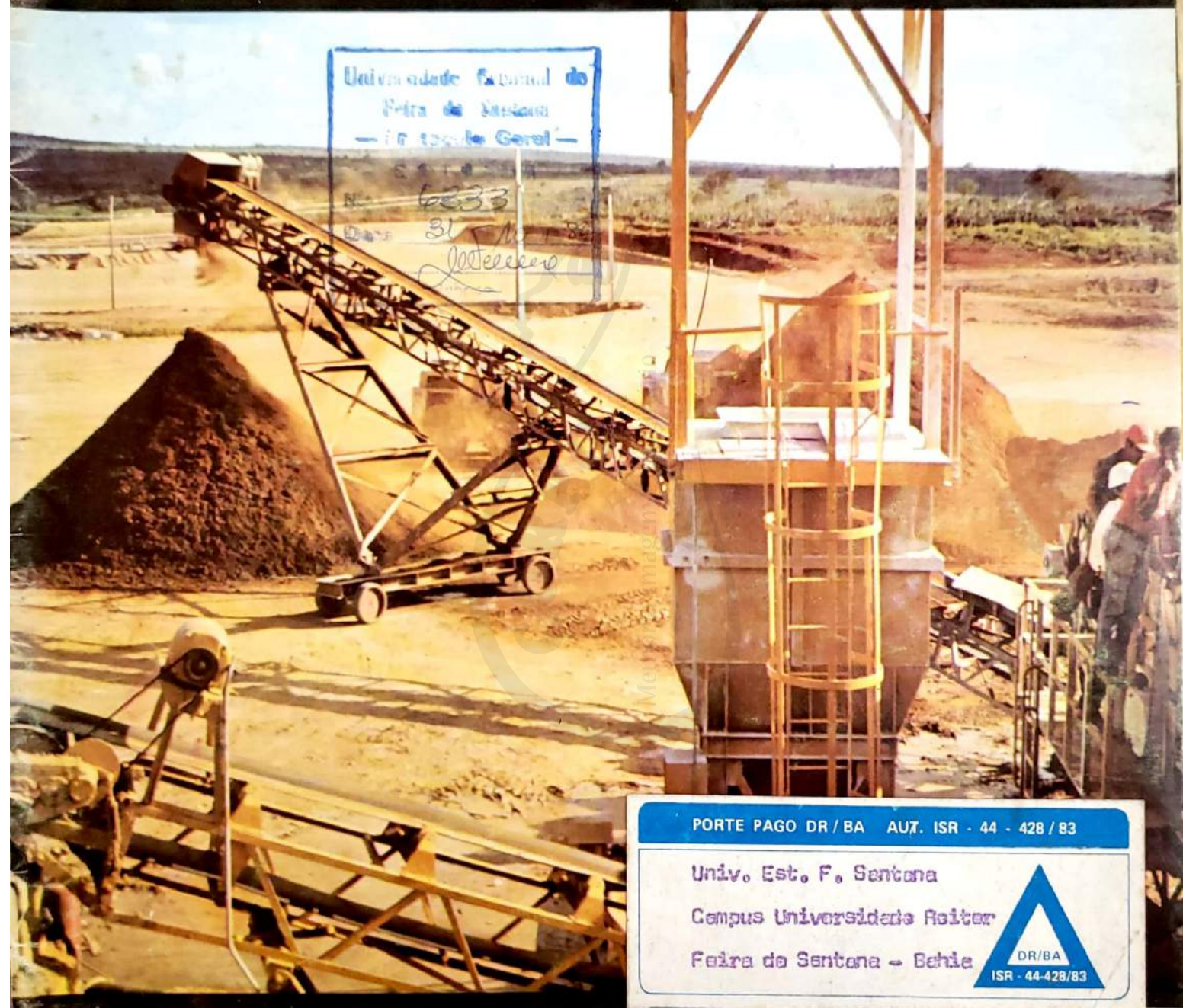
PARA O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES UM FUSCA 0 KM

MUTILADOS: A INVALIDEZ SOB SUSPEITA.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRAFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 27

16 A 31 DE OUTUBRO DE 1984 - Cr\$2.000,00



PORTE PAGO DR/BA AUT. ISR - 44 - 428 / 83

Univ. Est. F. Santana
Campus Universidade Reitor
Feira de Santana - Bahia



A BRIGA PELO OURO

A festa da juventude

Após entregar pessoalmente os troféus aos vencedores de cada uma das diversas modalidades esportivas disputadas durante a V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, o prefeito de São Francisco do Conde, Claudemiro Oliveira Dias, não conseguia esconder o seu contentamento pelo sucesso do evento que congregou desportistas de várias cidades do Recôncavo.

A satisfação do prefeito não era para menos. Durante o período de 26 a 30 de setembro, as atenções da população foram concentradas numa verdadeira festa esportiva que reuniu cerca de mil atletas de nove cidades, incluindo os promotores, sem contar os mais de dois mil integrantes de bandas marciais do interior e da capital, que disputaram um concurso no último dia.

Esta foi a olimpíada que obteve os resultados mais positivos de todas as que o prefeito Claudemiro Oliveira Dias já promoveu. Em sua opinião, "não só pela participação, como também pela empolgação da juventude". Ele destaca ainda o aspecto de disciplina e sentido de equipe, além do esforço da comissão organizadora, a quem creditou o sucesso da competição.

A secretária de Educação, Célia Maria de Araújo, confessou-se gratificada com o êxito da olimpíada, sendo esta a que lhe deixou melhor impressão de todas as cinco que organizou, em função da participação efetiva da juventude, recompensando um esforço de um grupo de pessoas que se dispõem a fazer um trabalho em que são utilizados apenas recursos do próprio município.

A representação de Alagoinhas foi a grande vencedora da V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, computando 152 pontos em todas as oito modalidades que disputou. A delegação vitoriosa fez muita festa à medida em que iam sendo divulgados os resultados. O vice-campeonato ficou com São Francisco do Conde, que alcançou a marca de 138 pontos, e o terceiro lugar ficou para São Gonçalo dos Campos, com apenas 66 pontos.

FESTA DE CORES

A abertura da olimpíada transformou-se numa verdadeira festa de cores e belas evoluções, levando o público que superlotava as dependências do Estádio Municipal Otávio Junqueira



Claudemiro entrega a taça de campeã a Alagoinhas.

Ayres a aplaudir delirantemente o desfile de 23 escolas locais e de outras cidades.

Conduzindo vistosas alegorias e bandeiras, a juventude estudantil representou vários aspectos das riquezas nacionais, desde a exploração do petróleo à febre do ouro de Serra Pelada, passando pela ecologia, costumes e figuras regionais, como rendeiras, pescadores e índios. Um dos destaques da Escoia Arlete Magalhães foi a presença de uma ala da bateria do afoxé **Filhos de Gandhi**, acompanhando um grupo de mulatas.

O desfile das delegações foi aberto pela banda marcial do Instituto Municipal Luiz Vianna Neto, de São Francisco do Conde, seguida das representações de Alagoinhas, Candeias, Cachoeira, Lauro de Freitas, Cruz das Almas, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, São Sebastião do Passé, além dos anfitriões, cujas equipes disputaram as modalidades de futebol de campo e de salão — para homens —, voleibol, handebol e atletismo para ambos os sexos.

Após o desfile do fogo simbólico na pista do estádio e do juramento dos atletas, o prefeito Claudemiro Oliveira Dias fez sua saudação dando boas-vindas aos participantes e conclamando para que "a chama da pira olímpica permaneça acesa em nossos corações durante a competição", pedindo empenho aos atletas para assegurar o



A beleza plástica das evoluções de ginástica rítmica.

Augusto Cordero

brilantismo do evento esportivo. Em seguida, todos cantaram o Hino Nacional, abrindo oficialmente a olimpíada, que teve os primeiros jogos disputados à noite.

O último dia, domingo, ficou reservado para demonstrações de ginástica, mini-maratona, entrega de troféus e o sensacional concurso de bandas e fanfarras. o vencedor da mini-maratona é de Alagoinhas, ficando o segundo lugar com Santo Amaro e a terceira colocação com São Francisco do Conde.

A Banda Municipal de Camaçari (Bamuca) foi a grande vencedora, fazendo uma belíssima exibição que arrancou muitos aplausos da platéia e conquistando o prêmio de Cr\$1,5 milhão. A Banda Marcial de São Francisco do Conde ficou em segundo lugar, mas abriu mão do prêmio de Cr\$1 milhão para a terceira colocada, Acomate, de Mata de São João.

Segundo a secretária de Educação, Célia Araújo, a banda marcial de São Francisco do Conde disputou apenas com o objetivo de avaliar o trabalho que vem sendo feito atualmente. O prêmio de

terceiro lugar, Cr\$500 mil, ficou para a quarta classificada, Banda do Senai, de Alagoinhas, enquanto o quinto lugar ficou para a banda do Centro Edu-

cacional de Periperi. Além de centenas de bolas coloridas soltas nos céus da cidade, houve no encerramento um espetáculo de fogos de artifício. Empolgado com o êxito alcançado, o prefeito Claudemiro Oliveira Dias já está fazendo planos para o próximo ano. Ele pretende criar condições para possibilitar a participação de 20 cidades na sexta edição das olimpíadas.

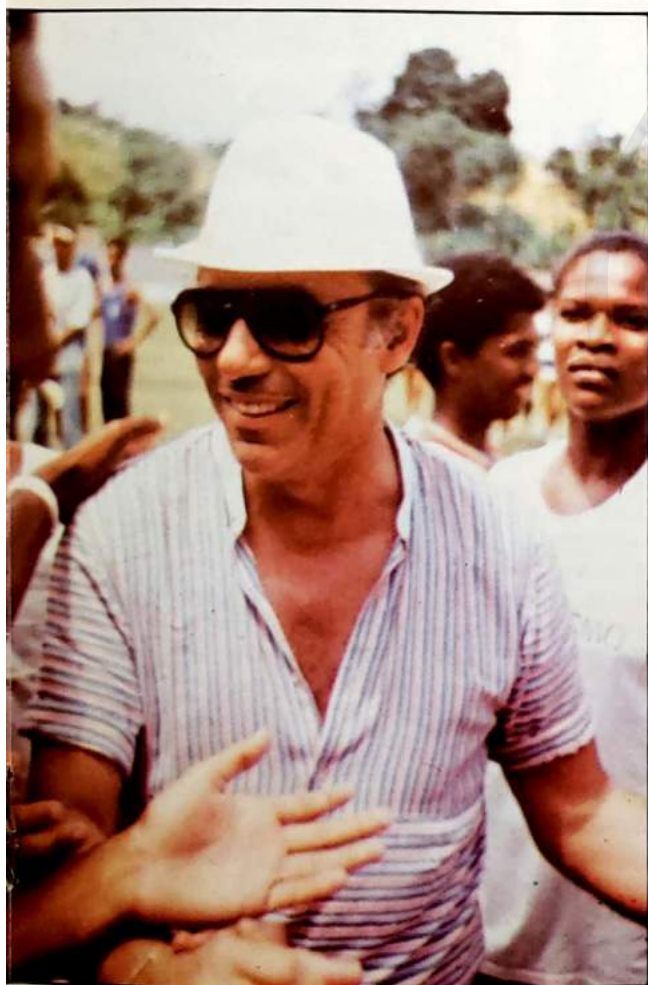
O esporte é o ponto de partida para a formação de uma mente sã, de acordo com a filosofia de trabalho da Secretaria Municipal de Educação. Dentro deste espírito, o prefeito revela que seus planos para o setor esportivo, no momento, estão voltados para matricular jovens na faixa etária de 10 a 20 anos, para ensinar a prática de esportes, como fute-

bol, basquete, atletismo e voleibol, e promover cursos profissionalizantes em oficinas e orientação alimentar com acompanhamento médico-odontológico.



Augusto Condeiro

Organização e beleza no desfile



Claudemiro satisfeito com a realização

Os vencedores

Do primeiro ao terceiro lugares, estes são os resultados dos jogos disputados em oito modalidades durante a V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, realizada no período de 26 a 30 de setembro deste ano, em São Francisco do Conde.

FUTEBOL DE CAMPO

- 1 - Cachoeira
- 2 - São Gonçalo
- 3 - Alagoinhas

FUTEBOL DE SALÃO

- 1 - Alagoinhas
- 2 - São Francisco
- 3 - Candeias

VOLEIBOL MASC.

- 1 - Alagoinhas
- 2 - Lauro de Freitas
- 3 - Cachoeira

VOLEIBOL FEM.

- 1 - Santo Amaro
- 2 - Alagoinhas
- 3 - São Francisco

HANDEBOL MASC.

- 1 - São Francisco
- 2 - Santo Amaro
- 3 - Alagoinhas

HANDEBOL FEM.

- 1 - São Francisco
- 2 - Santo Amaro
- 3 - Cruz das Almas

ATLETISMO MASC.

- 1 - São Francisco
- 2 - Alagoinhas
- 3 - Cachoeira

ATLETISMO FEM.

- 1 - Alagoinhas
- 2 - São Francisco
- 3 - Cruz das Almas

CLASSIFICAÇÃO GERAL

- 1 - Alagoinhas, 152 pontos
- 2 - São Francisco, 138 pontos
- 3 - São Gonçalo, 66 pontos

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 2 - Nº 28
01 A 15 DE NOVEMBRO DE 1984 - Cr\$2.300

O DIREITO DO ÍNDIO À TERRA



A BAHIA DE TANCREDO

Festa de N. S. da Ajuda começa dia 4

Dentro do calendário religioso e folclórico da cidade de Cachoeira, consta no próximo mês de novembro, no período de 4 a 20 de novembro, a tradicional festa de Nossa Senhora D'Ajuda.

As primeiras manifestações que se tem notícia datam da segunda metade do século XVIII, quando antigas escravas (raparigas), organizavam os festejos em louvor a padroeira dos senhores de engenho, Nossa Senhora D'Ajuda.

Passaram-se os anos e essas manifestações foram adquirindo grande influência junto ao povo que a transformou mais tarde numa festa profana, com a criação dos famosos "ternos". Aí, então, começou a disputa acirrada

acompanhantes da Lira Ceciliana não participavam das festas de Nossa Senhora D'Ajuda e vice-versa.

Segundo os mais antigos, a festa D'Ajuda era cheia de pompa, com pessoas vindas de todas as partes para assistirem ao brilhantismo e o luxo de uma das mais ricas manifestações folclóricas da Bahia: levagem de lenha, com as raparigas carregando um feixe de lenha na cabeça; cordões, trança-fitas, cabeçorras, palhaços, mandus, embalo, ternos, aguadeiros com os seus animais ornamentados de guizos e outros enfeites e a famosa "Maria Franciscisca", que consistia em uma boneca nos dois pés de um indivíduo deitado em um caixão de madeira quadrado, com

lêncio, lavagem da negrada às 16 horas, lavagem da igreja com baianas e ternos; dia 13, Terno das Caretas (embalo); dia 14, às 16 horas, Terno das Cozinheiras, dos presidiários, das mariposas e caretas (embalo); dia 15, às 16 horas, lavagem das crianças, levagem da lenha, caretas, cabeçorras e mandus, às 20 horas, início do tríduo, às 22 horas apresentações folclóricas no largo D'Ajuda.

O dia maior é 18. Às 5 horas tem alvorada com o Terno Alvorada, cabeçorras, mandus, presidiários, almas, diabos, caretas e banhistas; às 10 horas, samba de roda, brincadeiras folclóricas: pau-de-sebo, corrida-de-saco, galinha-gorda, cabra-cega e quebra-pote; às 15 horas, missa festiva; às 17 horas, procissão, encerrando com a bênção aos fiéis. No dia 20, às 17 horas, o Terno da Saudade encerra a festa profana.

Por Rubens Rocha



A igreja de Nossa Senhora D'Ajuda, local da festa.

entre as pessoas, apresentando cada "terno" músicas de "arrelia e gozação".

Por ser uma festa próxima a de Santa Cecília, no bairro do Monte, com as mesmas características D'Ajuda e com a fundação das filarmônicas Lira Ceciliana (Monte) e Minerva Cachoeirana (D'Ajuda), aumentou ainda mais a rivalidade entre os fiéis, chegando ao ponto de por diversas vezes irem a vias de "fato", quando acontecia o encontro das duas manifestações.

Estas duas filarmônicas passaram a adotar, acompanhar e orientar os "ternos" das duas festas que se tornaram irreconciliáveis. Os adeptos e

uma boneca menor em cada mão, se movimentando pelas principais ruas da "Heróica" e histórica cidade de Cachoeira.

A festa entrou em decadência e agora para reviver esses bons tempos é que a Bahiatur, a Prefeitura Municipal e outros órgãos estão dando todo o apoio para que a festa D'Ajuda não desapareça do calendário turístico.

Augusto Leciague Régis e família, Maria Pompéia Figueiredo de Almeida e família, como juizes da festa deste ano, fizeram a seguinte programação: dia 14 de novembro, às 16 horas, pregão (bando anunciador) percorrendo as ruas da cidade; dia 11, zero hora, Terno do Si-

ARACI

Trio elétrico na festa da padroeira

Muitas novidades estão sendo preparadas para festejar a padroeira de Araci, Nossa Senhora da Conceição, no período de 7 a 9 de dezembro. Além da parte religiosa, que culminará com a solene procissão percorrendo as principais ruas da cidade, na tarde do dia 9, a grande atração deverá ser o trio elétrico "Chicletes com Banana", como também a apresentação de grupos folclóricos.

O presidente da comissão organizadora, Edivaldo Silva Pinho, revelou que tudo está sendo feito para garantir o êxito dos festejos, contando com a participação efetiva da Prefeitura e do comércio local.

A festa da padroeira de Araci coincide com a realização do "II Festival do Chopp". Uma série de inaugurações de obras está prevista, como o novo sistema de abastecimento d'água e pavimentação de ruas.



Edivaldo, ao lado de João Francisco: muita festa

PANORAMA, 01 A 15 DE NOVEMBRO/84

EXCLUSIVO
O PDT NA BAHIA

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. ANO 2 - N.º 29
16 A 30 DE NOVEMBRO DE 1984 - Cr\$ 3.000,



FUTEBOL BAIANO

Vaquejada, o melhor da festa.

— O animal arranca em disparada como um "foguetão impetuoso". Um par de vaqueiros corre ao lado, o da esquerda é o **esteira**, que tenta manter o bicho em possível reta, enquanto o outro se encarrega da **derrubada**, cabendo-lhe as honras da aclamação do público. Os aplausos consagradores vão para o vaqueiro que pega o boi pela cauda e consegue a **puxada verdadeira**, quando o boi vira no solo, revira e ergue-se com dificuldade, tonto da queda.

A descrição literal do folclorista Luís Câmara Cascudo traduz exatamente o que acontece numa arena onde reúnem-se dezenas de vaqueiros de todo lugar para disputar quem é o melhor, como ocorreu durante a II Grande Vaquejada de Terra Nova, realizada entre os dias 19 e 21 de outubro, no Parque Deputado Rogério Régio.

Chapéu de Couro, ou até mesmo os políticos, como a vereadora Maria de Lourdes Rios ou o deputado estadual Ribeiro Tavares (PDS), um exímio campeão de vaquejadas.

Cada dupla de vaqueiros disputa três rodadas com três bois, em sistema de rodízio até classificar 15 duplas. Estes classificados não são os melhores, todos são iguais, e para ganhar o título de Campeão dos Campeões depende de fator sorte. Este ano, o prêmio de um Fusca 0 Km ficou dividido entre as duplas baianas Pia e Hugo, Jai e Ribeiro Tavares. O primeiro lugar valendo uma moto ficou para a dupla Francisco Xavier e Petrócio Vasconcelos de Pernambuco.

Para o município, a vaquejada não custa nada. "Muito pelo contrário, diz Herculano, traz muita coisa para ajudar e divulgar a bela e encantadora Terra Nova como também fazer com que seja transformada em novo atrativo para o município". Herculano não soube precisar quanto custa promover uma vaquejada, mas disse que o objetivo é não sofrer prejuízo. "Oferecemos Cr\$23,5 milhões em prêmios, cobramos simplesmente Cr\$250 mil por cada inscrição, e esse dinheiro é revertido para premiar os próprios competidores.



José Antônio garantiu o êxito da vaquejada

Para organizar a vaquejada, Herculano contou com a colaboração de Marcelo Andrade, Sebastião Alves, Matias, Didi Cabeça, Sebastião Soares e José Joaquim. A promoção ficou a cargo da Fazenda Água Boa. Além do carro 0 Km para o Campeão dos Campeões, foi ofertada uma moto pelo prefeito Eduardo Valente para o primeiro lugar.

Os demais classificados até o 15º lugar ganharam prêmios ofertados pelos prefeitos de São Francisco do Conde, Claudemiro Oliveira Dias, e de Santo Amaro, Raimundo Pimenta, Auto Viação Camurugipe, Banco Econômico, Bamerindus, Baneb, Casa do Fazendeiro, e os srs. José Teixeira, Humberto Sena, Péricles Almeida, Luciano Teixeira, João da Cruz Gonçalves, José Nassife e Ailton Daltro Martins.



Considerada a maior e mais alegre festa de vaqueiros do Recôncavo, a promoção da Fazenda Água Boa, de propriedade do produtor de cana José Antônio Correia Lima, atingiu êxito total, com intensa participação da população e apoio decisivo de vários patrocinadores.

Campeão de vaquejadas, conseguindo ganhar até hoje cerca de 70 automóveis e motos como prêmio, um dos organizadores da vaquejada, Herculano Alves, é um dos maiores apreciadores do esporte, onde não falta a participação de vaqueiros renomados e famosas equipes, como os grupos Harmonia e



Os vaqueiros perseguem o boi até a derrubada triunfal

PANORAMA

DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 30

01 A 15 DE DEZEMBRO DE 1984 - Cr\$3.000

UM VERÃO DE MUDANÇAS

HÉLIO JAGUARIBE
A CONTURBADA
POLÍTICA NACIONAL

Uma festa puxa a outra

Um dia de verão pode ser planejado. E a programação começa cedo, antes mesmo da praia. O Café da Manhã, no Porto da Barra, pode ser a primeira atividade. A partir de dezembro grandes espetáculos de massa, ao ar livre, serão oferecidos pelos órgãos oficiais — Prefeitura, Bahiatursa, Comissão de Festas da Cidade, Centro de Convenções, Fundação Cultural e Instituto Mauá.

Um verão para a comunidade. É nisso que o governo está investindo e vendendo a milhares de visitantes, segundo o presidente da Bahiatursa, Paulo Gaudenzi. E na segunda semana de novembro fechou-se a realização do "Projeto Astral — As Estrelas Brilhantes em Armação", uma série de espetáculos com grandes nomes da música popular brasileira, entremeada de apresentações de artistas locais, como Zelito Miranda, Carlos Pita, Carlinhos Cor das Águas e outros.

Logo no início de dezembro, o Instituto Mauá oferece, além de artesanato, o Café da Manhã, de sete as 10 horas, todos os dias. Arroz doce, munguzá, lelê, canjica, fatia de parida, beijú, queijada, pamonha e bolinho de estudante a Cr\$500. Um suco de frutas tropicais a Cr\$700. E para os mais resistentes, prato com caruru, vatapá, arroz e xin-xin de galinha por Cr\$2.500. Nos sábados, essa promoção transforma-se na Ceia do Porto. Começa as 17 horas e tem apresentações de ternos, ranchos e filarmônicas do interior.

O Projeto Astral pretende reunir multidões acima de 20 mil pessoas no estacionamento do Centro de Convenções, onde foi construído um anfiteatro e um palco. Como não poderia deixar de ser um grande show na abertura: Gilberto Gil, no dia nove de dezembro, com toda "Raça Humana". Na sequência, Djavan (05-01), Milton Nascimento (12-01), Alceu Valença (19-01), Blitz (26-01), Elba Ramalho (01-02) e Erasmo Carlos (03-02). Aí o palco terá que ser desmontado para ser transformado em arquibancada, porque o carnaval vem a partir de 16 de fevereiro.

O Projeto Astral terá preços populares(?) para os ingressos — Cr\$8 mil — e, segundo seu coordenador, Eduardo Nascimento, integra a parte musical de um projeto maior, a Feira de Verão, que não pode ser implemen-



Rio Vermelho: o presente de Iemanjá.

tada este ano. Cada espetáculo, segundo seus cálculos, vai custar Cr\$30 milhões. A Comissão de Festas da Cidade, informou seu coordenador, Eduardo Andrade, tem outra programação.

Dia dois de dezembro, no calendário oficial, é a abertura do verão. E haverá a Noite do Samba, na Praça Castro Alves, que vai homenagear o compositor Batatinha pelos seus 40 anos de música e 60 de idade. Como convidados, os sambistas João Nogueira e Paulinho da Viola. No palco, os grandes nomes da roda de samba da Bahia: Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, Paulinho Camafeu, Riachão, Nelson Rufino, as Filhas de Tuninha Luna e muitos outros.

No período que antecede o Natal, quando a cidade toma ares de Festa da Cristandade, a programação oficial prevê grandes concertos e bailes pastorais. O Baile Pastoral será apresentado nas praças centrais da cidade — da Sé, Piedade e Campo Grande. No dia 22 a Orquestra Sinfônica, o Madrigal da UfBa. e os corais de São Bento e Santana apresentam-se no centro histórico e depois farão concerto no Centro de Convenções. Passada essa fase, prossegue o ciclo de festas populares.

As festas populares serão iniciadas com um grande acontecimento: a reinauguração do Mercado Modelo, que

incendiou-se no início do ano. A festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia é que abre oficialmente o ciclo, embora a Festa do Cachimbo, em homenagem a São Nicodemus, realizada pelos trabalhadores do Porto de Salvador, e o caruru de Iansã, no Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, façam a abertura popular das festas.

Daí em diante uma festa puxa a outra. Tem Santa Luzia, Boa Viagem, a Procissão do Senhor dos Navegantes, Lapinha, Lavagem do Bonfim, Ribeira, o Presente de Yemanjá (Rio Vermelho), Lavagem de Itapuã, Pituba e, para encerrar, a Lavagem de Arembépe. Entre Pituba e Arembépe, acontece o Carnaval, que o governo garante limitar sua intervenção e permitir a criatividade e espontaneidade popular. Durante este ciclo, assinala a Comissão de Festas, o governo vai intervir para ampliar o espaço do folião, exigir higiene e providenciar equipamentos indispensáveis ao conforto de baianos e visitantes.

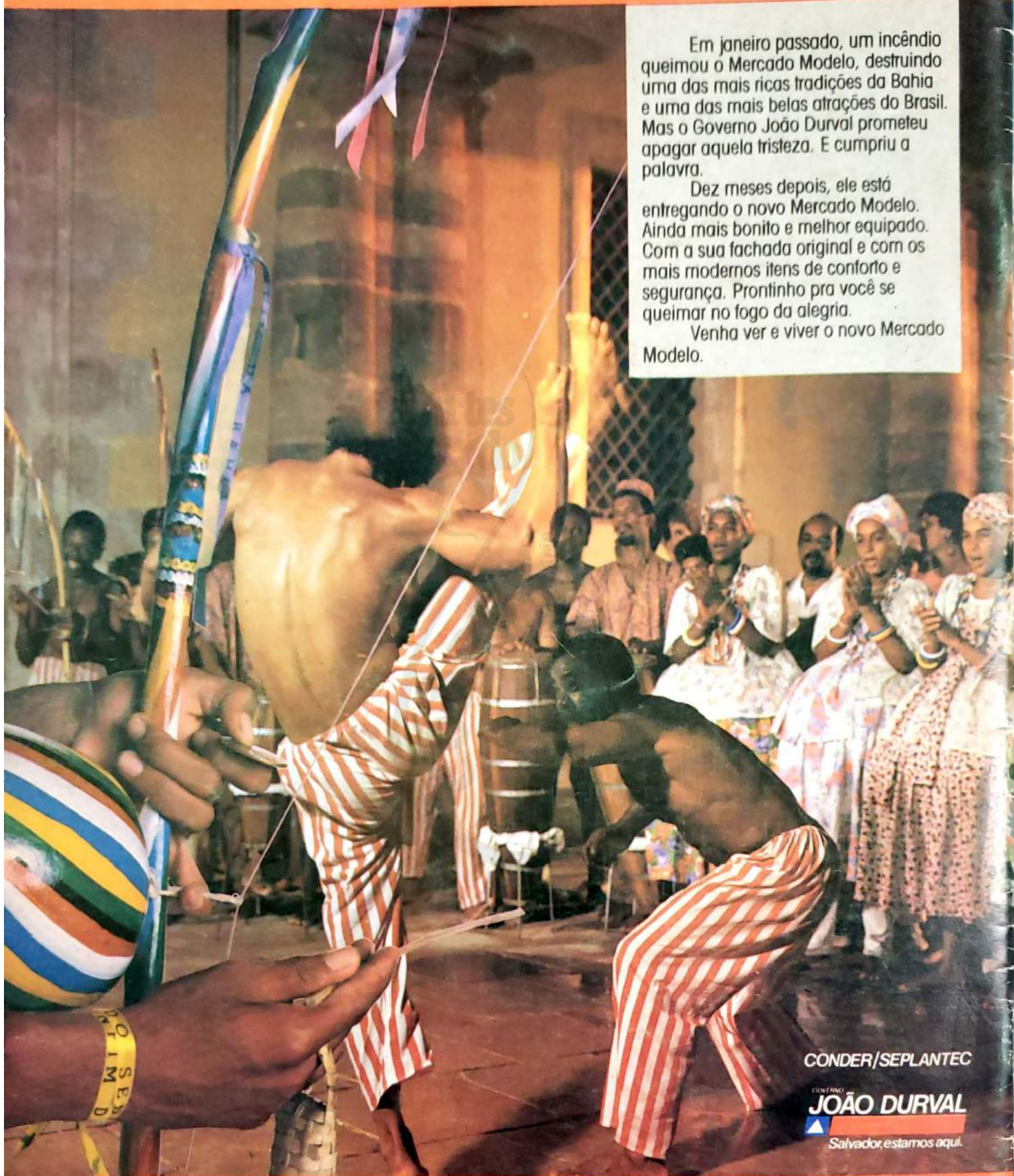
Na programação da Comissão de Festas, segundo Eduardo Andrade, pretendem-se realizar uma série de shows em praias da cidade, sobretudo na orla, do Jardim de Alá e Itapuã, mas isso ainda não é definitivo. Trata-se de uma ampliação do projeto O Sol se Põe no Farol.

O Mercado Modelo tá pegando fogo. De alegria.

Em janeiro passado, um incêndio queimou o Mercado Modelo, destruindo uma das mais ricas tradições da Bahia e uma das mais belas atrações do Brasil. Mas o Governo João Durval prometeu apagar aquela tristeza. E cumpriu a palavra.

Dez meses depois, ele está entregando o novo Mercado Modelo. Ainda mais bonito e melhor equipado. Com a sua fachada original e com os mais modernos itens de conforto e segurança. Prontinho pra você se queimar no fogo da alegria.

Venha ver e viver o novo Mercado Modelo.



CONDER/SEPLANTEC

GOVERNO
JOÃO DURVAL

Salvador, estamos aqui.

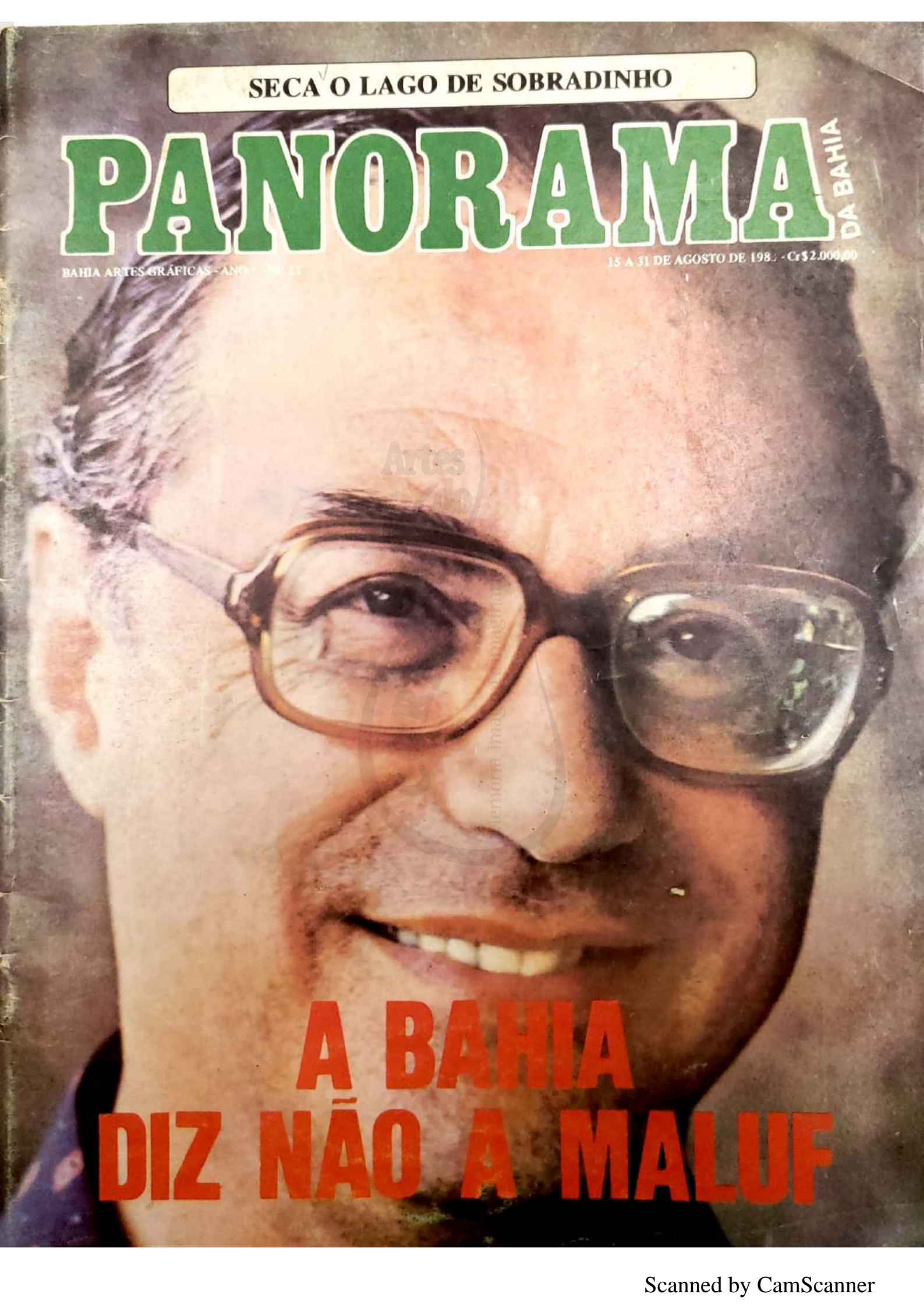
Vá se queimar na Bahia.

SECA O LAGO DE SOBRADINHO

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - Nº 23

15 A 31 DE AGOSTO DE 1987 - Cr\$2.000,00



**A BAHIA
DIZ NÃO A MALUF**



Omolu, Deus da Peste, em manifestação no candomblé.

A-tô-tô, meu pai Omolu!

Orixá respeitado pelo seu poder de tirar doença ou colocá-la tem reverência maior nos terreiros de candomblé.

Quando agosto chega, as filhas-de-santo dos candomblés da Bahia já estão nas ruas de Salvador. Elas sobem e descem ladeiras, caminham descalças pelos becos e vielas e visitam bairros pobres e ricos da Cidade Alta e da Cidade Baixa. Na cabeça levam um tabuleiro coberto por um pano branco e cheio de pipocas. No corpo exibem ricas vestimentas de obrigação. É o carregado de Omolu, o médico dos pobres, orixá sincretizado com São Lázaro e São Roque, o anúncio de que os terreiros de candomblés da Bahia estão em festa.

Senhor da peste e da bexiga, Omolu é filho de Nanã — a mais velha deusa das águas — e Oxalá — pai de todos os deuses e Deus da Criação. Responsável por todas as doenças e possuindo o poder de curar ou fazer doente qualquer

pessoa, é um dos orixás mais temidos pelos participantes da religião do candomblé.

16 DE AGOSTO

No dia da festa, 16 de agosto, centenas de fiéis fazem romaria até a colina de São Lázaro. Chegam doentes de várias enfermidades e devotos do santo para assistir missa e **limpar** o corpo, se imunizar contra as doenças e as pestes do mundo.

Em frente à igreja de São Lázaro, uma construção da metade do século XVIII, se realizam as cerimônias em torno do cruzeiro de madeira que fica no meio do largo. Colocam-se velas e pipocas, as "flores de Omolu". Os fiéis passam as velas pelo corpo e jogam sobre si as flores do santo, num ritual de



Baiana com tabuleiro de pipocas

limpeza do espírito e da carne.

As romarias duram uma semana. Os fiéis pagam promessas e fazem outras novas. À noite, os atabaques batem nos terreiros de candomblés, entre eles o de Mãe Menininha do Gantois.

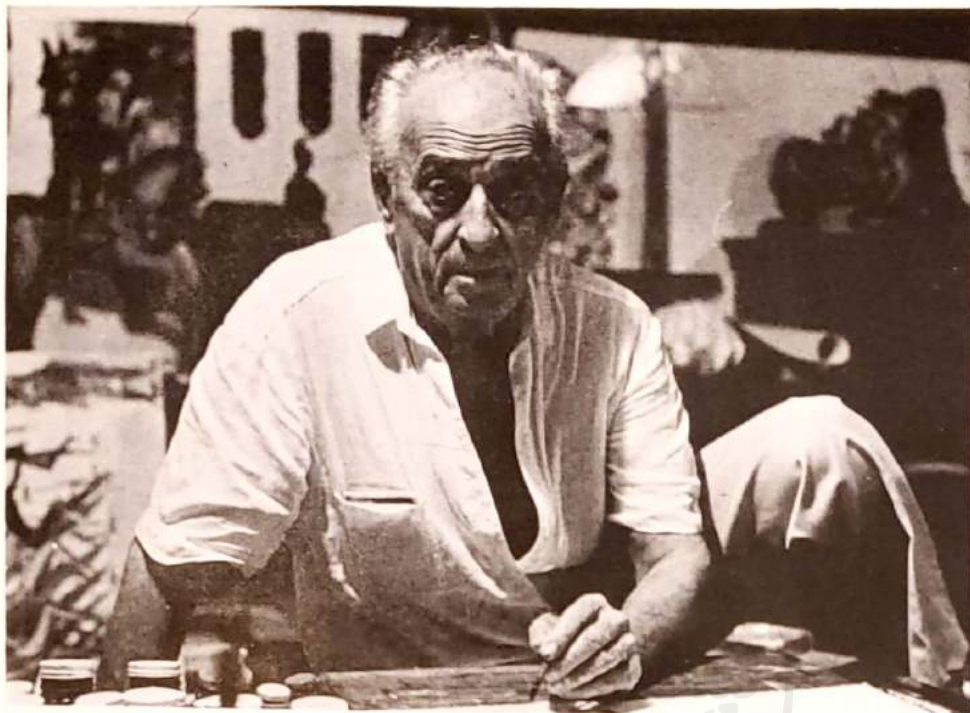
DEUS DA PESTE

Quando **baixa no terreiro**, o Deus da Peste dança com uma pequena vassoura chamada **xaxará**, com a qual, ao som de cânticos específicos, bate nos presentes, retirando as doenças existentes e prevenindo contra as que poderiam chegar. Depois, dirige-se à porteira do barracão, de onde atira fora todos os males.

Neste mês de agosto, na sua primeira semana, os candomblés fizeram um **Orô** (ritual) interno para Omolu, no qual a principal peça é um tabuleiro com pipocas, as "flores de Omolu". Algumas casas mandam filhas-de-santo (iaôs) para as ruas com esses tabuleiros. A pipoca é distribuída aos baianos e deve ser usada para **limpeza** do corpo e da casa, livrando-se dos maus espíritos. As iaôs recolhem donativos para a grande festa, quando elas são apresentadas aos demais membros da religião.

O VELHO

Os omolus são vários, 16 ao todo, de



Carybé, com obras no MAMB.

EXPOSIÇÕES

Nas artes plásticas, a exposição do acervo do Museu de Arte Moderna da Bahia é o que chama a atenção, com obras de Hector Bernabó e Carybé. De terça a sexta-feira, das 11 às 17 horas; domingos e feriados, das 13 às 17 horas; até o dia 30. O MAMB abriga ainda uma oficina de expressão plástica, até o dia 30, que poderá ser visitada de segunda a sexta-feira das 8:30 às 11:30 horas, e das 14 às 16:30 horas. E, ainda nesse museu, a pintura primitiva de Emma Vale fica até o dia 31, nos mesmos horários que a exposição do acervo; do mesmo modo, a exposição fotográfica de Pedro Arcaño, intitulada "Laloriê". O MAMB fica no Solar do Unhão, na avenida Contorno.

Em Santo Amaro, o Museu do Recolhimento dos Humildes expõe seu

acervo até o dia 30, de terça a sábado, das 9 às 11:30 horas, e das 14 às 17 horas. Feriados, das 9 às 12 horas.

Mas, ainda em Salvador, são interessantes também as mostras do TCA e do Museu de Arte da Bahia. O primeiro, apresenta Aderval Rodrigues, até o dia 31. No MAB, pode-se ver exposição de Arte Popular do Peru, até o dia 28; até 26, a mostra intitulada "Direitos Humanos", de Otávio Roth; até 31, "Arte Têxtil", de Maria Celeste. Na Biblioteca Central do Estado, uma exposição de charges e cartuns, das 8 às 22 horas, que vai até o dia 28; até 22, exposição sobre folclore baiano, com destaque para o folclorista Antônio Gonçalves Viana Júnior, e mostra de trabalhos em artesanato de Carmem Celeste Neves Almeida.

Manifestações da cultura popular

Fica até 24 de agosto a VI Exposição de Folclore que a Casa do Sertão, no campus universitário, em Feira de Santana, está realizando. Estão sendo mostradas roupas e músicas do reisado, do pastoril, do bumba-meu-boi, da Festa do Divino, samba-de-roda, folhetos e xilogravuras da Literatura de Cordel, carranca do rio São Francisco, o folclore religioso. Essa exposição é diri-

gida a estudantes do 1º e 2º graus, também como forma de pesquisa. Convites foram enviados aos estabelecimentos de ensino, mas também o público adulto pode visitar. Além disto a Casa do Sertão oferece exposição permanente da cultura sertaneja. Visitas, diariamente, pela manhã e à tarde; sábado somente pela manhã.

ESPECIAL

A FCEBa e a Aspre promovem em Salvador, nos dias 24, 25 e 26, uma interessante "Semana do Folclore", apresentando-se no primeiro dia a Banda de Pifanos de Senhor do Bonfim e a "Marujada Brasileira Chegança", de Santo Amaro; no largo da Pituba, às 19 horas. No dia seguinte, um baile público com Vivaldo Conceição e Orquestra, participação especial de Balbino do Rojão e do grupo folclórico Bahia, no largo da Lapinha às 21 horas. No mesmo local, dia 26, às 19 horas, ocorre o lançamento do LP "Noite dos Reis na Bahia" e apresentação de Terno de Reis.



FESTA DA CRISTANDADE

SUA FESTA NÃO PODE FICAR NO ANONIMATO

CARTAZES COLORIDOS E BEM PRODUZIDOS CHAMAM O PÚBLICO QUE VOCE DESEJA ATRAIR. E NOS TEMOS CONDIÇÕES TÉCNICAS DE ATENDE-LO.

B Bahia artes graficas Ltda.

Rua Santos Dumont, 93 — Tel. (075) 221-7777
Telex: (071) 3126 — Feira de Santana-Ba.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - Nº 12

02 DE MARÇO DE 1984 - C\$ 1.000

Natureza desabrocha
em Morro do Chapéu

CARNAVAL:
Esta explosão
de cem anos.

A SERTANEJA ELBA
NA MÚSICA BRASILEIRA

Bahia para japônês

Uma equipe de filmagem da Nippon Television (NTV), do Japão, está na Bahia produzindo um especial sobre a origem do samba, folclore e carnaval. Os japoneses fizeram tomadas no Forte de São Marcelo, Museu Wanderley de Pinho e gravaram cenas de danças folclóricas no Jardim de Alá.

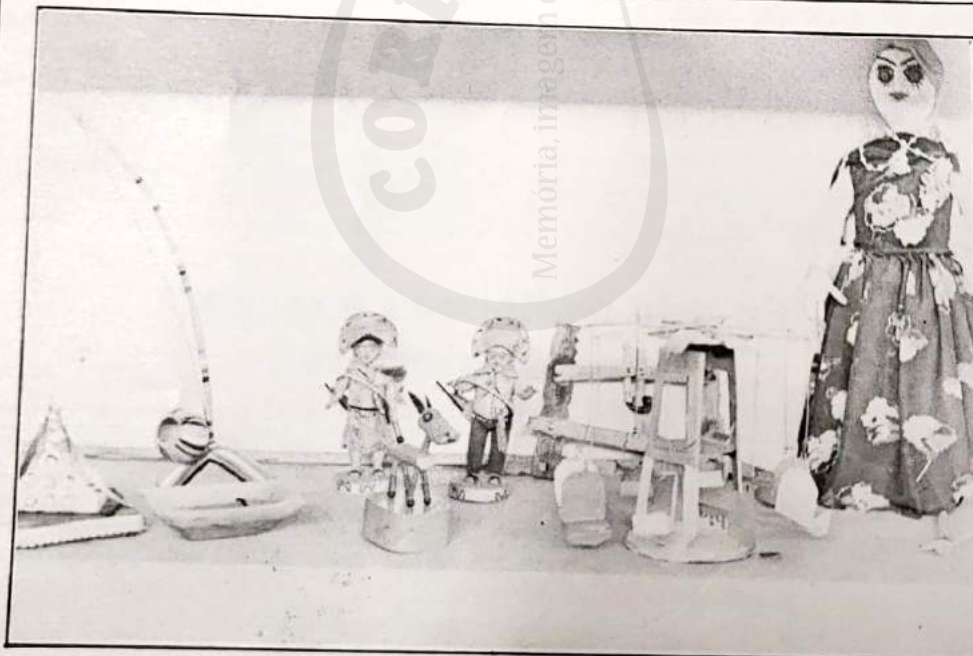
O filme, com três horas de duração, será apresentado, em duas etapas, no programa "Quinta-feira Especial", da rede japonesa, que aborda aspectos culturais de diversos países. Para o coordenador da equipe, Shoji Makino, a escolha do país se deu porque a música brasileira vem tendo bastante aceitação entre os japoneses, sendo que as filmagens só serão feitas no Rio de Janeiro e Bahia.

O especial tem direção e narração de Atsuo Nakamura, um dos mais famosos atores japoneses, e conta com a participação da atriz carioca Ângela Nenzy. Além de gravações dos carnavais baianos e carioca, o filme mostrará lugares históricos, aspectos sociais e culturais do Brasil.

Central de informações

Com o objetivo de articular e subsidiar os processos de planejamento e decisão, está sendo instalado na Secretaria do Trabalho um centro de informações. Este centro possibilitará o resgate da memória da Setrabes, através um levantamento das obras realizadas desde sua criação, e principalmente um acompanhamento rápido do que vem sendo executado através de seus órgãos centralizados e descentralizados, autarquias e coordenadorias.

O sistema será implantado a curto prazo, de acordo com decisão do secretário Rafael Oliveira, que está empenhado no uso racional de informações que venham possibilitar, por exemplo, qual equipamento é mais viável e necessário para qualquer comunidade. Isto será possível graças aos subsistemas que funcionarão em cada órgão da Setrabes, os quais serão alimentadores de informações de um sistema central. Na sua segunda etapa, será utilizado computador para guardar e processar estas informações, tornando a sua utilização cada vez mais rápida e racional.



Cultura sertaneja

A Central de Exposições da Bahiatursa, no Centro Administrativo, inicia neste mês de março a sua programação especial para este ano com uma exposição sobre o sertão, abordando a cultura sertaneja e o ciclo de ouro. Para abril está marcada a exposição "Influências In-

dígenas e Africanas na Cultura Baiana" que começa no Dia do Índio (19), e se estenderá até 13 de maio, Dia do Negro. Para junho estão marcados o II Encontro Estudantil de Quadrilhas e a Feira Junina.

Carnaval dos miseráveis

O Governo do Estado decretou calamidade pública em 202 municípios baianos, diante da crise que estão enfrentando com a implacável seca que castiga o homem do Nordeste. Nesta esteira o governador João Durval Carneiro afirmou que não pretende fazer distinções partidárias no atendimento aos flagelados, principalmente na distribuição de água, razão pela qual vai criar uma coordenação em cada município, isenta de qualquer influência.

O quadro é feio. Temos gente morrendo de fome e de sede. O dinheiro é curto para atender a todos os necessitados. Não há programas e campanhas que possam suportar esta pressão. E a todo momento há ameaças de saques. Recentemente em Morro do Chapéu a Polícia Militar estava nas ruas embalada, sob suspeita de que o posto da Cesta do Povo seria invadida por uma leva de mortos-de-fome.

Mas parece que os municípios não estão se tocando diante desta calamidade. Ao tempo em que os prefeitos reclamam por recursos para socorrer os flagelados, anunciam a realização do carnaval, que começa no dia 3 próximo. E verbas são destinadas para contratação de

trios-elétricos, ornamentação da cidade, blocos, batucadas e outras animações.

É um acinte para esta população faminta ver rios de dinheiro sendo desperdiçados em três dias, “para tudo acabar na quarta-feira”. É um desrespeito a condição humana que entre a miséria se dê ao luxo de iluminar-se freneticamente ruas, colorir os postes como se nada de anormal estivesse acontecendo.

O homem faminto pode não suportar tamanho desrespeito. E, Deus nos livre, do pior que possa acontecer, mesmo em plena orgia de Momo. É preciso ter-se consciência desta calamidade, da miséria, ser racional com os gastos públicos. Mesmo que se argumente que pouco uma prefeitura gasta com a festa e que tudo venha por patrocínio, seria o caso de conscientizar estes patronos a dar um melhor destino a um dinheiro que pode ser precioso em programas que visem de fato ao homem.

Estamos aí, fazendo festa quando os irmãos deixam por trás a sua angústia, levam nos olhos a desesperança, os trapos ambulantes. Não será preciso caracterizar a miséria, ela já existe e está aos olhos de todos. Vamos viver o carnaval dos miseráveis.



BAHIA 100 ANOS DE FOLIA 1884-1984

Fotos: Arquivo Bahiatursa

A Bahia comemora os 100 anos do mais animado

A Bahia comemora os 100 anos do mais animado carnaval do país com seis dias de folia.

A Bahia está comemorando, este ano, o centenário do seu carnaval. E nada menos que 350 mil turistas, segundo estimativas oficiais, estão chegando a Salvador para participar, ao lado de milhares de foliões baianos, da maior festa urbana do país, criada e mantida pelo próprio povo — embora, nos bastidores, os técnicos de um grupo executivo criado especialmente para o evento garantam as medidas de infra-estrutura destinadas a assegurar o êxito dos festejos.

São seis dias de folia, que começa na quinta-feira, quando Momo, primeiro e único rei da folia, recebe em praça pública as chaves simbólicas da cidade, após desfilar, com a rainha e as princesas do carnaval, em carro aberto pelas ruas centrais de

Salvador, e proclama seu efêmero, mas triunfante reinado, marcado pela animação e pela alegria, até a manhã de quarta-feira de Cinzas.

Durante esse período, a ordem de "alegria geral" do rei Momo é cumprida literalmente por baianos e não-baianos. O delírio começa quando aparece ao longe, descendo a ladeira de São Bento, no sentido da praça Castro Alves, o primeiro trio elétrico: a impressão que se tem é que todas as cabeças do mundo avançam em volta daquele objeto luminoso e o povo se deixa possuir pelo som elétrico do "dono da rua", símbolo maior desse carnaval de intensa participação popular, em que todos se transformam, com maior ou menor competência, em sambistas, frevistas, loucos bailarinos tri-

letrizados.

TERRITÓRIO LIVRE

O trio elétrico e a praça Castro Alves são o carnaval da Bahia. A praça é o maior momento do trio, o território livre, o clímax. Se o trio pode tudo, na praça tudo é possível. A história do trio é bem anterior, apesar da praça já existir. Mas o casamento, perfeito na opinião unânime dos mais animados carnavalescos baianos, nasceu após o poeta Caetano Veloso redimensionar o som do trio elétrico — e, de resto, do próprio carnaval baiano — ao proclamar: "A praça Castro Alves é do povo, como o céu é do avião".

Foi o bastante. Para a praça acorreram



Blocos de inspiração africana



O Índio como tema de cordões

todos os trios, todos os foliões, todos os barraqueiros, todos os mercadores de comidas e bebidas, artistas, intelectuais, gays e o povo em geral. Caetano pedia "um frevo novo" e teve mais que isso, para alegria da Bahia: a praça transformou-se num verdadeiro território livre do carnaval baiano, onde tudo — ou quase tudo — é permitido. Na praça, estão todos, exceto "a gente sem graça", remetida pros salões.

Mas, apesar disso, o trio não pertence à praça, nem é exclusivo do seu público heterogêneo e animado. Seus acordes eletrificados envolvem toda a cidade, desde o Farol da Barra — na orla marítima e este ano, segundo os entendidos, um dos pontos mais quentes do carnaval baiano — até a praça da Sé, no chamado centro histórico de Salvador, passando pelos diversos bairros que mantém, com peculiaridades próprias, seus próprios festejos carnavalescos.

CALMA DOS AFOXÉS

Tão forte, tão hipnotizante é a loucura do trio, que blocos e cordões, para sobreviverem, tiveram que adotá-lo, em substituição às antigas orquestras, quando descobriram que, ao passar por um deles, termina-

vam por perder seus integrantes, arrastados pelo som trieletrizado. Hoje, todos os blocos têm trios elétricos próprios. Verdadeiros palcos instalados sobre caminhões, com excelente capacidade de sonorização, luz, cor e efeitos especiais, com maravilhosas bandas que enlouquecem não apenas os integrantes dos blocos, mas os foliões de uma maneira geral.

Mas apesar de toda essa eletricidade, de todo esse poder dilacerador, o trio elétrico não é o único soberano do carnaval da Bahia. A ele se contrapõe a calma e o espiritualismo do afoxé. Nada é comparável, para quem vem de um trio elétrico, suor escorrendo pelo corpo, a carne exposta, o corpo aberto, que encontrar-se com um afoxé, naquela atitude pastoral, fechada, enchendo a rua com a sua força. "Dá vontade de chorar, você sente aquela calma, aquele arrepio percorrendo o corpo, aquela força tomando corpo de você. Esse é o lado espiritual, orientalizado do carnaval, o equilíbrio", assegura o cantor e compositor Gilberto Gil, célebre integrante do **Filhos de Ghandi**, o mais famoso afoxé da Bahia.

O afoxé, na opinião abalizada do professor e historiador Cid Teixeira, é um bloco carnavalesco, uma brincadeira de forma,

conteúdo e comportamento específico, tendo em vista que os seus membros-foliões estão vinculados a um terreiro de candomblé, unidos por uma religião, pelo uso de uma língua, dança, ritmos e códigos de origem nagô. Além disso, têm, fundamentalmente, consciência de grupo, comunidade, valores e hábitos que o distinguem de qualquer outro tipo de bloco ou cordão. Os laços lúdicos-religiosos, que congregam as pessoas no afoxé, importam, antes de mais nada, pela manutenção dos valores culturais ligados ao afoxé e suas tradições africanas, transportadas para a Bahia, adaptadas e assimiladas dentro de uma nova realidade.

"MÃE ÁFRICA"

Atualmente, entre todos os afoxés, o **Filhos de Ghandi** é o mais famoso. Com sua roupa branca, seu turbante felpudo, é composto, em sua maioria, por negros, homens de origem humilde, operários, ligados aos inúmeros terreiros de candomblé da Bahia.

O primeiro grupo de afoxé saiu às ruas, segundo os registros históricos, em 1895 e mostrava aos foliões de Salvador aspectos



As ruas se transformam em grandes salões



Praça Castro Alves: ponto máximo do carnaval.



A força mística dos afoxés

dos ritos do candomblé — o que gerou uma contundente crítica da imprensa da época, que via na presença desses símbolos do candomblé algo que não condizia com o grau de civilização da Bahia. A partir dessa época, surgiram muitos outros afoxés, vindos principalmente dos bairros de Brotas, Engenho Velho, Soledade, Santana e Água de Meninos, destacando-se o **Chegada Africana** e o **Filhos da África**, apontados como os mais representativos. O **Clube de Pândegos da África**, surgido em 1897, também fez muito sucesso.

O carnaval da Bahia, contudo, é ainda rico pela força de outras manifestações culturais, a exemplo dos chamados blocos afros, cada ano em quantidade maior, e alguns já conhecidos nacionalmente, como é o caso do **Ilê Aiyê**. Outros estão crescendo e criando fama, como o **Malê Debalê**, o **Araketu**, o **Obá-Laiyé** e a **Puxada Carnava-**

lesca Axé. A força desses blocos está na cultura negra, na beleza e plasticidade de suas sambistas, na própria fantasia e na alegria dos seus temas sempre homenageando a “Mãe África”, e na harmonia de suas baterias, puxadas, geralmente, por ágeis mãos negras, no som sincopado dos atabaques. Cultural e politicamente, eles representam a força viva da negritude da Bahia e o carnaval é encarado, além de uma diversão, também como uma forma de fazer ecoar o seu grito de liberdade.

Outros blocos e cordões fazem do carnaval uma festa que lhes permite mostrar a sua força e união. Nesse caso, destaca-se o **Apaches do Tororó**, com mais de mil homens empunhando machadinhas e cânticos de amor contra a guerra, na categoria de blocos de índios, ao lado de **Cacique do Garcia**, **Comanches**, **Guaranys** e **Tupys**. Todos representam segmentos de uma cama-

da mais baixa da população, de samba forte, contagiante, autêntico, com negros e mulatos ornados de tangas, missangas e colares, “sambando no pé” ao longo das ruas e avenidas centrais da cidade.

Alegres e descompromissados — exceto, é claro, com o direito de brincar —, existem ainda os outros blocos e cordões formados por jovens da classe média. Desde os que sempre se apresentam com fantasias mais sofisticadas, a exemplo de **Os Internacionais**, **Os Corujas**, **Os Lords**, aos que preferem a simplicidade e o comodismo das mortaldas ou macacões, como o **Traz os Montes**, **Cheiro de Amor**, **Eva**, **Camaleão**, **Filhos do Barão**, **Mel**. Há ainda os que, ferindo os padrões normais, desfilam traves-tidos de mulheres, homenageando algumas minorias, as prostitutas e os travestis, dando ao carnaval a irreverência e o humor que sempre foram peculiaridades desse festejo.

A força dos trios elétricos



Enlouquecida massa trieletrizada

O trio elétrico, proclama os estudiosos, é a verdadeira síntese do carnaval da Bahia, pois nenhum outro elemento consegue traduzir com tanta intensidade a participação popular — principal característica a diferenciar o carnaval baiano dos demais — quanto esse estranho objeto luminoso, espalhafatosamente decorado com cores vivas, munido de bocas de alto-falantes, a arrastar multidões com um som meio distorcido de instrumentos eletrônicos, violão, cavaquinho e, às vezes, baixo e triolim, tudo isso acompanhado por uma percussão forte, rica e hipnótica.

Mas só descobre isso em toda plenitude, segundo os foliões baianos, quem se dispõe a ver, ouvir e sentir no próprio corpo os efeitos das luzes coloridas, dos acordes eletrizantes e da vigorosa percussão do trio elétrico, capazes, de um momento para outro, de transformar o mais tranqüilo dos mortais no mais ensandecido dançarino, imagem viva da emoção de quem se entrega totalmente às ordens de Momo, primeiro e único rei da folia — cuja maior frustração, dizem, é não poder abandonar os deveres da realeza para cair de corpo e alma na frenética dança de quem segue atrás do trio.

É tão importante o trio elétrico para o carnaval da Bahia, que alguns foliões mais exagerados têm proclamado seus temores quanto ao sucesso dos festejos desse ano,

em face do grande número de trios elétricos que está seguindo para as cidades do interior (o trio de Armandinho, Dodô e Osmar, vai para Ilhéus; o dos Novos Bárbaros, para Itabuna; o carro principal do Tapajós, para Porto Seguro). Os demais estão vinculados aos diversos blocos e cordões — ao que se sabe, apenas o trio elétrico dos Novos Baianos tocará exclusivamente para o povo em geral.

DANÇA FRENÉTICA

Tecnicamente, o trio elétrico é somente som e luz emanados a partir de uma base física, assentada sobre um caminhão, que se desloca pelas ruas. O efeito, contudo, é indescritível: milhares de pessoas são arrastadas numa dança frenética, num agitar de braços e pernas, em pulos ritmados, ao som estridente de marchas, frevos, polcas, valsas, rocks e baiões, executados por hábeis instrumentistas segundo um estilo, próprio que é, segundo Caetano Veloso, "uma mistura de frevo pernambucano e marchinha carioca, uma coisa bem baiana".

Foi em 1938 que começou a gestação do trio elétrico. Nesse ano, Adolfo Nascimento, o Dodô, um rádio-técnico e músico, conheceu Osmar Macedo, inventor e músico, tocando num programa de rádio, ao lado de Dorival Caymmi e outros nomes da música popular baiana. Dodô, estudioso

de eletrônica, pesquisava uma forma de amplificar o som dos instrumentos de corda, o que só conseguiu em 1948, com o aperfeiçoamento do violão elétrico maciço, que eliminava a dissonância e a distorção, principais problemas dos violões elétricos conhecidos — como a guitarra maciça norte-americana só surgiu alguns anos depois. Dodô poderia reclamar para si o título de inventor desse instrumento, mas infelizmente a invenção não foi registrada e ele acabou perdendo a patente.

Em 1950, pela primeira vez, a eletricidade incorporou-se ao carnaval baiano: inspirados no Vassourinhas, grupo de frevo de Recife, que de passagem para o Rio de Janeiro, fez uma apresentação em Salvador, Osmar e Dodô resolveram sair durante o carnaval tocando aqueles frevos pernambucanos, com seus instrumentos e amplificadores. Assim, em cima de uma fôlica — um Ford 1929 —, equipada com dois alto-falantes, eles se apresentaram nas ruas da cidade, como a "Dupla Elétrica". Foi um sucesso, apesar da resistência de alguns setores da classe média, que não gostavam da "molecada" que ia atrás da dupla, pulando e cantando.

"FREVO BAIANO"

Dodô e Osmar, porém, não desistiram.

PANORAMA, 02/MARÇO/84

E no ano seguinte, com um carro maior, melhoraram sensivelmente a qualidade do som e convidaram um terceiro músico, Temístocles Aragão, surgindo assim o "Trio Elétrico". Em 1952, um fato novo: a empresa de cristais e refrigerantes Fratelli Vita, percebendo o sucesso e a popularidade do conjunto, decidiu patrocinar o trio, colocando-o num caminhão festivamente decorado, que obteve êxito total junto aos foliões.

Em 1959, pela primeira vez, o trio elétrico se apresentou fora da Bahia, indo para Recife, a terra do Frevo. A apresentação agradou aos foliões pernambucanos, mas os puristas não admitiram a inovação e cunharam a expressão "frevo baiano" para distinguir o estilo próprio do trio elétrico do estilo de frevo pernambucano, à base de instrumentos de sopro e percussão. Mas, a essa altura dos acontecimentos, o trio elétrico já era um elemento definitivo no carnaval da Bahia, com vários conjuntos similares tocando nos festejos carnavalescos.

O trio elétrico de Dodô e Osmar fez escola. Dodô morreu e está ausente do carnaval desde 1979, sendo substituído por Armandinho, filho de Osmar — que havia estreado no carnaval de 1963, comandando um trio elétrico composto apenas por crianças. Durante esses 34 anos, surgiram outros trios, destacando-se o Tapajós, criado em 1959, no subúrbio de Periperi, e que hoje mantém nada menos que cinco carros. Nos últimos anos, vem merecendo destaque o trio elétrico do ex-conjunto musical Novos Baianos, que todo carnaval reúne os seus antigos integrantes: Pepeu Gomes, Baby Consuelo e Paulinho Boca de Cantor.

TECNOLOGIA

As variações são muitas, principal-



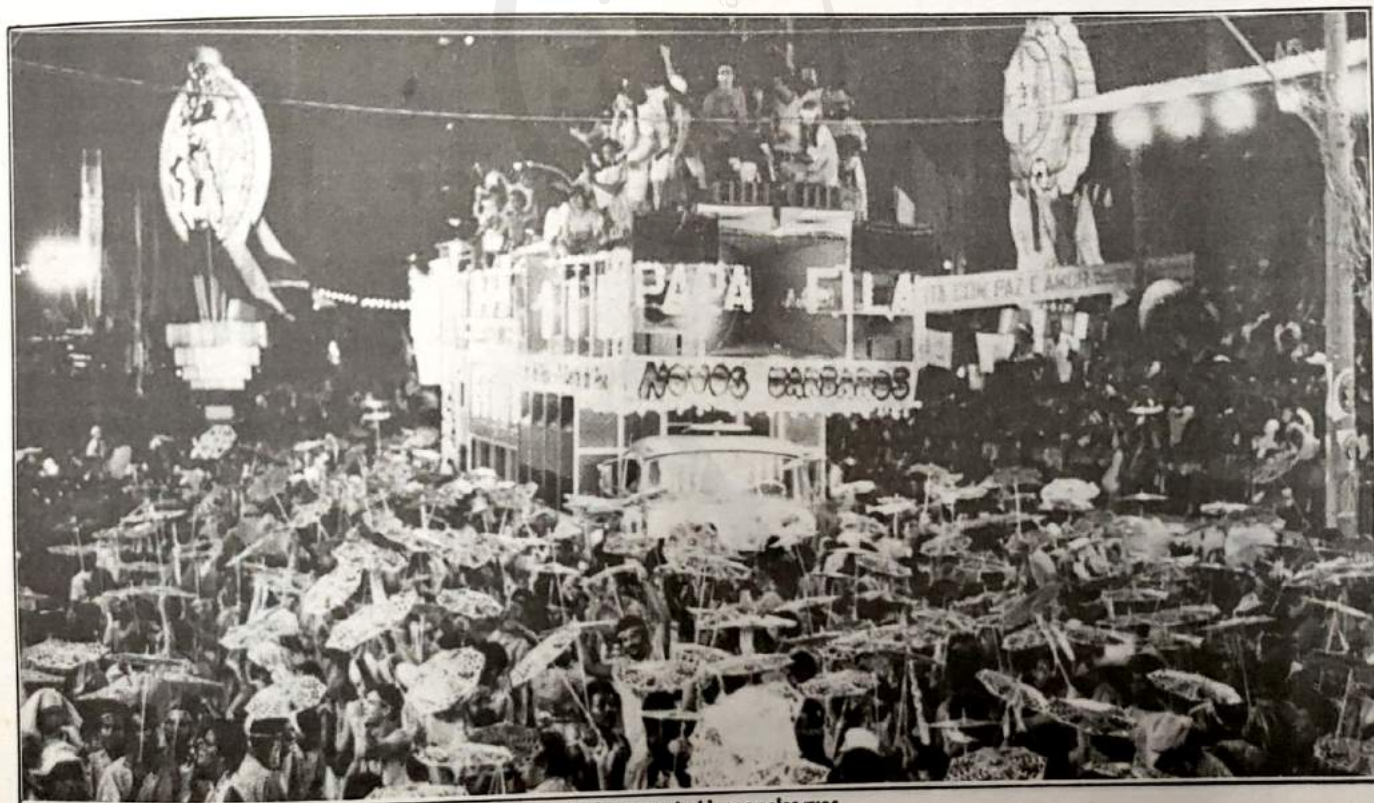
Fotos: Arquivo Bahiatursa

Esta louca invenção baiana: o trio.

mente como consequência do desenvolvimento da tecnologia de amplificação de instrumentos, e os trios elétricos hoje são verdadeiros palcos, com excelente qualidade de som e dispositivos especiais para luzes e efeitos os mais diversos. Mas os instrumentos básicos ainda são o cavaquinho e o violão de madeira maciça. Alguns usam ainda o baixo ou o triolim para marcar o ritmo e enriquecer a harmonia. A percussão, que era forte e separada, hoje é reduzida em suas dimensões, mas com a potência amplificada. Nos últimos anos, outra inovação foi incorporada ao trio: o vocal, surgido a partir da participação do cantor Moraes Moreira como

crooner do trio elétrico de Armandinho, Dodô e Osmar.

Hoje, em Salvador, praticamente não existe um bloco ou cordão carnavalesco que não conte com o seu trio elétrico próprio, alguns de excelente qualidade de sonorização e contando com hábeis instrumentistas, a exemplo dos trios do Camaleão, do Eva, e do Traz os Montes. Existem ainda, espalhados pelas ruas de Salvador e mantidos pela Prefeitura, os chamados trios elétricos fixos: grupos de músicos e percussionistas instalados em palanques distribuídos em pontos estratégicos das praças e ruas por onde se desenvolve o carnaval.



Trio puxando blocos pelas ruas

Do Entrudo ao Carnaval

As origens do carnaval da Bahia, numa pesquisa elaborada pela Bahiatursa.

Cinco anos antes da proclamação da República, exatamente em 1884, a Cidade do Salvador, então com 170 mil habitantes, organiza o seu primeiro grande carnaval de rua. Uma festa com forte influência européia, como quase tudo que existia no Brasil naquela época, e onde não faltaram o "triumfal" desfile do **Clube Carnavalesco Cruz Vermelha**, fanfarras executando polcas e árias de óperas, muito luxo, requinte e comentários elogiosos, com os três grandes jornais da época destacando que "o carnaval esteve tão digno e movimentado quanto o da Corte" — ou seja, o carnaval tinha sido tão bom quanto o do Rio de Janeiro, capital imperial desde 1773.

Fortemente influenciado pelo requintado carnaval de Veneza, na Itália, e mesclando a presença de tipos do carnaval popular de Nice, na França, o carnaval da Bahia dá, portanto, o primeiro passo firme rumo à popularização, em 1884, com a participação de muita gente nas ruas. Na realidade, ao povo restava mais a opção de alegrar-se intimamente, vibrar e aplaudir as pessoas da "alta roda", especialmente os comerciantes ricos, seus filhos e mulheres, e a classe média, que participavam dos desfiles dos clubes nas ruas e animavam

os bailes nas residências e nos teatros São João e Politeama.

Em um trabalho que escreveu para a **Revista do Folclore**, sob o título **Do Entrudo ao Carnaval da Bahia**, a folclorista Hildegardes Viana comenta, logo nas primeiras linhas, que "na Bahia, por volta de mil oitocentos e quarenta e tantos já se falava com alguma insistência em carnaval, palavra compreendida, pelo menos por quem lia jornal, como baile (de máscara ou não) realizado nos dias do Entrudo. Baile em recinto fechado sujeito a um diretor severíssimo, como o **Baile Recreio**. Havia também bailes em que a rapaziada de bom-tom e, particularmente, o belo madamismo concorria para maior pompa e brilho. Fora disso tudo, era **Entrudo**".

"INFELIZ HERANÇA"

Quando se aproximava o domingo que precedia a Quaresma, todo mundo **entru-dava**. Ou seja, como revela Hildegardes, todo mundo participava de um costume "censurável, infeliz herança de outros tempos, mas tão arraigado no ânimo do povo", assim descrito pela folclorista: "Molhava-se quantos andassem pelas

ruas, invadiam-se casas para jogar água em alguém. À noite, principalmente, os transeuntes eram incomodados pelas seringas de água, laranjinhas e limões-de-cheiro e de outros líquidos menos cheirosos e menos edificantes".

Na época do **Entrudo**, muita gente evitava sair de casa. Muitas vezes foram registrados casos fatais e apesar da repressão policial, severa, incluindo até oito dias de cadeia para quem fosse pego participando do **jogo do entrudo**, o bairro da Sé era um verdadeiro pandemônio. A situação chegou a um ponto que os jornais da época fizeram campanhas contra o **Entrudo**, exigindo uma solução por parte da polícia. Para acabar com o **Entrudo**, no entanto, era preciso surgir um outro meio de diversão. Foi aí que o carnaval, aos poucos, estimulado pela própria polícia, preencheu esse espaço e ganhou as ruas.

E, afinal, de onde vem o tal carnaval? Waldeloir Rego, diretor de Cultura e Arte da Prefeitura de Salvador, carnavalesco e estudioso do assunto — é dono da maior documentação sobre o tema e está elaborando o livro **A História do Carnaval da Bahia** — explica que essa manifestação é anterior à Era Cristã e foi iniciada com as **Saturnálias**, festa em homenagem a Satur-



CENSURA DA IGREJA

Baco e Momo, divindades da mitologia greco-romana, dividiam as honras desses festejos, realizados nos meses de novembro e dezembro, em Roma. Havia toda uma quebra da hierarquia e os escravos se misturavam aos filósofos e tribunos. Com Júlio César e a expansão do Império Romano, essas festas tornaram-se mais animadas, especialmente quando o imperador retorna do Egito. Ocorrem verdadeiros bacanais, que terminam por se tornar frequentes.

Já na Era Cristã, à medida em que o poder da Igreja Católica Apostólica Romana foi se solidificando, começaram a surgir os primeiros sinais de censura aos festejos mundanos. A Igreja, querendo impor a sua política de austeridade, determina que tais festejos só deveriam ser realizados antes da **quadragesima**, as cerimônias religiosas que se iniciam com a Epifânia (o Dia de Reis) e se estendem até a Quarta-Feira de Cinzas.

Os italianos adotam então a palavra **Carnevale** — que é a abstenção da carne. Ou seja, as pessoas poderiam fazer **Carnevale** ou que lhes desse na cabeça, antes da Quaresma, numa espécie de abuso da carne, do carnal. A festa chegou a Portugal com o nome de **Entrudo**, isto é, a introdução à Quaresma, numa brincadeira agressiva e pesada. Foi esse **Entrudo** violento que aportou no Brasil.

OLHO COMERCIAL

Por volta da segunda metade do século XIX, o jornal **Diário da Bahia** não perdoava o **Entrudo**. A Igreja também. A polícia vivia em polvorosa, enquanto os ricos faziam as festas em seus casarões e onde só podiam entrar convidados muito especiais. Foi aí, por volta de 1880, que a polícia começou a incentivar o carnaval — a brincadeira sadia, a festa. Várias comissões foram nomeadas pelo chefe de polícia. Uma comissão central e comissões paroquiais distribuíam máscaras, facilitavam a aquisição de cordas de bandeirinhas e arcos de papéis coloridos, além de providenciarem bandas de música. A idéia era acabar com o **Entrudo**.

Os comerciantes, de olho vivo num melhor faturamento, gostaram da idéia e começaram a adotar o carnaval em substituição ao **Entrudo**. Tanto que, por volta de 1860, segundo Hildegardes Viana, o Teatro São João (onde hoje existe o Palácio dos Esportes, na praça Castro



Alves) “já realizava arrojados bailes de máscaras, pelo carnaval, sendo que, primeiro, no sábado, às 20:30 horas, era iniciado com uma quadrilha, cuja música era baseada em trechos da ópera italiana **La Traviata**, e onde eram executadas, durante a noite, valsas, polcas e **schottishes**”. Nessa época, as pessoas gradas, os ricos, começaram a aderir ao carnaval, ainda que disfarçadamente, deixando de brincar apenas em bailes em suas casas.

Hildegardes revela que havia o perigo de um homem formado ou negociante forte, “naquele tempo em que toda a gente tinha a preocupação de parecer provecta”, ser visto mascarado. Por isso, as casas de fantasia e cabeleiros **Pinelli** e **Balalai** mantinham especialistas em disfarces. Os mascarados avulsos, estimulados pela polícia, e os bailes públicos começaram a ganhar terreno, embora as manifestações do **Entrudo** ainda se mantivessem vivas. Por volta de 1870, o ambiente começou a melhorar para o carnaval, com o surgimento de um bando anunciador, que saía pelas ruas convidando todos para os festejos.

ESPLendor DOS SALÕES

Nos clubes e teatros foram surgindo as competições entre grupos e famílias na ostentação de roupas e jóias, cada um querendo mostrar-se mais elegante e granfino. Os bailes do Teatro São João eram preparados com um ano de antecedência e, no ano de 1878, pela primeira

vez, um grupo participante do carnaval de rua, **Os Cavaleiros da Noite**, aparecia num salão, em grande forma, causando enorme rebuliço.

Chega-se à década de 80 do século passado com muitos bailes na cidade. Salvador tinha aproximadamente 120 mil habitantes, o Estado era razoavelmente próspero e a capital concentrava os recursos financeiros e econômicos, além de deter o poder político, pois centralizava as decisões como sede da Presidência da Província da Bahia. Havia, portanto, dinheiro, poder e fartura.

Era natural, portanto, que todo esse esplendor passasse a ser retratado nos salões, nos bailes de carnaval. Na **Euterpe**, as famílias altamente destacadas esbanjavam em exuberância e o sócio mascarado tinha que se identificar na entrada do clube. O baile da **Pastelaria Luso-Brasileira** custava um mil réis a entrada e era muito chic. Os do **Congresso Dramático**, **Terpsicore**, **Comilões** (numa rua da Barra, em local não revelado) e o **Can-Can** na rua Direita do Palácio (hoje rua Chile) eram muito concorridos. Existia também o famoso baile do **Capitão Fausto**, com “galope e can-can”, no **Hotel Baiano**. Consumia-se a Europa: roupas, adereços, enfeites, chapéus, bebidas, jóias, sapatos, meias, tudo era importado das melhores casas de Paris e Londres.

GRANDE REPERCUSSÃO

Palanques e bandas de música proliferavam pela cidade. Surgem também vários clubes uniformizados, como os **Zé Pereira**, **Os Comilões**, **Os Engenheiros**, fantasiados com **cabeçorras** e outras máscaras. Para melhor ordem e maior organização do carnaval, ficou convencionado que o Campo Grande seria o lugar para os mascarados se reunirem nos dias dos festejos e saírem em bandos. Em 1882, o comércio iniciou o costume de cerrar as portas na terça-feira, a partir das 12 horas.

No dia 1º de março de 1883, a rapaziada do Clube Caixeiral (atual Clube Comercial da Bahia), sob a liderança do português José de Oliveira Costa, funda o **Clube Carnavalesco Cruz Vermelha**, obtendo uma grande repercussão em toda a cidade, embora só viesse a desfilar, em cortejo, pelas ruas, no ano seguinte. Foi também em 1884, no dia 9 de março, que outro grupo de jovens da antiga **Sociedade Euterpe** teve a idéia de dar bailes públicos no Politeama.

Esse grupo de jovens, apelidados de **Fantoches**, era encabeçado por quatro figuras da alta sociedade: Antônio Maga-

lhães Costa (bisavô do ex-governador Antônio Carlos Magalhães), João Vaz Agostinho, Francisco Saraiva e Luís Tarquínio, este último o primeiro presidente dos **Fantoches da Euterpe**, ou seja, dos jovens carnavalescos da Euterpe. "Tão estrondosa foi a repercussão da iniciativa", conta Hildegardes Viana, "que no ano de 1884 toda a cidade esperava o carnaval e o baile dos **Fantoches**".

"CARRO DE IDÉIA"

As máscaras protegeram no anonimato os "figurões da sociedade" e o baile dos **Fantoches**, no Teatro Politeama, foi um grande sucesso. Mas sucesso maior ainda alcançou o **Cruz Vermelha**, que desfilou pelas ruas com um "carro de idéia", como se dizia na Corte, e um cortejo riquíssimo, sob os aplausos de populares que se encontravam no centro da cidade, especialmente na praça dos Touros, no Politeama de Baixo, onde freqüentemente ocorriam corridas de touros, uma atração popular da cidade.

Nunca se tinha visto coisa igual. Com o tema "Crítica ao Jogo da Loteria", existente desde a Independência, em 1822, o **Cruz Vermelha** organizou um cortejo com rapazes e moças ricamente trajados. A novidade era a presença de um carro alegórico, também ricamente decorado, com peças importadas da Europa, simbolizando exatamente o jogo da loteria. Quando o cortejo entrou triunfalmente (como diziam os cronistas da época) no Politeama de Baixo (onde hoje fica a porta

principal do Instituto Feminino da Bahia), o povo delirou. Foi uma verdadeira apoteose.

Na verdade, o cortejo já saiu da rua dos Droguistas, na Cidade Baixa, sob aplausos. Em seguida, pegou a rua Nova do Comércio (hoje Conde D'Eu), subiu a ladeira da Montanha, passou em frente à Barroquinha, seguiu pela rua Direita do Palácio (atual rua Chile), Direita da Misericórdia, Direita do Colégio e retornou rumo à rua de Baixo (Carlos Gomes) até alcançar o Rosário e seguir em frente, até o Politeama. Os comerciantes, que residiam basicamente nesse trajeto, aplaudiram e jogaram pétalas de flores.

TRAJE A RIGOR

Hildegardes Viana revela que o **Cruz Vermelha**, "ao apresentar o carro de idéia (carro alegórico com tema definido) mudou basicamente o carnaval". Antes, "os clubes desfilavam com uma série de carros abertos, cobertos com colchas, cortinados e panos de piano, tendo alguns homens sentados envergando belas fantasias. Não havia preocupação de seguir um tema, de obedecer um figurino ou um colorido. Foi exatamente o **Cruz Vermelha** que fez essa revolução".

O carnaval de 1884 pegou Salvador num período de crescimento rápido, provocado pelo progresso da agricultura em outras regiões e pelas exigências de um melhor ordenamento do espaço urbano com o êxodo rural. A função portuária era uma espécie de fiel da balança e comandava

as ações entre um mundo rural e um comércio exportador de matérias-primas. Respirava-se progresso e os comerciantes já utilizavam até publicidade nos jornais para vender os seus produtos.

No carnaval, tanto as pessoas que se fantasiavam como as que esperavam o cortejo vestiam-se a rigor, algumas delas em ternos, de linho, polainas e chapéus. Para usar um arlequim, os homens não dispensavam as botinas com cadarços amarrados até as canelas, a camisa de meia manga em tecido de malha e a camisa branca de esguião (espécie de tecido) de punhos engomados e com as abotoaduras. As mulheres usavam os espartilhos e o corpete para comprimir os bustos.

INDUMENTÁRIAS DA EUROPA

Waldeloir Rego conta que no carnaval de 1884, segundo documentos que dispõe no seu arquivo particular, a cidade se estendia da Vitória até o Porto da Lenha, na Ribeira, toda iluminada à luz de gás, e a sua população vestiu-se muito bem para brincar o carnaval. No ordenamento do cortejo dos clubes, em primeiro lugar, abrindo alas, as fanfarras (uma espécie de banda formada por pessoas que tocavam trompas e clarins) e logo depois a Comissão de Frente. Em seguida, vinham a figura mais importante do desfile, o Arauto (chefe do exército) e a corte, com a rainha, príncipes e nobres.

No ano seguinte, em 1885, começa a grande disputa entre o **Fantoches da Euterpe** e o **Cruz Vermelha**. O início foi pela imprensa: o **Cruz Vermelha** publicou um anúncio de um quarto de página no **Jornal de Notícias**, o mais influente da época, descrevendo a sua passeata e o **Fantoches** reagiu publicando o seu programa de festas em três colunas, satirizando, inclusive, o custo de vida.

Ambos vieram às ruas, segundo Hildegardes Viana, com préstitos magníficos e indumentárias procedentes da Europa: "O carro-chefe do **Cruz Vermelha** apresentava **A Fama**, cujo anjo, de pé, escudava o estandarte. O **Fantoches** simbolizava **A Aurora**, quando Febo, no seu carro de luz, começava a espalhar em torno da Terra (representada por uma esfera com a face da América voltada para cima) os seus primeiros alhores". Nesse mesmo ano, também desfilaram Os Cavalheiros de Malta, Clube dos Cacetes, Grupo dos Nenês, Clube das Petas, Clube das Fitas, Cavalheiros de Veneza, Conselheiros de Cupido, Clube da Pobreza, Críticos Carnavalescos, Diário das Petas e Comissão do Pilar.



TUCANO: POLÍTICOS PREJUDICAM SAFRA

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 24

01 A 15 DE SETEMBRO DE 1984 - Cr\$ 2.000,00

CADERNO ESPECIAL:
O prefeito José Falcão
promove a maior Exposição
Agropecuária do Nordeste

ANTÔNIO CARLOS
COM A FRENTE LIBERAL

PANORAMA
Um ano depois a
24ª Edição

SERRINHA

Centenas de vaqueiros vão mostrar sua arte

A cidade de Serrinha será palco de uma grande movimentação com a realização da XVII Vaquejada, um dos mais autênticos eventos que ocorrem no Nordeste, cujo encerramento está previsto para o próximo dia 9 de setembro.

A abertura será na manhã do dia 7 com a celebração de missa campal na presença de centenas de vaqueiros em seus trajes típicos, que se concentrarão na praça da Igreja Nova.

O Parque Fernando Carneiro está sofrendo obras de melhoramentos para receber os vaqueiros procedentes de vários Estados nordestinos que vão mostrar sua destreza, elegância e coragem na arte de dominar o boi.

O I Festival de Música Popular Brasileira da Região do Sisal, está definido para os dias 22 a 29 de setembro, numa iniciativa do compositor Carlos Pita e sob o patrocínio da Prefeitura de Serrinha.

Depois de relutar em patrocinar o festival, o prefeito Josevaldo Lima promete transformar o evento numa das maiores promoções culturais da região. O cantor serrinhense Zelito Miranda é uma das presenças certas como atração do festival.

SANTO AMARO

Faculdade pode funcionar em 85

Cresce a expectativa entre os jovens de Santo Amaro quanto à possível instalação e funcionamento da Faculdade de Educação da Uniba — União Inter-municipal de Cursos Superiores da Bahia, já a partir do próximo ano.

O prefeito Raimundo Pimenta já posicionou-se totalmente a favor da instalação da faculdade. Até o prédio para o seu funcionamento já está praticamente acertado, dependendo apenas de detalhes junto ao grupo que está elaborando o projeto de implantação do curso superior.

CASTRO ALVES

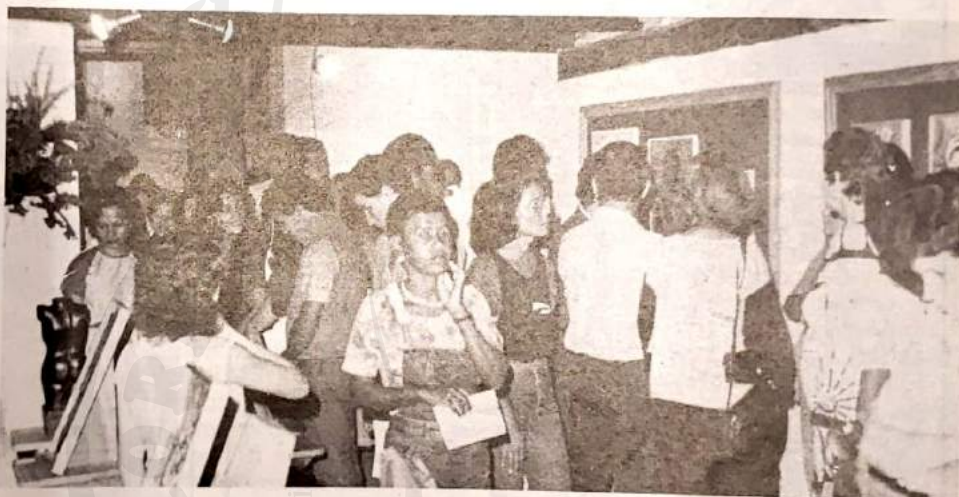
Conjunto terá 500 unidades

Por determinação do governador João Durval, a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social irá construir em Castro Alves um conjunto habitacional com 500 unidades. A medida beneficiará a cerca de 2.500 pessoas.

O prefeito Paschoal Blumetti, por sua vez, executará uma série de obras no setor de saneamento, eletrificação, transportes e saúde, após conseguir o apoio do governador, de quem conseguiu ainda a promessa de construção do terminal rodoviário no próximo ano, juntamente com a pavimentação que liga a cidade à rodovia BR-101.

CACHOEIRA

Treze artistas mostram obras



A abertura da exposição foi bastante concorrida

Como parte das comemorações da festa de Nossa Senhora da Boa Morte, a Sociedade para o Desenvolvimento Artístico e Cultural, a sub-Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Pró-Memória e a Prefeitura Municipal de Cachoeira promoveram, conjuntamente a "Mostra de Arte Cidade da Cachoeira", coletiva de 13 artistas baianos, no Museu da Sphan, no dia 18 de agosto.

Os trabalhos foram mostrados durante uma vernissage, com a presença dos artistas, saudados pelo representante da Sphan em Cachoeira, Rubens Rocha. No pátio externo do museu, foram exibidos filmes e slides, tocata e samba-de-roda pelo grupo Filhos de Nagô.

No sábado e domingo a exposição continuou para a visitação pública e apresentação de grupos folclóricos em praça pública. Comutantemente foi rea-

lizada uma exposição fotográfica na Galeria Amanda Costa Pinto.

Quanto a festa religiosa de Nossa Senhora da Boa Morte prosseguiu normalmente seu calendário, destacando-se a missa de ação de graças, na noite de sexta-feira, dia 17, seguida de cortejo com a imagem da santa saindo da igreja da Ordem Terceira do Carmo, onde também aconteceu a sentinela, com todas as irmãs vestidas de branco.

No sábado, às 19:30 horas, houve missa de corpo presente, seguida da procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, com as integrantes da irmandade vestidas a rigor (túnicas pretas). No dia 19, a missa solene da Assunção de Nossa Senhora da Glória aconteceu às 10 horas, precedendo a procissão da ressurreição. Ao meio-dia foi oferecida uma feijoada a todos que foram ao largo D'Ajuda.

BOA NOVA

Padroeira será muito festejada

O município de Boa Nova, no sudoeste baiano, festeja sua padroeira Nossa Senhora da Boa Nova, no dia 8 de setembro, com alvorada, missa solene concelebrada pelo bispo dom Cristiano Krapf, procissão pelas ruas da cidade e festejos populares.

O novenário começou dia 30 de agosto e terminará dia 7 de setembro. Também no Dia da Pátria, está prevista uma programação especial com alvorada, fogos de artifícios, repicar de sinos, hasteamento do Pavilhão Nacional, missa campal no Cruzeiro e atos cívicos em frente à Prefeitura Municipal.

Além dos atos cívico-religiosos, haverá uma série de atrações nos festejos populares, leilões e festa dançante no clube social. A comissão organizadora está formada por Fernando Oliveira Andrade (presidente), Agnaldo Oliveira Nápoli, Itamar Moraes, Latino Python Nápoli, Antônio Carlos Nápoli, Osmar Python Nápoli, Paulo Anselmo Pereira dos Santos, Agnário Neri Ferreira e Agnelo Ferreira Filho.

Dezoito meses de trabalho

Completando dezoito meses à frente da prefeitura de Irará, Alberto Pereira de Santana cumpre a sua palavra, dotando o Município de toda uma infra-estrutura que visa, sobretudo, a melhoria do padrão de vida dos seus habitantes. No último dia 19 de agosto, com a presença do presidente da Interurb, Antônio Sérgio Carneiro, do presidente do Consórcio Rodoviário Intermunicipal, Jonival Lucas, do secretário

de Dezembro, estudantes, professores e pessoas da comunidade. Logo após, os representantes do governo estadual foram homenageados por alunos, que apresentaram um autêntico samba-de-roda, manifestação folclórica muito difundida na região.

NOVO ASPECTO

Encerrada a apresentação folclórica, a comitiva se deslocou para a sede



Alberto de Santana reafirma compromissos



A praça do Lazer, em Irará: mais um empreendimento da Interurb.

da Educação e Cultura, Edivaldo Boaventura, foram entregues várias obras da administração Alberto Santana, como escolas, pavimentação de ruas, além da praça do Lazer, na sede.

Na localidade de Bento Simões foram inauguradas mais seis salas de aula do prédio Mário Campos Martins, dando prosseguimento ao plano do Governo do Estado de criar mais escolas no interior da Bahia. Na oportunidade, houve hasteamento das bandeiras nacional, estadual e municipal, por Edivaldo Boaventura, Antônio Sérgio Carneiro e Jonival Lucas, respectivamente. A solenidade contou com a participação da Sociedade Musical 25



Prefeito Alberto Pereira de Santana: um balanço da administração.

**ENERGIA E TURISMO, FORÇAS
DAS ÁGUAS DE PAULO AFONSO.**

PANORAMA

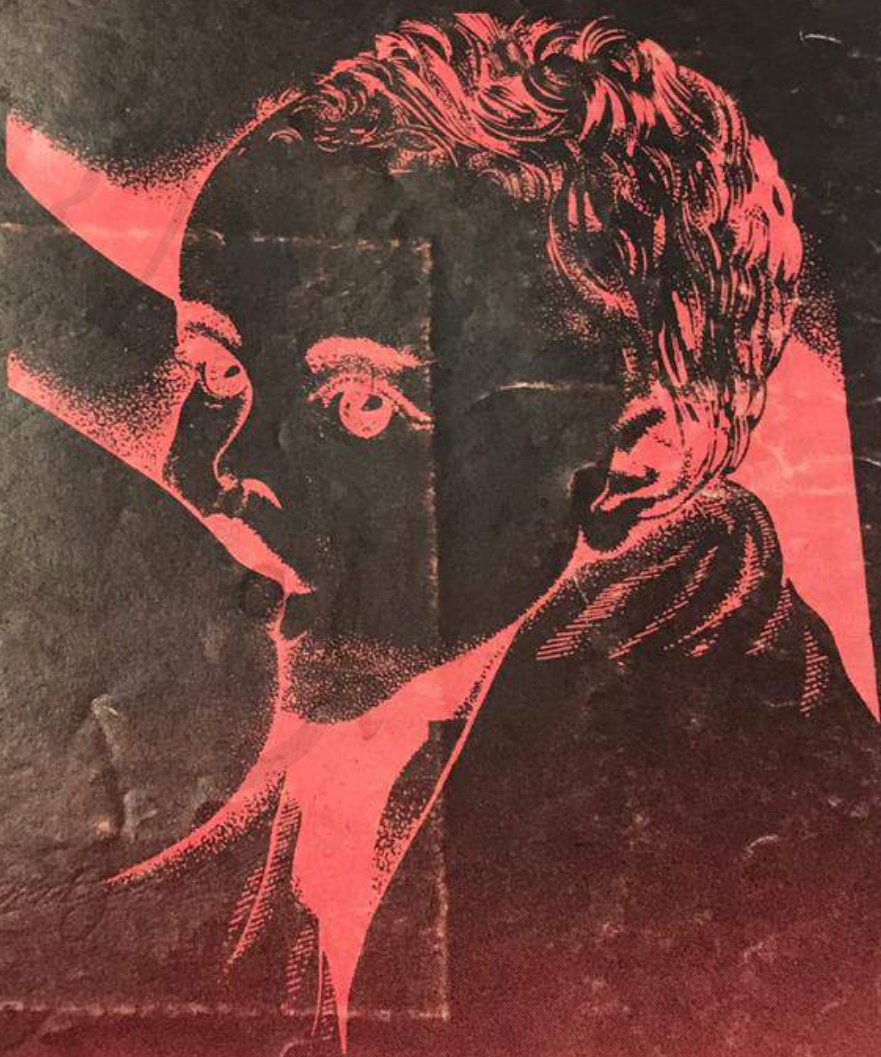
DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - N.º 8

1.º DE JANEIRO DE 1984 - Cr\$ 1.000,00

**Criança:
Problema
mundial.**

**Que foi o
ano de 83**



Ney Galvão - Moda Verão

GRATIS
Um desenho
Juracy Dó



Capoeira: o fantástico balé dos negros.

TURISMO

Mercado Modelo: a festa continua.

A alma baiana, na sua mais diversa manifestação,
com a magia da cultura afro-portuguesa.

Eis aqui o mercado do povo, Modelo. Um templo de fé onde a Bahia nasce e vive com a magia do seu misticismo, a força da sua história e civilização, o ritmo cadenciado e puro do mais autêntico samba, a arte — dança e luta do mais fantástico balé dos negros: a capoeira, a exuberância da sua culinária, a emoção espontânea e cotidiana de se dar do povo baiano.

Aqui a Bahia se sintetiza e se expõe nas imagens toscas dos seus santos, orixá e exus; onde contas e terços se confundem na mesma cor e fé; onde a

crença se revitaliza de patuás, pombas e incensos, onde os olhos se perdem no mundo encantado da cerâmica, entre potes e alguidares, ou nas redes, tapeçarias, artesanatos de couro, madeira e de prata.

Aqui, "uma festa da nossa vida", como disse o escritor Jorge Amado, entre chocalhos, berimbau, pandeiros e atabaques, ou saboreando os mais diversos tipos de aguardentes, destilados ou magicamente transformados em batidas de frutas tropicais, descobre-se e vive-se o mais fascinante

pedaço da alma baiana e brasileira.

Foi por este motivo que quando o Mercado Modelo ardeu em chamas houve a lamentação do homem do povo, do barraqueiro, da intelectualidade baiana e das autoridades. E a providência de deslocamento dos barraqueiros se deu imediatamente para que a Bahia não perdesse um pedaço do seu coração. E mais forte foi as decisões tomadas para que o mercado fosse restaurado em curto espaço de tempo para voltar a vibrar e tornar-se um local de encontro.



TURISMO

Mercado Modelo: a festa continua.

A alma baiana, na sua mais diversa manifestação, com a magia da cultura afro-portuguesa.

Eis aqui o mercado do povo. Modelo. Um templo de fé onde a Bahia nasce e vive com a magia do seu misticismo, a força da sua história e civilização, o ritmo cadenciado e puro do mais autêntico samba, a arte — dança e luta do mais fanfarrástico batuê dos negros; a capoeira, a exuberância da sua cultura, a ênfase espontânea e cotidiana de se dar do povo baiano.

Aqui a Bahia se sintetiza e se expõem suas imagens tocas dos seus santos, orixás e exus; onde confias e terços se confundem na mesma cor e fei; onde a

cerâmica se revestiu de patuas, pedras e incensos, onde os olhos se perdem no mundo encantado da cerâmica, entre potes e alguidares, ou nas redes, tapeçarias, artesanatos de couro, madeira e de prata.

Aqui, "uma festa da nossa vida", como disse o escritor Jorge Amado, entre chocobols, berrinhãos, panetiers e abaqueus, ou saboreando os mais diversos tipos de aquarelados, destilados ou magicamente transformados em bebidas de frutas tropicais, doce-brêx e vive-se o mais fascinante

pedaço da alma baiana e brasileira

Foi por este motivo que quando Mercado Modesto ardeu em chamas, houve a lamentação do homem do povo, do barraqueiro, da intelectualidade, da boataria e das autoridades. E a proximidade de deslocamento dos barraqueiros se deu imediatamente para que a Bahia não perdesse um pedaço do seu coração. E mais forte foi as decisões tomadas para que o mercado fosse restaurado em curto espaço de tempo para voltar a vibrar e tornar-se um local de encontro.

JUNTO À FEIRA

O Mercado Modelo es, temporariamente, localizado junto à feira de São José, na parte baixa da cidade de Salvador. Onde quer que esteja, o mercado leva consigo todo o espírito de luta e preservação, caracterizados pelos resistentes de Maria de São Pedro e Camaleão de Orosi, as baidas do Feitex e seus barracões de couro, cerâmica, pedras, esculturas de madeira, pintura, comida e macumba, presentes desde o começo da sua existência.

Lacono diz um sibbo barbaquero do interior, o cliente "entra na e sai comendo e vestindo". O Mercado Modelo tem desde baibares, bôjes de roqupos, sapunio, ate restaurantes e barrazes de boibares tipicos. Tem tendas de milhar, carnes e orixa. Tem obo, frutu duto coia, afrodissico, para mastigar e pitar, o sabado mais feliz dos sabados. Para quem gosta dos baibares mironicosos, tem a Escada de Marcano, Suspiro de Viram, Amansa Cortio, Guindaste, Leventia Lenqol e Pau de Respostas, geralmente feitas a base de aguardente, mel, canjandomo, leite e outros ingredientes.

No mercado se come na Rua do Vaqueiro, ou na Rua do Caruru a comida quente afro-portuguesa, os melhores peixes do mar regados a leite de coco, oaze de dendê e pimenta. Na Rua do Benedito se pode ouvir o som bembatido acompanhado a capoeira. Aí, já se vive no mercado e a música é sua trilha, incluindo o povo a dançar.

**SUCCESSO
INTERNACIONAL**

O mercado foi e continua sendo sucesso internacional, elegante e cantado por nobres e poetas. A rinha da Inglaterra e seu filho ai estiveram e provaram das batidas do Fê-mix. Jorge Amado e Dorival Caymmi são seus amantes. Chocolate e figura permanentemente no mercado. Ele, como muitos outros batutos, cantam as tristezas e alegrias, as histórias da vida do mercado.

O primeiro Mercado Modelo foi inaugurado em 1917. Era um prédio imponente, pintado de amarelo e verde, localizado na área mais movimentada do comércio de Salvador — a rampa. A rampa era fonte de abastecimento da população e do comércio. Lá chegavam os barcos de todas as partes, abarrotados de bananas, cocos, carne, feijão e eram transportados para o mercado que vendia tudo para todos. Na madrugada de 7 de fevereiro de 1964, o Mercado Modelo foi destruído por um incêndio.

1922, um poderoso incêndio reduziu a cinzas o Mercado Modelo. O prédio foi recuperado e o mercado continuou a funcionar no local. Era conhecido como **Tartaruga Verde**. Apareciam então as barracas de comida e bebida dispostas em espaço com as tradicionais casais de secos e molhados. Em 28 de fevereiro um novo incêndio obrigou a mudança que durou quase dois anos para o belo bem proporcionado prédio da Altina dega.

BARRACAS E BRECHÓS

Inaugurado em 2 de fevereiro de 1971 no antigo prédio da Alfândega, o mercado continuava a ser o centro de abastecimento de Salvador. Ali ainda vendiam feijão, farinha, carne, verduras e frutas, apesar das barracas de comidas, bebidas, as barracas e os brechos — pontos curreux de bozarras na venda de roupas, chapéus usados e de ser extensi-

Não num mercado que deverá ser entregue aos barbaqueiros, no dia de Nossa Senhora da Conceição, no dia de São João, no dia de São Pedro. Os grandes refetores darão um ultimatum, de dentro, novo povo, novo refetor, para as paredes, instalações, rede elétrica das buélicas, permitindo que o preço seja visto em todos os pontos de maior movimento.

As fundas, no lugar de mesas para refeições em promissórias, novo espaço para o semide-rodas, a capoeira e os conditais. No sábado, uma guerra suspensa, para que todos possam ver em que se situa a elite petista.

Indo embora.

raças, em que se misturam o legado mercantilista português, a crença e os costumes negros. Isto é o mercado. Hoje no bairrão, junto à feira de São João, amanha de volta à rampa, ele vem consigo os seus barracoutos, parte do tráfego do mercado, assim como a sãmba, a capoeira e o dengue das botanicas.

raízes em que se misturam o laço forte com a canibalista portuguesa, a crenga e os costumes negros. Isto é o mercado. Hoje no barracão junto à feira de São João, amanha de volta à rampa, ele leva consigo os seus barraqueiros, parte da tradição do mercado, assim como a sãmba, a capoeira e o dengue das boas noites.



JUNTO À FEIRA

O Mercado Modelo está temporariamente localizado junto à feira de São Joaquim, na parte baixa da cidade de Salvador. Onde quer que esteja, o mercado leva consigo todo o espírito de luta e preservação, caracterizados pelos restaurantes de Maria de São Pedro e Camafeu de Oxossi, as batidas do Fênix e suas barracas de couro, cerâmica, pedras, esculturas de madeira, pintura, comida e macumba, presentes desde o começo da sua existência.

Lá, como diz um sábio barraqueiro do mercado, o cliente "entra nu e sai comido e vestido". O Mercado Modelo tem desde barbearia, lojas de roupas, sapatos, até restaurantes e barracas de bebidas típicas. Tem tendas de milagres, santos e orixá. Tem **obi**, fruto da cola, afrodisíaco, para mastigar e passar o sábado mais feliz dos sábados. Para quem gosta das batidas miraculosas, tem a **Escada de Macaco**, **Suspiro de Virgem**, **Amansa Corno**, **Guindaste**, **Levanta Lençol** e **Pau de Resposta**, geralmente feitas à base de aguardente, mel, amendoim, leite e outros ingredientes secretos.

No mercado se come na **Rua do Vatapá**, ou na **Rua do Caruru** a comida quente afro-portuguesa, os melhores petiscos do mar regados a leite de coco, azeite de dendê e pimenta. Na **Rua do Berimbau** se pode ouvir o som bem ritmado acompanhando a capoeira. A arte vive no mercado e a música em suas ruas, incitando o povo a dançar.

Na **Rua dos Orixá** ou na **Rua do Obi** impera a magia negra do candomblé. Vá na barraca de Naim e ele te ensina os segredos da fortuna, da paixão e do poder. Lá se encontram produtos africanos, roupas, patuás, tudo o que se precisa para fechar o corpo contra o mal.

SUCESSO INTERNACIONAL

O mercado foi e continua sendo sucesso internacional, elogiado e cantado por nobres e poetas. A rainha da Inglaterra e seu filho aí estiveram e provaram das batidas do Fênix. Jorge Amado e Dorival Caymmi são seus amantes. Chocolate é figura permanente no mercado. Ele, como muitos outros baianos, cantam as tristezas e alegrias, as histórias da vida do mercado.

O primeiro Mercado Modelo foi inaugurado em 1917. Era um prédio imponente, pintado de amarelo e verde-lho, localizado na área mais movimentada do comércio de Salvador: a rampa. A rampa era fonte de abastecimento da população e do mercado. Lá chegavam os barcos de todas as partes, abarrotados de bananas, cocos, carne, feijão e eram transportados para o mercado que vendia tudo para todos.

Na madrugada de 7 de fevereiro de 1922, um pavoroso incêndio reduziu a cavernas o Mercado Modelo. O prédio foi recuperado e o mercado continuou a funcionar no local. Era conhecido como **Tartaruga Verde**. Apareceram então as barracas de comida e bebida disputando espaço com as tradicionais casas de secos e molhados. Em 28 de fevereiro um novo incêndio obrigou a mudança que durou quase dois anos para o belo e bem proporcionado prédio da Alfândega.

BARRACAS E BRECHÓS

Inaugurado em 2 de fevereiro de 1971 no antigo prédio da Alfândega, o mercado continuava a ser o centro de abastecimento de Salvador. Ali ainda vendia feijão, farinha, carne, verduras e frutas, apesar das barracas de comidas, bebidas, as barbearias e os brechós — precursores de bazares na venda de roupas, chapéus usados e de ser ostensi-

vamente visitado pelos intelectuais de plantão.

Após o último incêndio do mercado, em 10 de janeiro de 1984, os barraqueiros foram transferidos para o barracão da Codeba, onde permanecerão até janeiro, quando o novo mercado deverá estar pronto.

No futuro mercado, que deverá ser entregue aos barraqueiros no dia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, grandes refletores darão uma iluminação especial, realçando suas formas. Do lado de dentro, novo piso, novo revestimento para as paredes, instalação elétrica moderna e segura e distribuição racional das barracas, permitindo que o prédio seja visto em todos os pormenores pelo visitante.

Ao fundo, no lugar de mesas para refeições em premoldados, novo espaço para o samba-de-roda, a capoeira e os cordelistas. No subsolo, uma galeria suspensa para que todos possam ver em que se sustenta este prédio.

Tudo isto e mais o laço forte com raízes em que se misturam o legado mercantilista português, a crença e os costumes negros. Isto é o mercado. Hoje, no barracão junto à feira de São Joaquim, amanhã de volta à rampa, ele leva consigo os seus barraqueiros, parte da tradição do mercado, assim como o samba, a capoeira e o dengue das baianas.



Nas barracas se encontra de tudo

PANORAMA **DA BAHIA**

BAHIA ARTES GRÁFICAS — ANO 1 — Nº 10

1º DE FEVEREIRO DE 1984 — Cr\$1.000,00

Sol e mar, liberdade nas praias de Cabuçu.

Imposto de Renda

O Leão já está solto



Jorge Amado
fala do seu novo livro

Falta cuidado nas praças

Relegado a segundo plano qualquer proposta de uma paralela humanização urbana

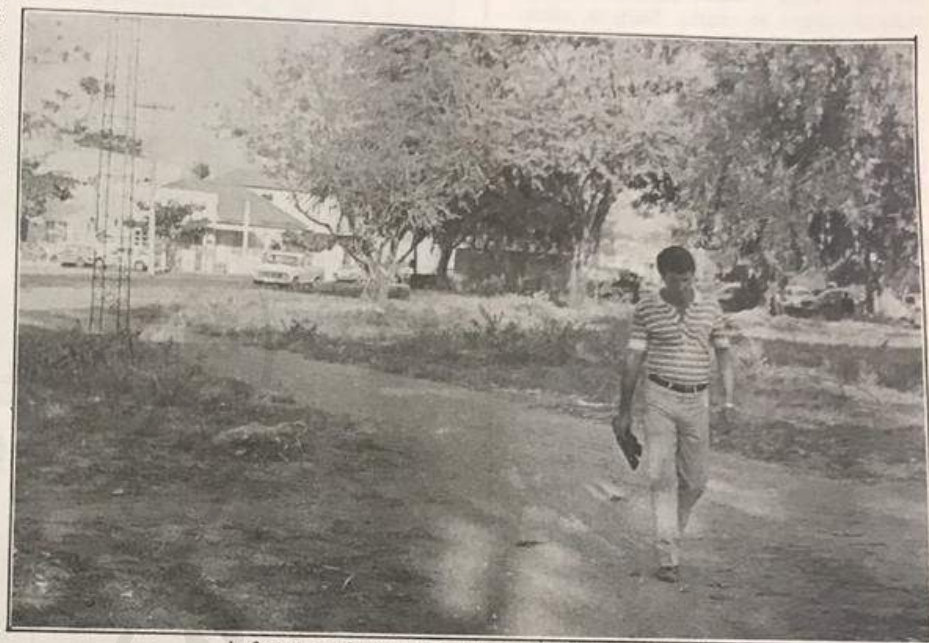
De um lado as prejudiciais condições climáticas, a seca; do outro a falta de infraestrutura do poder público para enfrentar esse árido problema e, para completar, o rastro destruidor ocasionado pelo ciclo de festas populares. É nesse rol de sacrifícios e difícil sobrevivência que se encontram as praças e jardins de Feira de Santana.

Há um aspecto de desolação, de abandono, que termina por estimular a depredação. Não é difícil vê-se canteiros servindo de estacionamento e improvisados postos de lavagem para veículos, garagens de oficinas-estrela, e campos de peladas — neste último caso pela inexistência de áreas de lazer adequadas. Anualmente, as festas populares, com a armação das toscas barracas e parques de diversão, se incumbem de consolidar a destruição.

Levando-se em consideração a constante expansão da área urbana de Feira, há de se imaginar que qualquer forma de planejamento no tocante a também necessária expansão do verde passa longe dos olhares governamentais. Exemplo mais drástico é a invasão das áreas institucionais de novos loteamentos, prática que já vem de anos e é calcada em interesses diversos e geralmente escusos.

SEGUNDO PLANO

A cidade dispõe de poucas praças. Basi-



As festas populares se encarregam da destruição dos jardins

camente as melhores estão situadas praticamente no centro da cidade, justamente nos limites mais rapidamente tomados pelo cimento, pelo asfalto, inerentes à necessidade do desenvolvimento comercial, que tem relegado a segundo plano qualquer

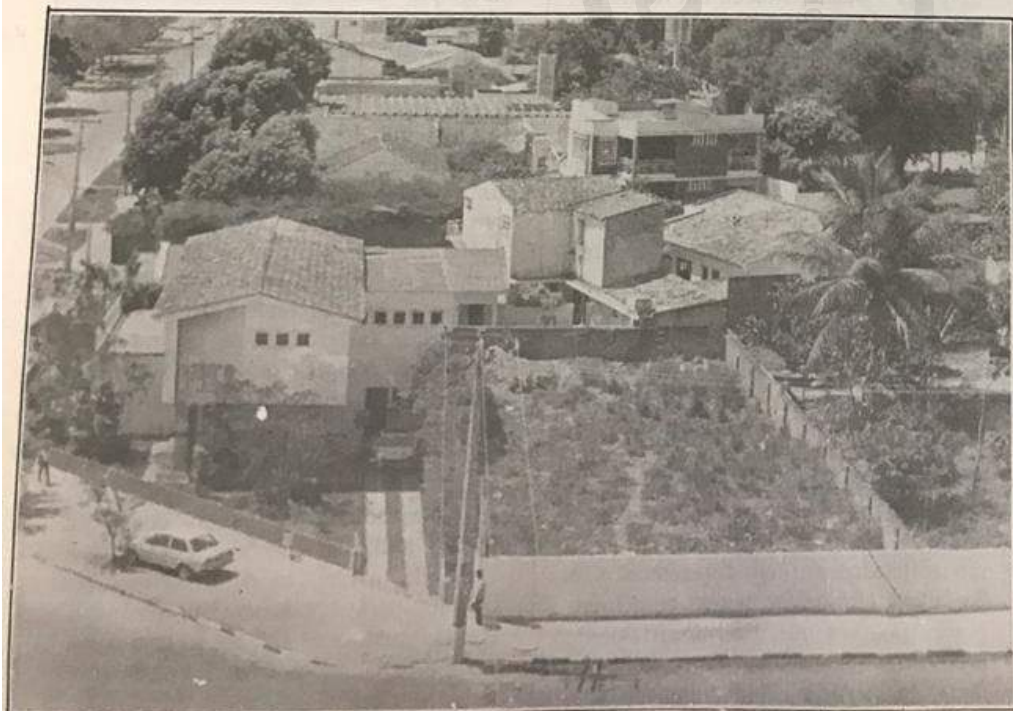
proposta de uma paralela humanização urbana, mesmo que seja em termos de manutenção das áreas verdes já existentes. O Centro de Abastecimento seria um exemplo interessante. Aonde está o seu caráter paisagístico?

Recentemente, aconteceu a transformação na avenida Senhor dos Passos e o verde novamente foi esquecido. Parece até algo tradicional, pois o governo passado, o do doutor Colbert Martins da Silva, enveredou pelos calçadões com uma tímida presença da natureza.

Aliás, foram em dois governos passados — no de Falcão ainda no MDB e depois Colbert Martins — que nasceram e morreram — tão rapidamente como se matam árvores na cidade — projetos do Parque da Cidade. Áreas não faltam e muitas já foram cogitadas, mas a vontade de transformá-las concretamente em Parque da Cidade ainda não chegou sequer ao papel. Hoje, volta-se a falar em projetos deste tipo, mas, como no passado, eles ainda estão no falatório.

QUINTAIS CONSERVADOS

Embora esteja na lista dos grandes centros urbanos, Feira de Santana ainda conserva um pouco da privilegiada caracte-



Há muito verde nos quintais

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 1 - N.º 11

15 DE FEVEREIRO DE 1984 - Cr\$ 1.000,00



SÉRGIO CARNEIRO

Não foge a realidade

IGREJA

DURDO POR MÉRIO MOREIRA DA CRUZ
direitos humanos

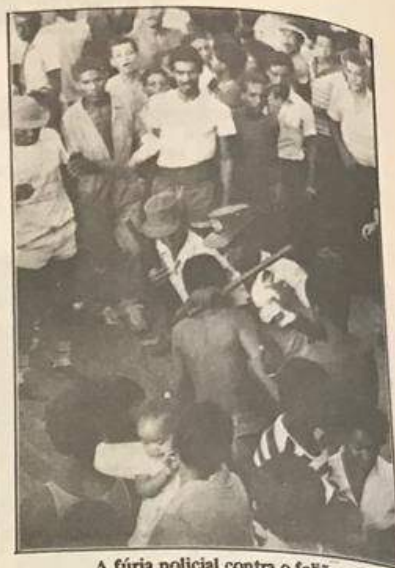
PÁGINA CENTRAL
Um poster de
Meninha do Gar

Lavagem sem brilho

Com a polícia comandando toda sorte de violência



Defronte a Catedral a reverência das baianas



A fúria policial contra o folião

Diversas pessoas eram unânimes em afirmar que a festa deste ano não contou com tanto brilho como outras, e muitos chegaram à triste indagação: "Será que a festa está morrendo?". Pelo menos no cortejo da lavagem e levagem, faltou mais participação do povo, com pouca gente tendo saído atrás da bandinha, isto em comparação aos anos anteriores. A participação aumentava mesmo quando já estava perto da Catedral, isto porque já era quase noite e o comércio liberava seus funcionários no final do expediente.

Até os tão famosos protestos que eram levados às ruas durante o cortejo, através de cartazes, não foram vistos na lavagem, muito embora nesse mesmo dia entrasse em vigor o aumento decretado pelo governo para os derivados do petróleo. As figuras de Delfim, Galvêas e Pastore não foram lembradas, a não ser por um pequeno grupo de rapazes, que levaram uma escultura de madeira atribuindo sua figura ao ministro do Planejamento. Mas na levagem, mesmo timidamente, os protestos aumentaram e Delfim foi o alvo mais fácil, como por exemplo numa carroça que levava sua figura com os dizeres "procura-se esse honesto". Essa mesma carroça, que fazia a campanha do "presidenciável" Haroldinho, clamava por

"ereções livres e diretas".

Em número mais reduzido, também as carroças não levaram muito colorido à festa. Faltou ornamentação para elas. Apenas foram às ruas algumas, com só uma estando realmente ornamentada, a da barraca São Pedro. O restante limitava-se na briga de talco.

VIOÊNCIA

Comandado pelo cabo França, um grupamento de onze policiais foram à lavagem da lenha espalhando terror, ao invés de procurar dar segurança aos participantes. Sem o menor motivo, o militar, em toda sua fúria, desferia cacetadas em todos, chegando mesmo a quebrar um cacetete nas costas de um rapaz. Mas a cena mais grotesca aconteceu em frente ao templo de Santana, quando as baianas ainda se preparavam para iniciar seu ritual e o cabo França investiu mordazmente contra um travesti que participou do cortejo no grupo de baianas de Socorro. Sem ao menos querer saber os motivos, o militar investiu contra o travesti apenas porque outra pessoa indicou: "Foi esse aqui".

Outras cenas violentas, mesmo não tendo chegado a causar vítimas, foram os cavaleiros, que vão às ruas em disparada,

colocando em perigo a vida de quem procura a festa para se divertir, ficando mais a mercê dos montadores de cavalo do que do próprio animal.

Infelizmente novos fatos lamentáveis ocorrem na festa. Desta vez foi a própria Setur que tirou o brilho da manifestação popular, quando o som oficial não permitiu que o ritual das baianas na lavagem da lenha fosse concluído. Quando foram colocados todos os feixes de lenha e as baianas se preparavam para louvar a Nanã (no sincretismo religioso, Senhora Santana), o "som" alastrou por toda a praça um rock, o que causou protestos do cantor e compositor Carlos Pita, que viu no ato uma ofensa à cultura.

ALEGRIA

Mas se faltou organização e outros elementos para melhorar a lavagem e levagem, não deixaram de estar presentes os travestis, os famosos casais travestidos, que acompanham, invariavelmente, todo o lado considerado profano da festa. Vão às ruas aos pares, isolados, gays ou não. O que importa para eles é estar ali, transmitindo alegria, fazendo parte do folclore dos festejos.

São figuras tão exóticas, e muitas vezes esdrúxulas, que por onde passam não deixam de causar risos nas pessoas. E quer ver eles se derreterem todo, ponham uma máquina fotográfica em sua frente: são mil e uma poses.

PANORAMA, 15/FEVEREIRO/84

Muito título e pouco dinheiro

Pede a regulamentação da profissão de treinador, para ter mais segurança no trabalho.

Argentino da cidade de São Tomé, Província de Santa Fé, Juan Celi, atual treinador do Fluminense, está no Brasil desde 1952, quando veio como meia-esquerda para o Bangu, e completa este ano 32 anos como treinador de futebol, já tendo conseguido conquistar onze títulos estaduais (62, 63, 65 e 66, pelo Confiança; 78, 79, 80 e 81, pelo Itabaiana; 82, pelo Sergipe; além de ser campeão pelo CRB e Capelense, de Alagoas). Mas, mesmo assim, o técnico não conseguiu tornar-se rico com as conquistas, e hoje se mostra arrependido pelo fato de ter-se apegado muito ao futebol sergipano, deixando escapar oportunidades de dirigir equipes de outros centros mais evoluídos, como Paraná e São Paulo, de onde recebeu convites.

Celi, 54 anos de idade, confessa seu erro, muito embora tenha sido o maior detentor de títulos no Estado de Sergipe. "Mas títulos não são condições financeiras e títulos não lhe dá estabilidade financeira, pelo menos a mim nunca deu. Infelizmente, apesar de todos os títulos que tenho conquistado, nunca fiz um contrato convincente com aquilo que eu desejava", lamenta o técnico. Mesmo tendo ficado a maior parte do tempo em Sergipe, o treinador argentino foi a outros estados, mas sempre pelo Norte-Nordeste, inclusive esta é a terceira vez que ele vem a Feira. As outras duas foram para dirigir o Bahia de Feira.

O cargo de treinador para Juan Celi é uma missão difícil de cumprir, considerando que o profissional precisa dar explicações a muita gente, "bem menos que o jogador". Para ele, é mais fácil a diretoria de um clube afastar o treinador do que dois ou três jogadores. Quando se trata de seus princípios, Celi é uma pessoa intransigente, tanto que ele é fã de serestas, sabe que todo final de semana acontecem muitas aqui na cidade, mas prefere não ir, "para evitar que saiam por aí dizendo que o treinador do Fluminense é um boêmio. Para mim, treinador de futebol é um homem público, e por isso mesmo deve preservar seu nome".

Na rotina diária de trabalho, o técnico se considera rígido em alguns momentos, "na hora da verdade". Mas quando não é assim, afirma que brinca e "muitas vezes sou da bonança. Mas nunca ultrapasso o limite normal, porque acho que tenho de

preservar o meu comando e o meu nome como treinador".

RELIGIOSIDADE

O sentido religioso está em tudo que Juan Celi faz. Católico ardoroso, ele tem por costume, aqui em Feira, toda semana percorrer as igrejas da cidade. Geralmente pega um táxi e vai a igreja de Nossa Senhora Aparecida, na Cidade Nova, seguindo depois pelos Capuchinhos, Senhor dos Passos e Catedral, sendo que algumas vezes também chega até a igreja do Jardim Cruzeiro. Nos templos ele entra e faz suas orações, e caso estejam fechados, pede para abri-los. É devoto da padroeira de sua cidade natal, Nossa Senhora de Guadalupe, mas também rende graças ao Senhor do Bonfim, nos pés do qual costuma depositar o boné que ele utiliza durante suas campanhas vitoriosas.

O técnico do Fluminense é também bastante supersticioso, a começar pelo uso de um boné em todo campeonato. Ele não titubeia em tirar um jogador ou dirigente

do banco de reserva se achar que ele está dando azar a sua equipe, já tendo acontecido isso no próprio Fluminense, durante o ano passado. É contrário à presença de pessoas que não vivem o dia-a-dia do time. Acredita que já existe uma corrente formada, e uma pessoa estranha poderá quebrá-la.

RETRANCA

O atual estágio do futebol brasileiro não agrada a Juan Celi, culpando seus próprios colegas de profissão pela falta de brilho das competições. Ele acha que o treinador de futebol arma um esquema de retranca para segurar o emprego. "Quando a equipe joga no campo do adversário é aquela retranca, e um pouquinho mais em cima quando está em seu campo. Pode-se observar que no Campeonato Nacional as equipes vão atrás de um ponto; se ganhar dois, ótimo; se for um, bom".

Para que o futebol brasileiro volte a ser alegre, descontraído e eficiente, acabando com a retranca, que tanto desagrada o



A briga dos valorixás

Pela primazia de
conduzir a lavagem
e a levagem.

Quem chegou logo cedo na Festa de Santana, na quinta-feira da lavagem, à tarde, deve ter ficado sem entender o porquê apenas um grupo de 30 baianas se deslocava sozinho, comandado pela mãe-de-santo Socorro, enquanto outras ficaram no sítio da festa, seguindo depois por itinerário diferente. Mas os olhos mais aguçados puderam perceber que tudo fazia parte de um plano de briga entre o pai-de-santo Zeca de Iemanjá e a mãe-de-santo Socorro, contando com a inércia da Secretaria de Turismo do Município, que deixou a coisa correr à revelia, demonstrando total falta de organização, numa festa que este ano não repetiu o brilho das anteriores, faltando maior participação popular durante o cortejo.

Zeca de Iemanjá e Mãe Socorro há vários anos travam enorme disputa pelo comando da lavagem e levagem, e este ano o pai-de-santo resolveu passar a perna na valorixá, para comandar a lavagem. Mãe Socorro foi informada por Zeca que o cortejo teria início na praça Doutor Remé-

baianas. Mas desta vez Socorro colocou todos seus filhos-de-santo na frente e não adiantou os pedidos de um funcionário da secretaria, pois ela alegava sua condição de baiana mais tradicional da festa: "Eu comando há 30 anos, e não saio daqui". E assim aconteceu, muito embora fosse tirado certo brilho do cortejo, já que o grupo de Socorro esteve todo o tempo visivelmente afastado do de Zeca, embora este diga que não mantém nenhum tipo de briga. Para a confusão da lavagem, ele alegou o descontrole da Setur: "Tinha muita gente mandando e não resolvendo nada". A disputa entre os dois valorixás é tão grande que até mesmo cada um participa em escolas-de-samba diferentes. Zeca sai na "Independentes de Padre Ovídio", enquanto Socorro na "Escravos do Oriente".

Há seis anos que Zeca de Iemanjá vem saindo na festa de Santana, e este ano ele comandou 42 baianas. À frente do grupo, saíram as três mais velhas: dona Rôcha, filha de Iansã (no sincretismo, Santa Bár-



Zeca de Iemanjá tentou enganar Mãe Socorro

dios, e a mãe-de-santo levou para lá todo seu grupamento. Assim que ela alcançou o ponto indicado por Zeca, este levou sua caravana para a rua Desembargador Filinto Bastos e o cortejo da festa foi mudado, já que, pelo menos nos últimos anos, ele tinha início na Conselheiro Franco.

Numa cena de muita comichida, Mãe Socorro e seus filhos-de-santo voltaram em desabalada carreira, assim que ouviram o espoucar de foguetes, indicando que a lavagem estava começando. A mãe-de-santo ainda chegou a tempo e com todo seu grupo atravessou o aglomerado do cortejo e tomou seu lugar à frente. Ainda resfolegando e suando muito depois da correria, Socorro desabafava: "Zeca me enganou".

O "TROCO"

Quando chegou o dia da levagem da lenha, tudo estava arrumado pela Setur para Zeca de Iemanjá comandar o grupo de

bara; dona Gertrudes, filha de Nanã (Santana); e Manoela Francisca de Jesus, filha de Oxossi (São Jorge). Puxando ala estavam a filha do Tempo (no sincretismo é São Lourenço), filha de Ená (Santa Lúzia), filha de Obá (Santa Maria Madalena), filha de Ogum-Xoroquê (Santo Antônio) e Ogan filho de Iemanjá-Ogum-Tê (Nossa Senhora da Conceição).

Para o pai-de-santo, filho de Iemanjá-Ogum-Tê, a festa foi fraca, considerando que a falta de dinheiro contribuiu em grande parte para esse enfraquecimento. "O povo não tem dinheiro para gastar em festas".

Novamente, tanto Socorro como Zeca, reclamaram da falta de apoio financeiro para organizar a saída das baianas. Zeca, por exemplo, recebeu apenas Cr\$170 mil, enquanto uma indumentária simples saiu em torno de Cr\$12 mil - a mais cara, com richiliê, ficou por Cr\$25 mil. A única saída foi as próprias baianas contribuírem na confecção.

Lembranças passadas

É certo que a vida de uma cidade como Feira de Santana é dinâmica, e tende a sofrer transformações das mais variadas possíveis, inclusive em seus costumes. Na Festa de Santana, como não é uma exceção, já se passaram muitas coisas, que ainda hoje são lembradas por muita gente. E a grita geral, principalmente daqueles que viveram outras festas, é que as tradições deveriam ser mantidas, sob pena de dentre em breve nada mais restar nos festejos à padroeira da cidade, a não ser barracas de bebidas.

Tradicionalmente, durante o bando, procissão, lavagem e levagem era cantado o Hino à Santana - "Salve Senhora Santana" -, de autoria do maestro Tuta, da 25 de Março. Ainda sobre música, vinha todo ano uma zabumba do distrito de Bonfim de Feira, que saía todos os dias da festa, na alvorada e ao meio-dia, pelas ruas centrais, convidando as pessoas.

O bando anunciador da festa de Santana, que este ano não saiu e está prestes a ser esquecido, ia às ruas sempre à tarde, no primeiro domingo de janeiro, passando depois para a madrugada. O costume dos participantes era acompanhar o bando mascarados.

Era costume, após as novenas, o largo da catedral transformar-se num grande salão de baile, quando as bandas tocavam músicas de carnaval e samba, depois da tradicional abertura com o dobrado. Havia uma verdadeira chuva de confetes, e as famílias da cidade colocavam cadeiras ao redor do coreto para observar a turma jovem dançando. Também após as novenas, realizava-se sempre as quermesses e leilões. Aliás, já em dezembro, perto do Natal, existia isso, angariando dinheiro para a festa.

Outro fato notório era o duelo entre as filarmônicas da cidade. Uma verdadeira apoteose na entrada de cada uma delas, com cada qual querendo apresentar-se melhor, principalmente na guerra de fogos.

Existem ainda pessoas que recordam o costume das senhoras da cidade perfumar o altar de Santana com perfume francês, no dia da lavagem, além de serem lembradas também as acácias amarelas que circundavam o templo e serviam para ornamentar os andores.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 2 - Nº 14

30 DE MARÇO DE 1984 - R\$ 1.500,00

Chuva cai,
mas falta
semente.

Aventura: atravessar o
Amazonas em um barco.



Camilo e Deonísio inaugurando



Competições esportivas na inauguração

Clube ganha piscina

O presidente do Banco do Nordeste, Camilo Calazans, inaugurou esta nova área de lazer do BNB-Clube.

Ao inaugurar o parque aquático do BNB-Clube, no último dia 24, nesta cidade, o presidente do Banco do Nordeste do Brasil, Camilo Calazans, usou da palavra para afirmar que o estabelecimento bancário que dirige situa-se atualmente entre os maiores do país, cumprindo seu objetivo maior de gerar empregos e combater a recessão.

Camilo Calazans fez questão de frisar que o Banco do Nordeste foi quem apresentou, no ano passado, "a melhor performance entre as instituições oficiais nos últimos anos". Além de ter sido homenageado na semana passada em Salvador por empresários baianos com uma Medalha de Ouro comemorativa dos 30 anos de criação da Federação das Indústrias do Estado da Bahia, o presidente do BNB participou da 9ª Reunião do Conselho de Administradores do BNB, realizado no Hotel Meridien, reunindo 211 gerentes regionais e de agências e chefes de departamentos.

Ainda em Salvador, Camilo Calazans anunciou que as aplicações este ano deverão atingir a casa dos Cr\$4 trilhões, com tendência a ser um valor maior por tratar-se de uma previsão inicial. Tudo vai depender da capacidade de captação de recursos externos pelo banco. Para ilustrar, ele disse que as aplicações de 1983, em relação ao ano anterior, registraram um crescimento da ordem de 183 por cento.

O presidente do BNB chegou à sede do clube ladeado por empresários, políticos e funcionários do banco, sendo saudado pela banda de música do 1º Batalhão da Polícia Militar de Feira de Santana.

Após cortar a fita inaugural, Camilo Calazans foi recepcionado pelo diretor do clube, José Francisco Sobrinho, que enalteceu suas qualidades à frente do banco. Depois foi presenteado com um jaleco de couro com o logotipo da instituição e um quadro. Também foi homenageado com uma apresentação especial da dupla de repentistas

feirenses Caboquinho e João Crispim seguido de provas de natação e coquetel.

Depois de descerrar a placa indicativa da inauguração do parque aquático que leva o seu nome, o presidente do BNB agradeceu as homenagens e destacou a importância do trabalho que o banco desenvolve em favor da região, ressaltando a atenção especial que dedica a Feira de Santana dada "a importância do empresariado".

Camilo Calazans veio a Feira após passar alguns dias em Salvador. Ele chegou pela manhã e almoçou na residência do empresário José da Costa Falcão, indo em seguida para o BNB-Clube acompanhado pelo prefeito José Falcão, deputado federal Wilson Falcão, ex-prefeito Newton Falcão, presidente do Centro das Indústrias, Alfredo Falcão, e o presidente da Associação Comercial, Osvaldo Otton, além de empresários e homens de banco.

PANORAMA



BAHIA ARTES GRÁFICAS — ANO 1 — Nº 16

04 DE MAIO DE 1984 — Cr\$ 1.500,00

Desperdício
dentro do país

Classe média mais
atingida pela
política salarial

Caldas de Cipo,
milagrosas águas
do sertão

CHARLES

argentino que virou baiano.

Luzes da maior festa de Feira: a Micareta.



Falcão: a maior micareta do mundo.



Itaracy: uma festa nacional.



Decoração homenageia cem anos de Carnaval na Bahia

A decoração do "Carnaval de Abril" — a Micareta 84 de Feira de Santana, foi inaugurada no último dia 25, à noite, ou seja três dias antes do início da maior festa popular do interior da Bahia. Para marcar o evento a Secretaria de Turismo do Município (Setur) reuniu representantes da imprensa local e de Salvador, num coquetel servido no Feira Pálace, que contou ainda com as presenças da rainha do Micareta 84, Norma Lene, das princesas Mara Ramos e Antônio Bezerra Alves, do prefeito José Falcão da Silva, do secretário de Turismo Itaracy Pedra Branca e outros secretários municipais. Confiante no êxito da festa, que a cada ano ganha mais prestígio no cenário nacional, o prefeito José Falcão disse, empolgado, que "em Feira se realiza a maior Micareta do mundo".

A decoração foi adaptada da utilizada em Salvador, no Carnaval passado. Segundo o prefeito, além de ser uma medida adotada para baixar os custos da festa, na sua opinião foi também uma forma de homenagear os Cem anos de Carnaval da Bahia. Ao todo são duzentas e quarenta peças, mais vinte mil lâmpadas que estão ornamentando os principais pontos de concentração da folia nos cinco dias de Micareta. A avenida Getúlio Vargas foi transformada numa passarela de cem metros, onde foram instalados estrategicamente vários spots, "com a finalidade de realçar os

desfiles que ali serão realizados", informa o secretário Itaracy Pedra Branca.

UMA FESTA NACIONAL

O objetivo da Setur é transformar a famosa Micareta de Feira de Santana numa festa nacional, assim como é a Festa da Uva, no Rio Grande do Sul, ou a Paixão de Cristo, em Nova Jerusalém, citadas como exemplos pelo secretário Itaracy Pedra Branca. Ele disse que para isso a Setur tem desenvolvido esforços no sentido de divulgar amplamente o evento utilizando todos os meios de comunicação do país, além de trazer para a Micareta atrações como escolas de samba do Rio de Janeiro, a exemplo da Beija-Flor de Nilópolis, que desfilará no sábado de Micareta, com participação do carnavalesco Joãozinho Trinta, da modelo Piná e o figurinista Jesus Henrique; de Salvador virá o afoxé **Filhos de Gandhi**, com um grande número de figurantes e sua bateria completa. A festa vai contar ainda com a presença de vinte e dois trios-elétricos, além de blocos, escolas-de-samba e afoxés locais.

O secretário de Turismo informou também que a cidade hoje dispõe de uma infra-estrutura completa para receber o maior número de turista possível e lembrou que os foliões poderão se hospedar na capital e vir brincar a Micareta, já que Feira fica apenas a uma hora e meia de Salvador.



Encenação da primeira missa

Festa do descobrimento

Juntamente com o Mobral, a Bahiatursa apoiou os eventos relacionados com o Descobrimento do Brasil, em Santa Cruz Cabrália, entre os dias 19 e 26 de abril. No dia 19, Dia do Índio, houve projeção de filmes educativos na praça principal da cidade. Como também apresentação de uma dança de índios, coreografada e encenada por representantes da tribo Pataxó.

Dia 20, no Museu da Cidade Alta, em Porto Seguro, foi feita uma palestra sobre o descobrimento. Dia 21, apresentações de danças indígenas. Dia 22, apresentações de números de dança e música pelos Pataxós. Dia 24, show variado — festival de música, encenação de peças teatrais e outros — na praça principal de Santa Cruz Cabrália.

Dia 26, encenação da celebração da primeira missa em Santa Cruz Cabrália, com o Auto da Terra de Vera Cruz. À noite, houve jantar de confraternização.

Quase no fim da viagem pelas praias do sul da Bahia, chega-se ao

berço da terra. Porto Seguro é um monumento da história, a 707 quilômetros de Salvador e 300 quilômetros depois de Ilhéus. O mar infinitamente azul banha 92 quilômetros de praias e reflete a luz forte do sol. Os bares e as ruas estão sempre cheios de uma gente buliçosa, tostada, muito bonita, que às vezes convive com o Pataxós, povo índio que assistiu a chegada dos portugueses. Os velhos monumentos, imponentes, transportam quem chega à cidade ao tempo do descobrimento do Brasil.

O grito de descoberta da Ilha de Vera Cruz, sugerido pela presença de folhas, aves e pela imponente silhueta do Monte Pascoal, ainda ressoa, mais de 480 anos depois, nas praias, no ar, na cidade de Porto Seguro. No palco inicial da vida brasileira, a história está presente em cada lugar. Tudo remete àquele instante original, ao fantástico encontro entre brancos e índios. Os visitantes têm um encontro marcado com o princípio de tudo em Porto Seguro. Ali começa o Brasil.

Corredores sem apoio

Partem para a pista na busca de uma boa colocação e o sonho de chegar às Olimpíadas de Los Angeles.

Cinco corredores feirenses deverão participar no próximo dia dois de junho, no Rio de Janeiro, com saída e chegada no Leme, da V Maratona Atlântica/Bradesco, que vai apontar os dois representantes brasileiros para as Olimpíadas de Los Angeles, em julho, nos Estados Unidos. Nesta prova, o melhor do atletismo nacional estará reunido, a exemplo de João da Matta (vencedor da última São Silvestre), Edson Bergara, Elóy Schleder, Antônio Celso Silveira e Euclides Forjado, figuras expressivas entre os corredores do país.

As dificuldades são muitas, e a diferença de índice técnico também chega a ser gritante, comparando-se o atletismo nordestino com o do Sul do país, porém a turma daqui vai firme para o Rio, com o objetivo de tentar melhorar suas marcas.

Dos feirenses que vão correr, o que tem mais experiência e sucesso em provas nacionais é Edvaldo de Jesus Reis, o Bode, que venceu em dois anos seguidos — 82 e 83 — a Maratona da Printer, disputada no Rio, fazendo parte do calendário nacional da Confederação Brasileira de Atletismo, com o atleta tendo característica principal de fundista. Outro participante de larga experiência é

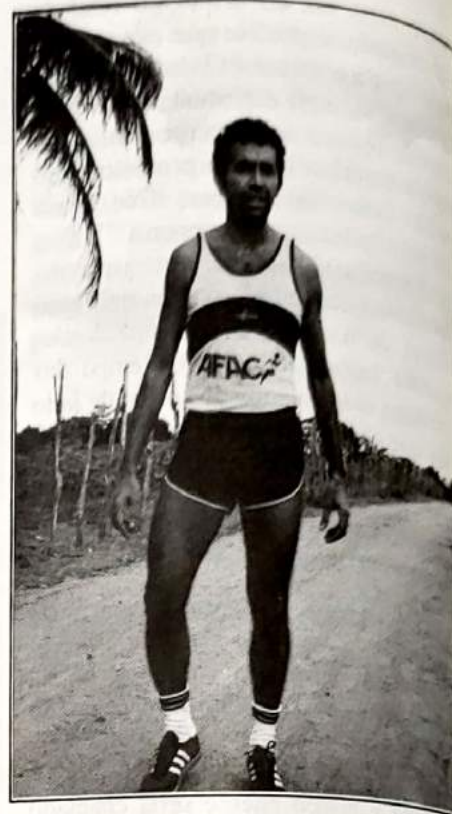
Norval Batista Cruz, 27 anos, corredor do Sesi/Feira, colocado na 14ª posição do ranking nacional, somando 138 pontos, conforme dados publicados pela revista Viva. Porém, com Norval ocorre o problema dele não ter característica de fundista, estando a nível de mini-maratona, com 21 quilômetros de percurso, a metade de uma maratona. Por isso mesmo, conforme afirmou seu treinador, Admilson Santos, a prova não estava incluída em seu programa de treinamento. Desta forma, a presença de Norval só será assegurada se ele vencer a eliminatória baiana, a ser realizada dia dois de maio, em Salvador, pois o vencedor dessa prova terá passagem e hospedagem paga para competir no Rio. Os planos de Norval e Admilson é passar a competir em maratona nos próximos dois anos. Os outros participantes serão Antônio Carlos Rocha, Carlos Alberto Pedreira e João Lima Neto.

PROBLEMA

O atleta que tem mais condições de conseguir uma melhor colocação na maratona carioca é Edvaldo Reis, porém ele está com muitos problemas, saindo de uma parada de cinco meses, motivada por um estirão na virilha, tendo retornado aos treinamentos em março passado, correndo em média 25 mil metros diários. O treinador de Bode, Valdeck Azevedo, disse que o atleta ainda está fazendo um trabalho de base, com objetivo de retornar à forma, começando a fazer treino específico a partir do dia 24. Assim, Valdeck acredita que o atleta terá melhor condicionamento físico em julho, quando for disputar a Maratona da Independência, em Salvador, que dará ao baiano que chegar na frente uma passagem para participar da maratona de Nova Iorque, em outubro, além do primeiro colocado geral receber Cr\$1,2 milhão de prêmio.

Além de ter ganho duas competições da Printer, Edvaldo de Jesus venceu em 82 a eliminatória baiana para a São Silvestre, fazendo dobradinha com Norval. Também em 82, ele foi o segundo do Norte/Nordeste nos três e dez mil metros, com provas disputadas em Recife. Em 81, Edvaldo ganhou a corrida do Jubileu de Prata da Ceplac, com percurso de Itabuna a Ilhéus, tendo recebido na época Cr\$100 mil. Também Norval Cruz conseguiu bons resultados em provas pelo Brasil, além de ter ganho no ano passado o Campeonato Baiano dos cinco e dez mil metros. Em maio de 83, ficou em quinto lugar no Troféu Brasil, em São Paulo, correndo cinco mil metros. No Campeonato Brasileiro Universitário, em Belo Horizonte, em julho do ano passado, ficou em quarto, também nos cinco mil. Chegou em sexto lugar no Campeonato Brasileiro Adulto, no Rio, em setembro de 83, além do quarto lugar nos três mil metros com obstáculos, em Belo Horizonte.

Na faixa pré-veteranos vão participar Antônio Carlos Rocha e Carlos Alberto Pedreira, todos atletas da AFAC — Associação Feirense de Atletas Corredores. Antônio Rocha, esse ano, das três provas que disputou pelo Campeonato Baiano



Antônio Carlos: legalizar a AFAC

venceu todas, em sua categoria, bem como já foi vencedor do Circuito Itaigara, Ciclovia de Pituaçu e Meia-Maratona Piter Donald. Já Carlos Alberto venceu um circuito em Pituaçu, tirou segundo lugar na Volta ao Dique, terceiro na corrida Cidade do Salvador, Troféu João Durval Carneiro, e no Cross Country.

APOIO

De todos os atletas que se dispõem a participar da prova do Rio de Janeiro pode-se ouvir uma só queixa: falta de apoio. A excessão de Norval, os corredores se propõem a pagar do próprio bolso para ir ao Rio, caso não consiga vencer a eliminatória de Salvador. Admilson Santos, por exemplo, chama a atenção que os atletas de Salvador já estão todos com patrocinadores, enquanto em Feira, ninguém se dispôs a ajudar, embora os atletas sempre consigam resultados expressivos.

Por isso mesmo, dentro de breves dias a AFAC vai ser uma entidade reconhecida, existindo estatutos próprios e uma diretoria. Segundo o corredor Antônio Carlos Rocha, que está à frente do órgão, com a legalização espera que os empresários se disponham a colaborar, pois muitos deles alegavam que não podiam ajudar porque não havia um órgão representativo.

Outra reivindicação de Rocha é no sentido do poder público criar condições de treinamento, dando, inclusive, a sugestão de que seja construída uma pista de corrida no canteiro central da avenida João Durval Carneiro, antiga Anchieta, que deverá ser pavimentada. Outra esperança do atleta é de que a nova Vila Olímpica dos Amadores destine um lugar para os corredores, pois o único local da cidade apropriado para corrida, o Jôia da Princesa, não é cedido, embora não onere em nada seu uso, pois nem o gramado é utilizado, só a pista.



Edvaldo já venceu duas provas no Rio de Janeiro

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS

1 A 14 DE AGOSTO - Cr\$2.000,00

DUARDO DE MÊIO MOREIRA DA CRUZ
Artes do
Memória, imagem, imaginário

BOA MORTE FESTA NEGRA

FALTA TETO PARA MORAR

Festa da Boa Morte

Uma centenária manifestação cultural em que negras baianas agradecem a liberdade de um povo, conseguida a duras penas.

A histórica Cachoeira, talvez a mais mística e negra cidade baiana, vive todos os anos, em agosto, uma das mais ricas e significativas manifestações culturais do Recôncavo: a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Celebrada desde os primórdios do movimento abolicionista, a festa preserva, ainda hoje, seus traços característicos, individualizados, marcados pelo sofrimento de um povo que lutou para alcançar a sua liberdade.

Agradecer a Nossa Senhora a liberdade conseguida a duras penas é, de fato, o significado maior dessa festa, organizada pela Irmandade da Boa Morte — uma sociedade exclusivamente feminina, formada por mulheres geralmente de meia-idade e descendentes de escravos. As irmãs se dedicam de corpo e alma à devoção e têm a realização da festa como um de-



Manifestação sincrética do afro com o catolicismo

ver, uma obrigação que deve ser cumprida a cada ano, para pagar a promessa feita por seus ancestrais.

As cerimônias se revestem de extraordinária riqueza, desde os trajes especiais e jóias que as mulheres usam a cada dia, até as ceias oferecidas na casa da Irmandade e o samba-de-roda, que caracteriza a parte profana da festa — que, este ano, se inicia no próximo dia 5, com a eleição da comissão encarregada de organizar os festejos do ano seguinte, prosseguindo no período de 16 a 22 de agosto, com missas, procissões e rodas de samba.

Os registros históricos não precisam a data inicial da festa. Sabe-se, contudo, que a devoção existiu em várias igrejas e conventos de Salvador, que celebravam a "procissão do Enterro da Senhora" ou "procissão de Nossa Se-

nhora da Boa Morte", costume herdado de Portugal. No livro *Bahia — Imagens da Terra e do Povo*, o escritor Odorico Tavares registra o início do culto, na igreja da Barroquinha — em Salvador, destruída por um incêndio no início deste ano —, por volta de 1820, e desaparecendo com o progresso.

Odorico Tavares explica que os jêjes, quando se deslocaram da capital para o interior, levaram para Cachoeira a devoção e a festa de Nossa Senhora da Boa Morte — na verdade, uma manifestação sincrética do culto afro com o catolicismo, surgida a partir da promessa, feita pelas negras escravas, de celebrar a festa quando viesse a liberdade. "A promessa", dizem as irmãs, "foi feita antes da abolição (fim da escravatura), porque elas já esperavam, mas pediam a Deus que chegasse logo aquele dia. Quando alcançassem a liber-

dade, a festa então explodiria em agradecimento".

Mas a festa não começou antes da Abolição, pelo menos em Cachoeira. Dizem as irmãs que nesse período — cerca de 68 anos, entre a organização da Irmandade, por volta de 1820, e a decretação da Lei Áurea, em 1888 —, as escravas faziam um ritual afro secreto e não existia a parte católica. "Elas faziam a novena delas e o samba-de-roda, até que pudessem alcançar a liberdade e celebrar a missa católica".

MUITA DEVOÇÃO

Sociedade fechada, fiel zeladora das tradições culturais enraizadas, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte guarda ainda os traços fortes de sua origem, como a admissão exclusiva de mulheres idosas e negras em seus quadros, tradição que continua sendo



Velando Nossa Senhora da Boa Morte



A rica indumentária das "irmãs"

seguida religiosamente. Até o fim da escravidão, as irmãs mantiveram a tradição distante de possíveis modificações em sua estrutura, fato observado ainda hoje pelas ricas características de uma criação popular preservada em sua pureza, beleza e autenticidade, apesar das origens modestas e do sistema religioso imposto, desde os primeiros tempos, no Brasil.

O quadro da Irmandade, que já contou com a participação de cerca de 200 mulheres, segundo depoimento das mais velhas, reúne hoje cerca de 40 irmãs provenientes não só de Cachoeira, mas de outras cidades do Recôncavo, como São Félix, Maragogipe, Muritiba, Santo Amaro e até mesmo Salvador. Para entrar na Irmandade, é preciso, antes de mais nada, muita devoção a Nossa Senhora da Boa Morte. Geralmente, as mulheres devem estar na faixa acima dos 40 anos, porque a partir dessa idade, segundo as irmãs, começam a perder o interesse material e sexual, fortalecendo o espiritual e a dedicação, de corpo e alma, à devoção.

A candidata à Irmandade fica em observação durante três anos, quando as irmãs mais velhas, além de lhe transmitir os ensinamentos, observam o seu procedimento e avaliam sua responsabilidade. Nesse período, a iniciante é chamada "irmã de bolsa" e tem como função ajudar nos preparativos da festa, principalmente no recolhimento de donativos, sem contudo ter direito ao uso das vestes tradicionais da Irmandade durante a festa, quando se apre-

sentam todo o tempo de branco, com a tradicional roupa de baiana. Após os três anos de observação, a candidata atinge o **status** de irmã.

JÓIAS E RAINHAS

A Irmandade da Boa Morte, enquanto instituição, não possui bens materiais. Sua riqueza maior está na devoção e preservação do culto, embora nos primeiros tempos muitas irmãs possuissem jóias de grande valor, que não se sabe exatamente como foram adquiridas — entre a população, correm duas versões: a primeira, negada veementemente pelas irmãs, conta que as escravas pertencentes à instituição gozavam de grande prestígio entre os senhores de engenho, que as presenteavam com ouro e brilhantes; a segunda versão diz que todo o patrimônio original das escravas foi comprado por elas, o que é difícil de aceitar-se, já que se tratava de pessoas sem grande poder aquisitivo.

Atualmente, são poucas as irmãs que possuem peças antigas, estilo africano, pois muitas foram obrigadas a se desfazer desses bens por dificuldades financeiras e até mesmo para custear festas passadas. Além da casa no largo da Ajuda, que abriga a entidade, o patrimônio da Irmandade é constituído de uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que data do século XVIII, de valor inestimável. Do patrimônio original, restam as jóias que foram adquiridas e encontram-se em exposição no

Museu das Alfaias, em Cachoeira, e no Museu Costa Pinto, em Salvador. Entre estas peças, destacam-se uma coroa de prata banhada em ouro, um par de brincos cravejados em brilhantes, um peitilho com 370 diamantes, um resplendor de prata e ouro com ametista, um par de sapatos de ouro, pulseiras escravas e um broche de prata.

TRAJE DE GALA

Restam hoje, entre os poucos pertences das irmãs, apenas os trajes com que participam da festa, motivo de grande orgulho: quando vestem sua roupa de gala ou a indumentária de baiana típica, as negras baianas desfilam pelas ruas de Cachoeira como se fossem autênticas rainhas. O traje de baiana todo branco (camizu em richelieu, bata bem larga em tecido fino e trabalhada, saias bem armadas, chinelas em couro branco, oja de cabeça engomado com detalhes de richelieu e pano da costa bordado) é usado durante o cortejo de Nossa Senhora, na sexta-feira, e na ceia branca. Neste dia, elas não usam jóia alguma, nem adereços, apenas as guias dos orixás e o traje branco, que no candomblé significa luto — afinal, é um dia de resignação e respeito em reverência à Senhora Morta.

A indumentária de gala, característica da Irmandade, tem muitos significados e detalhes em acessórios com intenção marcante. É um traje em preto, branco e vermelho, que representam as

UM FIM-DE-SEMANA PRA FICAR NA HISTÓRIA



Pegue sua mulher e seus filhos, convide seus parentes e amigos, e faça uma festa em Cachoeira, o mais precioso monumento colonial do interior da Bahia.

Gente de todos os cantos está chegando para conhecer a opulência e riqueza dos sobrados, monumentos e igrejas construídos nos séculos XVII e XVIII, e descobrir a história cheia de emoções desta cidade colorida.

Em Cachoeira você tem atrações para curtir dia e noite. O extraordinário acervo de arte religiosa e mobiliário nos museus, relíquias arquitetônicas do Brasil Colônia, a Ponte Dom Pedro II - inaugurada pelo Imperador, em 1885 -, a natureza às margens do Rio Paraguaçu, e até mesmo a moderna barragem de Pedra do Cavalo.

O porto de Cachoeira foi um importante centro comercial por mais de dois séculos. Através dele foram exportados os diamantes de Lençóis, o ouro de Rio de Contas e as pedras preciosas de Minas Gerais. Por ele também eram importados os produtos europeus para o sertão da Bahia.

À noite essa festa ganha luzes e música. Muita alegria e animação nos largos, barzinhos e restaurantes típicos onde acontecem autênticos sambas-de-roda e serestas improvisadas.

Os hotéis da cidade oferecem diárias econômicas, boa comida e muito conforto. Veja como a gente de Cachoeira é hospitaleira. Tem sempre alguém interessado em mostrar o que de melhor existe, contar lendas e tradições passadas de gerações em gerações.

Prove da maniçoba, o prato mais famoso da região. A culinária é rica em deliciosos quitutes preparados com saber e muito carinho. As batidas e sucos de frutas deixam todo mundo com vontade de pedir mais.

Tudo isso pertinho de você. Ao contrário dos turistas que vêm de longe para curtir Cachoeira, você não precisa andar muito para fazer o fim-de-semana mais gostoso de sua vida. Um fim-de-semana que vai ficar na história.

EM CACHOEIRA CONTE COM A GENTE:

RESTAURANTE GRUTA AZUL
Praça Manoel Vitorino, 2

**POUSADA E RESTAURANTE
RECANTO DE OXUM**
Rua 25 de Junho, 4

POUSADA E RESTAURANTE PAI TOMÁS
Rua 25 de Junho, 12

BAR E RESTAURANTE BEIRA RIO
Praça Teixeira de Freitas, 19

COLABORAÇÃO:
REGIONAL DE BEBIDAS LTDA.



cores "áfrico", como explicam as irmãs. A saia é preta e plissada; o camizu ou camisa de crioula é todo em richelieu, engomada e branca; uma outra blusa é usada, pois, com os largos e barrocos bordados do richelieu, boa parte dos seios ficava de fora. Outra peça importante é o pano da costa em veludo preto com forro de cetim vermelho e o torço — oja branco, comum, bordado em richelieu.

No dia do sepulito, as irmãs usam o traje de gala com as cores preto e branco (a parte vermelha do pano da costa fica para dentro). Neste dia elas também não usam jóias. No dia da procissão da Glória, a roupa de gala é novamente usada, desta vez mostrando a parte

Cerqueira Santos, "é de princípio, uma tradição que os mais velhos ensinaram". A primeira ceia acontece numa sexta-feira à noite (dia 17, este ano), depois dos atos solenes na igreja Matriz. A segunda, se realiza no domingo (dia 19), depois da procissão da Glória, quando as irmãs oferecem para o almoço uma feijoada e dão início à parte profana da festa, com muito samba-de-roda. Na segunda-feira, é dia do cozido, com todas as verduras da região; e na terça-feira, o caruru e o mungunzá são disputados pela comunidade à noite, em meio a animadas rodas de samba.

A ceia de sexta-feira é caracterizada



A tradição da mesa farta para os convidados

vermelha, significando alegria pelo vivo da cor, além de referência às cores de Omulu — vermelho e preto — e Iansã — vermelho. Nesse dia, elas também usam muitas jóias, numa referência a Oxum, que é sincretizada com Nossa Senhora da Glória. É dia de botar muito ouro, muita grandeza.

CARURU E MUNGUNZÁ

As ceias oferecidas à comunidade pela Irmandade da Boa Morte têm um significado muito especial dentro da festa. Em cada noite, as irmãs servem diferentes iguarias, seguindo um ritual que, de acordo com a irmã Maria José

como ceia branca, seguindo uma tradição afro, de não se comer dendê neste dia, por ser dedicado a Oxalá. Tem o mesmo significado da ceia da sexta-feira da Paixão, quando se faz jejum e abstinência de carne. A ceia é sentimental, pois todos têm que guardar aquele dia, demonstrando pesar pelo desaparecimento de Nossa Senhora. O branco é sinal de sentimento, amor, paz, e tranquilidade para todos. Nas ceias dos outros dias, o clima já é de festa e alegria. "É um regozijo porque Maria já foi para a Glória", explicam as irmãs. Daí as rodas de samba, a animação, os cantos, o lado profano e alegre da programação.

AVENTURA



NO ATLÂNTICO

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRAFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 26

01 A 15 DE OUTUBRO DE 1984 - Cr\$2.000,00

PORTE PAGO DR / BA AUT. ISR - 44 - 428 / 83

Rádio Subas

Av. Getúlio Vargas,

Feira de Santana - Bahia



ISR - 44-428/83



Universidade Estadual de Feira de Santana
Museu Casa do Sertão

Biblioteca Senhorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão

Doação Recebida: FRANKLIN MAFALDO

Data:/...../..... 2008

SÃO SEBASTIÃO

**URNAS CONFIRMAM
JACILDO PREFEITO**

ILHÉUS / ITABUNA
A FESTA DO CACAU

Atrações da festa

O agropecuarista que participou da X Exposição de Feira de Santana encontrou no Parque João Martins da Silva praticamente tudo que ele precisa para a vida no campo, um maravilhoso mundo que cada vez mais redescobre meios para sanar deficiências — principalmente em regiões como a nordestina, onde a seca vem devastadora — ou mesmo coisas que são consideradas supérfluas.

Costumes milenares são mostrados, como é o caso da irrigação e também o biodigestor chinês ou indiano. Mas a tecnologia chega ao campo, e durante a exposição pelo menos dois **stands** mostraram aos fazendeiros novas alternativas, como a utilização de computadores e também de comunicação rural com modernas aparelhagens. Além disso, não faltou a presença de técnicos em inseminação artificial, um método moderno que vem possibilitando aprimoramento cada

ção de custos.

Mas o biodigestor não funciona somente como alternativa energética. Produz também o biofertilizante, que é o resíduo expelido após o processo de fermentação. É um ótimo adubo, rico em alimentos para as plantas, principalmente fósforo e nitrogênio. Não tem cheiro e não oferece perigo à saúde, podendo ser utilizado em lavouras, pastagens, pomares e hortaliças, como garante o agrônomo Lucílio Souza Flores, da Ematerba. Dentre as matérias-primas, o esterco de galinha é o que fornece melhor índice de produção de biogás. Enquanto com dez quilos de esterco fresco de bovino, cavalo, ovelha e búfalo se consegue 0,40m³ de gás, apenas um quilo de esterco de galinha produz 0,43m³. Maiores informações sobre o funcionamento e instalação de biodigestor podem ser conseguidas em qualquer escritório do órgão estadual,

ali. Também foi alvo de olhares curiosos um boi medindo pouco mais de um metro de altura.

Mas em termos de diversão, a briga dos bancos em oferecer melhores opções aos clientes proporcionou um bonito e interessante espetáculo. No primeiro dia da mostra, o Bamerindus deslocou até o parque um **halão** inflável, atraindo todas as atenções. Encerrando a festa, foi a vez do Baneb apresentar a Turma da Mônica, com personagens infantis criados por Maurício de Souza. Ainda foi visto no parque apresentação de cães amestrados, provas hípias e também um circo de touros. Por parte da Prefeitura, todas as noites foram apresentados diversos **shows**, com destaque para Maria Alcina e Genival Lacerda.

Durante quatro dias, foram realizados vários julgamentos dos animais expostos no Parque João Martins da Silva, envolvendo equídeos, gado europeu, zebuínos, caprinos, suínos, ovinos, bubalinos e raças diversas. No final, foram distribuídas cerca de 200 premiações, destacando-se os grandes campeões e reservados de cada raça.

Vários criadores se destacaram em determinadas raças. Na Jersey-PO, o destaque foi Evandro José Neves, da fazenda Faceira, localizada em Feira; na holandesa (vermelha e branca e preta e branca) sobressaiu-se Almiro Daltro, da fazenda Reunidas Boa Lembrança, no município de São Gonçalo dos Campos; a Normanda-PO foi totalmente dominada pelo espólio de Décio Carvalho, fazenda Recreio, de Serra Preta; Alberto Gentil Magalhães, fazenda Boa Sorte, município de Itaberaba, também dominou a raça Santa Gertrudis-PO; a Nelore não teve uma hegemonia de um só criador, havendo grande diversificação — a grande campeã da raça foi de propriedade de Mário de Campos Cordeiro Júnior, enquanto o animal de Antônio Florivaldo Tarzan Carneiro Lima foi o grande campeão —; na Guzerá, domínio de Ângelo Calmon de Sá, fazenda Santa Maria, em Feira; Vespaziano Gomes dos Santos, da fazenda Jeribá, município de Planalto, dominou a raça Schwyz-PC.

Por parte dos equídeos, nas raças Mangalarga, Pêga, Campolina, PSI e Árabe, verificou-se grande diversidade de criadores. Nos caprinos, o grande destaque foi para Arzênio Sampaio Barreto, da fazenda Pau da Rola, de Feira de Santana.



Um rodeio chamou muitos curiosos

vez maior à linhagem dos rebanhos, alcançando resultados extremamente satisfatórios.

Embora métodos modernos exerçam grande fascínio, um ponto interessante da exposição foi a utilização de uma coisa bem antiga, o biodigestor, que funciona como alternativa energética para o homem do campo, utilizando a matéria-prima mais elementar no meio rural, o esterco animal, que através de fermentação em fossas especiais, chamadas digestores, produzem um gás combustível, o metano, capaz de substituir os combustíveis sólidos e líquidos, além do próprio gás butano (utilizado em fogão) e da energia elétrica, significando enorme redu-

ção de custos, que fornece um levantamento dos custos de uma construção, apoiando tecnicamente também.

Durante uma semana, além dos negócios, a exposição de animais também foi palco de uma grande festa, onde teve de tudo, desde palhaços para alegrar as crianças até um grande susto, como o ocorrido no último dia, quando um boi escapuliu e entrou numa barraca derrubando mesas e apavorando a todos. Não faltou também o já folclórico boato de que estava sendo exposto um sapo enorme, que precisava ser preso a uma corrente. Os curiosos rodaram o parque inteiro procurando-o, mas ficaram na ilusão de que o suposto animal esteve

Lucas entra em cena

O herói-bandido vai ser mostrado pela força da dança e da música, quando sua vida será contada no palco, num balé especialmente criado e montado para reviver a lendária figura do fugitivo escravo.

Ele já foi personagem de literatura de cordel, teatro, pintura, ensaios e ainda hoje é motivo de muita polêmica entre os estudiosos, depois de ter sido levado à forca em praça pública, por volta de 1849. Agora, Lucas Evangelista, ou o lendário Lucas da Feira, entra na dança. Um misto de herói e bandido vai servir de tema para o Grudefs (Grupo de Dança da Earte) montar o balé "Lucas da Feira", com estréia marcada para o início de outubro, no Teatro Municipal de Feira de Santana.

Lucas é o símbolo da raça negra, define Carlos Pita, responsável pela criação da trilha sonora deste espetáculo de dança afro-brasileira. O compositor feirense concorda que existem aqueles que preferem ver Lucas como herói, enquanto outros o acusam de bandido. Pita não concorda por entender que Lucas foi "uma pessoa arrancada de suas origens para ser transformado num oprimido".

Lucas deve ser visto não simplesmente como um fato local, mas a nível de uma dimensão universal. "O espetáculo não levanta bandeiras — adianta o artista —, mas tenta mostrar a trajetória de Lucas". O coreógrafo Firmino Pitanga, diretor do espetáculo, entende que "a proposta do trabalho é mostrar até onde o negro chegou, dançando samba, soul, rock, tango e agora o break", traduzindo através da música, gestos, palavras e sons "os elementos significativos de sua raça", completa Pita.

Tudo começa com os dançarinos formando uma cena representando uma gestação, "como se fosse a mãe África



A. C. Magalhães

Movimentos que lembram o negro escravo

parindo", explica o diretor. Pitanga concebeu a coreografia de "Lucas da Feira" traçando um perfil do negro desde a África, desembocando na opressão, sem deixar de mostrar aspectos da resistência. Ele considera que o autor da trilha sonora foi muito feliz colocando a capoeira de Angola, que considera de "uma riqueza fantástica".

SÍMBOLOS

Vivendo dentro de um ambiente **re-consertanejo** — numa referência ao Recôncavo e ao Sertão — na expressão de Carlos Pita, o espetáculo é conduzido para mostrar símbolos da terra e um Lucas mais personificado. Depois é a vez do mito, descrevem os artistas. É na tradicional feira-livre, onde o cego canta a odisséia de Lucas, dando notícias, como manda o costume sernatejo. O cantor feirense Tonho Dionorina fará o papel do cego, cantando os versos do "ABC de Lucas da Feira", supostamente de autoria do antigo escravo que foram adaptados em sextilhas pelo poeta baiano Rodolfo Coelho Cavalcante.

Por fim, a força, quem sabe, a libertação do negro Lucas. Os mentores do espetáculo preferem ver Lucas como "vítima de todo processo de exploração", embora procurem colocar "a pureza, o sonho" nos passos da dança, uma vez que "o negro é visto como marginal", como observa Pitanga. Ao contrário, na visão do espetáculo que está para estreiar, "Lucas é colocado como símbolo de uma raça. A proposta não é mostrá-lo como indivíduo, mas em conjunto".

A música exerce uma influência especial no contexto do trabalho. Das sete músicas compostas por Carlos Pita para a trilha sonora do balé, três contêm letras. Uma delas, "Corações Africanos", reflete, na opinião do autor, "o estado primitivo da África livre". "Nau Banza", ele diz, "é a viagem triste da dor, o banzo rumo ao desconhecido mundo de Pindorama". E "O Cativado" é "a expressão da própria palavra".

OPRESSÃO

— Compor sobre o tema — conta Pita — "foi uma experiência profundamente libertária. E que diante dos questionamentos da história que apontam o negro Lucas ou como justiceiro, símbolo de heróis das revoltas negras do país, ou como bandido saqueador de estradas, um temível, optei em ver Lucas como um elemento membro de uma raça que foi brutalmente arrancada de suas origens para servir, oprimida, aos senhores colonizadores das terras de El-Rei".

O elenco é composto por oito dançarinos, sendo quatro de Feira, Jomara Almeida, também assistente de direção, Marconi Azevedo, Sérgio Moura e Avany Vasquez. De Salvador são os dançarinos Marília Maciel, Misso, Sinval Sapato e Márcia Santiago. A direção de cena está a cargo de A.J.D.S. Gode, luz de Eurico de Jesus, cenário e figurino de Afonso César, produção de Telma Oliveira, num empreendimento da Earte. O espetáculo tem estréia marcada para o dia 3 de outubro, às 21 horas.

2ª GRANDE VAQUEJADA TERRA NOVA - BA



**Dias
19, 20 e 21
outubro
1984**

**MUITOS PRÊMIOS
SORTEIOS E
MUITAS SURPRESAS**

Comissão Organizadora:
Herculano Alves
Marcelo Andrade
Sebastião Alves
Matias
Didi Cabeça
Sebastião Soares
Jose Joaquim

Comissão Julgadora:
Carlinhos — Locutor
J. Soares — Lía

**Informações e Reserva
de Inscrição:**
Telefone: (075) 238-2054
Terra Nova-Bahia

Promoção:
FAZENDA AGUA BOA
Jose Antonio Correia Lima

**VOCÊ É NOSSO CONVIDADO
COMPAREÇA A MAIOR E MAIS ALEGRE
FESTA DE VAQUEIROS DO RECÔNCAVO**

PARQUE ROGÉRIO RÊGO

Prêmios

1º LUGAR — UMA MOTO 0 KM — OFERTA: PREFEITO DE TERRA NOVA
2º LUGAR — Cr\$600.000,00 — OFERTA: PREFEITO DE SÃO FRANCISCO DO CONDE
3º LUGAR — Cr\$500.000,00 — OFERTA: PREFEITO DE SANTO AMARO
4º LUGAR — Cr\$400.000,00 — OFERTA: AUTO VIACAO CAMURUGIPE
5º LUGAR — Cr\$300.000,00 — OFERTA: BANCO ECONOMICO
6º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: BANCO BAMEERINDUS
7º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: BANCO DO ESTADO DA BAHIA — BANE
8º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOSE TEIXEIRA
9º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: HUMBERTO SENA

10º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: PERICLES ALMEIDA
11º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: CASA DO FAZENDEIRO
12º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: DR. LUCIANO TEIXEIRA
13º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOAO DA CRUZ GONÇALVES
14º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: JOSE NASSIFE
15º LUGAR — Cr\$200.000,00 — OFERTA: DR. AILTON DALTRIO MARTINS

TODOS OS VAQUEIROS CLASSIFICADOS RECEBERAO UM LINDO TROFEU,
OFERECIDO PELO PATROCINADOR DO PREMIO.

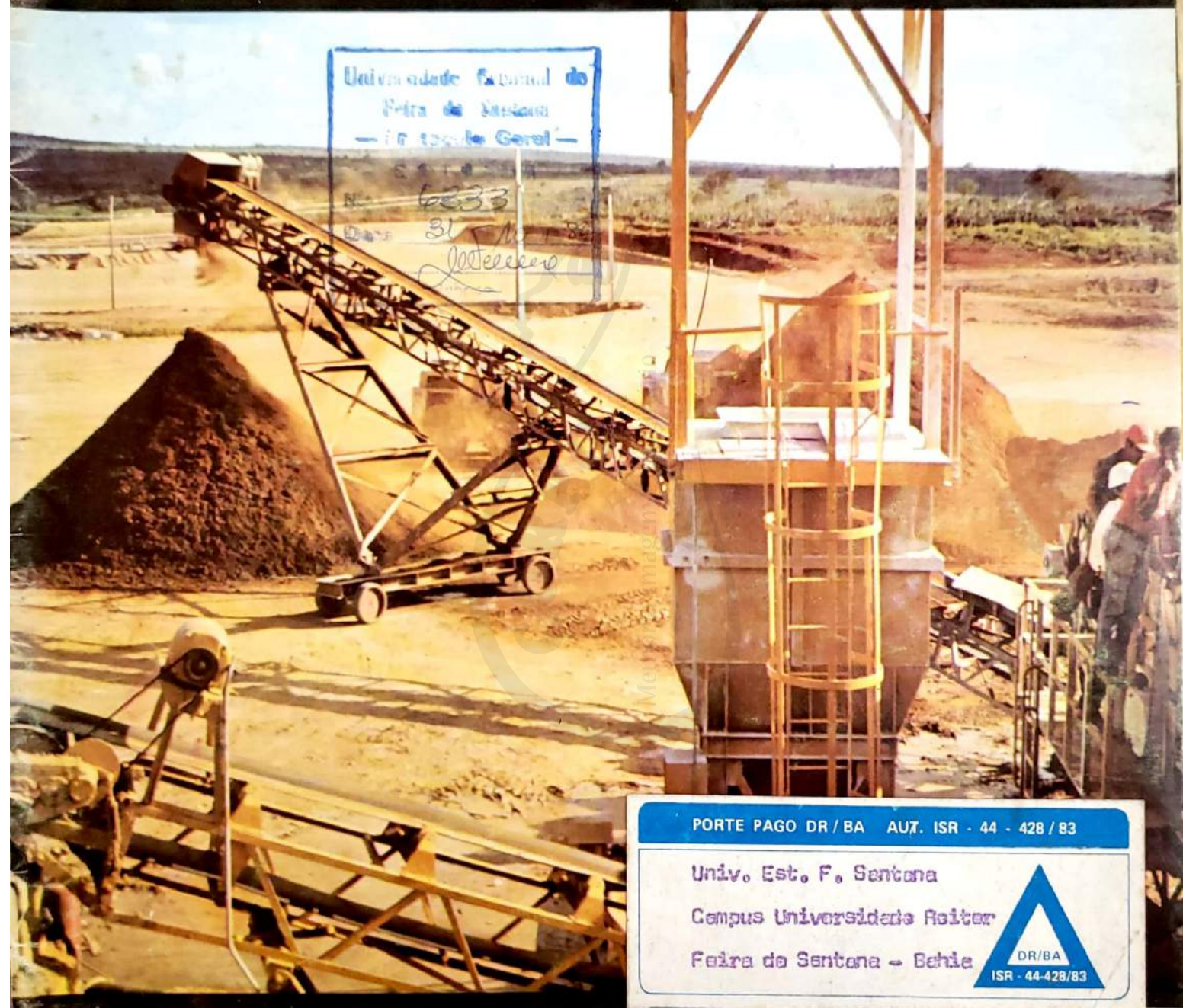
PARA O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES UM FUSCA 0 KM

MUTILADOS: A INVALIDEZ SOB SUSPEITA.

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRAFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 27

16 A 31 DE OUTUBRO DE 1984 - Cr\$2.000,00



PORTE PAGO DR / BA AUT. ISR - 44 - 428 / 83

Univ. Est. F. Santana
Campus Universidade Reitor
Feira de Santana - Bahia



A BRIGA PELO OURO

A festa da juventude

Após entregar pessoalmente os troféus aos vencedores de cada uma das diversas modalidades esportivas disputadas durante a V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, o prefeito de São Francisco do Conde, Claudemiro Oliveira Dias, não conseguia esconder o seu contentamento pelo sucesso do evento que congregou desportistas de várias cidades do Recôncavo.

A satisfação do prefeito não era para menos. Durante o período de 26 a 30 de setembro, as atenções da população foram concentradas numa verdadeira festa esportiva que reuniu cerca de mil atletas de nove cidades, incluindo os promotores, sem contar os mais de dois mil integrantes de bandas marciais do interior e da capital, que disputaram um concurso no último dia.

Esta foi a olimpíada que obteve os resultados mais positivos de todas as que o prefeito Claudemiro Oliveira Dias já promoveu. Em sua opinião, "não só pela participação, como também pela empolgação da juventude". Ele destaca ainda o aspecto de disciplina e sentido de equipe, além do esforço da comissão organizadora, a quem creditou o sucesso da competição.

A secretária de Educação, Célia Maria de Araújo, confessou-se gratificada com o êxito da olimpíada, sendo esta a que lhe deixou melhor impressão de todas as cinco que organizou, em função da participação efetiva da juventude, recompensando um esforço de um grupo de pessoas que se dispõem a fazer um trabalho em que são utilizados apenas recursos do próprio município.

A representação de Alagoinhas foi a grande vencedora da V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, computando 152 pontos em todas as oito modalidades que disputou. A delegação vitoriosa fez muita festa à medida em que iam sendo divulgados os resultados. O vice-campeonato ficou com São Francisco do Conde, que alcançou a marca de 138 pontos, e o terceiro lugar ficou para São Gonçalo dos Campos, com apenas 66 pontos.

FESTA DE CORES

A abertura da olimpíada transformou-se numa verdadeira festa de cores e belas evoluções, levando o público que superlotava as dependências do Estádio Municipal Otávio Junqueira



Claudemiro entrega a taça de campeã a Alagoinhas.

Ayres a aplaudir delirantemente o desfile de 23 escolas locais e de outras cidades.

Conduzindo vistosas alegorias e bandeiras, a juventude estudantil representou vários aspectos das riquezas nacionais, desde a exploração do petróleo à febre do ouro de Serra Pelada, passando pela ecologia, costumes e figuras regionais, como rendeiras, pescadores e índios. Um dos destaques da Escoia Arlete Magalhães foi a presença de uma ala da bateria do afoxé **Filhos de Gandhi**, acompanhando um grupo de mulatas.

O desfile das delegações foi aberto pela banda marcial do Instituto Municipal Luiz Vianna Neto, de São Francisco do Conde, seguida das representações de Alagoinhas, Candeias, Cachoeira, Lauro de Freitas, Cruz das Almas, São Gonçalo dos Campos, Santo Amaro, São Sebastião do Passé, além dos anfitriões, cujas equipes disputaram as modalidades de futebol de campo e de salão — para homens —, voleibol, handebol e atletismo para ambos os sexos.

Após o desfile do fogo simbólico na pista do estádio e do juramento dos atletas, o prefeito Claudemiro Oliveira Dias fez sua saudação dando boas-vindas aos participantes e conclamando para que "a chama da pira olímpica permaneça acesa em nossos corações durante a competição", pedindo empenho aos atletas para assegurar o



A beleza plástica das evoluções de ginástica rítmica.

Augusto Cordero

brilantismo do evento esportivo. Em seguida, todos cantaram o Hino Nacional, abrindo oficialmente a olimpíada, que teve os primeiros jogos disputados à noite.

O último dia, domingo, ficou reservado para demonstrações de ginástica, mini-maratona, entrega de troféus e o sensacional concurso de bandas e fanfarras. o vencedor da mini-maratona é de Alagoinhas, ficando o segundo lugar com Santo Amaro e a terceira colocação com São Francisco do Conde.

A Banda Municipal de Camaçari (Bamuca) foi a grande vencedora, fazendo uma belíssima exibição que arrancou muitos aplausos da platéia e conquistando o prêmio de Cr\$1,5 milhão. A Banda Marcial de São Francisco do Conde ficou em segundo lugar, mas abriu mão do prêmio de Cr\$1 milhão para a terceira colocada, Acomate, de Mata de São João.

Segundo a secretária de Educação, Célia Araújo, a banda marcial de São Francisco do Conde disputou apenas com o objetivo de avaliar o trabalho que vem sendo feito atualmente. O prêmio de

terceiro lugar, Cr\$500 mil, ficou para a quarta classificada, Banda do Senai, de Alagoinhas, enquanto o quinto lugar ficou para a banda do Centro Edu-

cacional de Periperi. Além de centenas de bolas coloridas soltas nos céus da cidade, houve no encerramento um espetáculo de fogos de artifício. Empolgado com o êxito alcançado, o prefeito Claudemiro Oliveira Dias já está fazendo planos para o próximo ano. Ele pretende criar condições para possibilitar a participação de 20 cidades na sexta edição das olimpíadas.

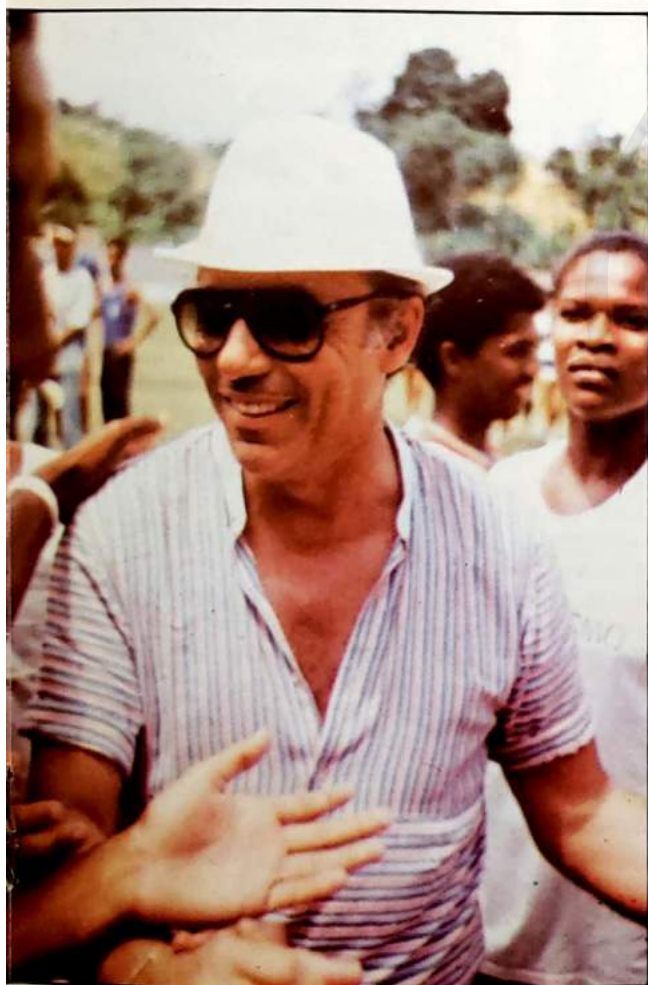
O esporte é o ponto de partida para a formação de uma mente sã, de acordo com a filosofia de trabalho da Secretaria Municipal de Educação. Dentro deste espírito, o prefeito revela que seus planos para o setor esportivo, no momento, estão voltados para matricular jovens na faixa etária de 10 a 20 anos, para ensinar a prática de esportes, como fute-

bol, basquete, atletismo e voleibol, e promover cursos profissionalizantes em oficinas e orientação alimentar com acompanhamento médico-odontológico.



Augusto Condeiro

Organização e beleza no desfile



Claudemiro satisfeito com a realização

Os vencedores

Do primeiro ao terceiro lugares, estes são os resultados dos jogos disputados em oito modalidades durante a V Olimpíada Intermunicipal da Juventude, realizada no período de 26 a 30 de setembro deste ano, em São Francisco do Conde.

FUTEBOL DE CAMPO

- 1 - Cachoeira
- 2 - São Gonçalo
- 3 - Alagoinhas

FUTEBOL DE SALÃO

- 1 - Alagoinhas
- 2 - São Francisco
- 3 - Candeias

VOLEIBOL MASC.

- 1 - Alagoinhas
- 2 - Lauro de Freitas
- 3 - Cachoeira

VOLEIBOL FEM.

- 1 - Santo Amaro
- 2 - Alagoinhas
- 3 - São Francisco

HANDEBOL MASC.

- 1 - São Francisco
- 2 - Santo Amaro
- 3 - Alagoinhas

HANDEBOL FEM.

- 1 - São Francisco
- 2 - Santo Amaro
- 3 - Cruz das Almas

ATLETISMO MASC.

- 1 - São Francisco
- 2 - Alagoinhas
- 3 - Cachoeira

ATLETISMO FEM.

- 1 - Alagoinhas
- 2 - São Francisco
- 3 - Cruz das Almas

CLASSIFICAÇÃO GERAL

- 1 - Alagoinhas, 152 pontos
- 2 - São Francisco, 138 pontos
- 3 - São Gonçalo, 66 pontos

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS - ANO 2 - Nº 28
01 A 15 DE NOVEMBRO DE 1984 - Cr\$2.300

O DIREITO DO ÍNDIO À TERRA



A BAHIA DE TANCREDO

Festa de N. S. da Ajuda começa dia 4

Dentro do calendário religioso e folclórico da cidade de Cachoeira, consta no próximo mês de novembro, no período de 4 a 20 de novembro, a tradicional festa de Nossa Senhora D'Ajuda.

As primeiras manifestações que se tem notícia datam da segunda metade do século XVIII, quando antigas escravas (raparigas), organizavam os festejos em louvor a padroeira dos senhores de engenho, Nossa Senhora D'Ajuda.

Passaram-se os anos e essas manifestações foram adquirindo grande influência junto ao povo que a transformou mais tarde numa festa profana, com a criação dos famosos "ternos". Aí, então, começou a disputa acirrada

acompanhantes da Lira Ceciliana não participavam das festas de Nossa Senhora D'Ajuda e vice-versa.

Segundo os mais antigos, a festa D'Ajuda era cheia de pompa, com pessoas vindas de todas as partes para assistirem ao brilhantismo e o luxo de uma das mais ricas manifestações folclóricas da Bahia: lavagem de lenha, com as raparigas carregando um feixinho de lenha na cabeça; cordões, trança-fitas, cabeçorras, palhaços, mandus, embalo, ternos, aguadeiros com os seus animais ornamentados de guizos e outros enfeites e a famosa "Maria Franciscisca", que consistia em uma boneca nos dois pés de um indivíduo deitado em um caixão de madeira quadrado, com

lêncio, lavagem da negrada às 16 horas, lavagem da igreja com baianas e ternos; dia 13, Terno das Caretas (embalo); dia 14, às 16 horas, Terno das Cozinheiras, dos presidiários, das mariposas e caretas (embalo); dia 15, às 16 horas, lavagem das crianças, levagem da lenha, caretas, cabeçorras e mandus, às 20 horas, início do tríduo, às 22 horas apresentações folclóricas no largo D'Ajuda.

O dia maior é 18. Às 5 horas tem alvorada com o Terno Alvorada, cabeçorras, mandus, presidiários, almas, diabos, caretas e banhistas; às 10 horas, samba de roda, brincadeiras folclóricas: pau-de-sebo, corrida-de-saco, galinha-gorda, cabra-cega e quebra-pote; às 15 horas, missa festiva; às 17 horas, procissão, encerrando com a bênção aos fiéis. No dia 20, às 17 horas, o Terno da Saudade encerra a festa profana.

Por Rubens Rocha



A igreja de Nossa Senhora D'Ajuda, local da festa.

entre as pessoas, apresentando cada "terno" músicas de "arrelia e gozação".

Por ser uma festa próxima a de Santa Cecília, no bairro do Monte, com as mesmas características D'Ajuda e com a fundação das filarmônicas Lira Ceciliana (Monte) e Minerva Cachoeirana (D'Ajuda), aumentou ainda mais a rivalidade entre os fiéis, chegando ao ponto de por diversas vezes irem a vias de "fato", quando acontecia o encontro das duas manifestações.

Estas duas filarmônicas passaram a adotar, acompanhar e orientar os "ternos" das duas festas que se tornaram irreconciliáveis. Os adeptos e

uma boneca menor em cada mão, se movimentando pelas principais ruas da "Heróica" e histórica cidade de Cachoeira.

A festa entrou em decadência e agora para reviver esses bons tempos é que a Bahiatur, a Prefeitura Municipal e outros órgãos estão dando todo o apoio para que a festa D'Ajuda não desapareça do calendário turístico.

Augusto Leciague Régis e família, Maria Pompéia Figueiredo de Almeida e família, como juizes da festa deste ano, fizeram a seguinte programação: dia 14 de novembro, às 16 horas, pregão (bando anunciador) percorrendo as ruas da cidade; dia 11, zero hora, Terno do Si-

ARACI

Trio elétrico na festa da padroeira

Muitas novidades estão sendo preparadas para festejar a padroeira de Araci, Nossa Senhora da Conceição, no período de 7 a 9 de dezembro. Além da parte religiosa, que culminará com a solene procissão percorrendo as principais ruas da cidade, na tarde do dia 9, a grande atração deverá ser o trio elétrico "Chicletes com Banana", como também a apresentação de grupos folclóricos.

O presidente da comissão organizadora, Edivaldo Silva Pinho, revelou que tudo está sendo feito para garantir o êxito dos festejos, contando com a participação efetiva da Prefeitura e do comércio local.

A festa da padroeira de Araci coincide com a realização do "II Festival do Chopp". Uma série de inaugurações de obras está prevista, como o novo sistema de abastecimento d'água e pavimentação de ruas.



Edivaldo, ao lado de João Francisco: muita festa

PANORAMA, 01 A 15 DE NOVEMBRO/84

EXCLUSIVO
O PDT NA BAHIA

PANORAMA DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. ANO 2 - Nº 29
16 A 30 DE NOVEMBRO DE 1984 - Cr\$ 3.000,



FUTEBOL BAIANO

Vaquejada, o melhor da festa.

— O animal arranca em disparada como um "foguetão impetuoso". Um par de vaqueiros corre ao lado, o da esquerda é o **esteira**, que tenta manter o bicho em possível reta, enquanto o outro se encarrega da **derrubada**, cabendo-lhe as honras da aclamação do público. Os aplausos consagradores vão para o vaqueiro que pega o boi pela cauda e consegue a **puxada verdadeira**, quando o boi vira no solo, revira e ergue-se com dificuldade, tonto da queda.

A descrição literal do folclorista Luís Câmara Cascudo traduz exatamente o que acontece numa arena onde reúnem-se dezenas de vaqueiros de todo lugar para disputar quem é o melhor, como ocorreu durante a II Grande Vaquejada de Terra Nova, realizada entre os dias 19 e 21 de outubro, no Parque Deputado Rogério Régio.

Chapéu de Couro, ou até mesmo os políticos, como a vereadora Maria de Lourdes Rios ou o deputado estadual Ribeiro Tavares (PDS), um exímio campeão de vaquejadas.

Cada dupla de vaqueiros disputa três rodadas com três bois, em sistema de rodízio até classificar 15 duplas. Estes classificados não são os melhores, todos são iguais, e para ganhar o título de Campeão dos Campeões depende de fator sorte. Este ano, o prêmio de um Fusca 0 Km ficou dividido entre as duplas baianas Pia e Hugo, Jai e Ribeiro Tavares. O primeiro lugar valendo uma moto ficou para a dupla Francisco Xavier e Petrócio Vasconcelos de Pernambuco.

Para o município, a vaquejada não custa nada. "Muito pelo contrário, diz Herculano, traz muita coisa para ajudar e divulgar a bela e encantadora Terra Nova como também fazer com que seja transformada em novo atrativo para o município". Herculano não soube precisar quanto custa promover uma vaquejada, mas disse que o objetivo é não sofrer prejuízo. "Oferecemos Cr\$23,5 milhões em prêmios, cobramos simplesmente Cr\$250 mil por cada inscrição, e esse dinheiro é revertido para premiar os próprios competidores.



José Antônio garantiu o êxito da vaquejada

Para organizar a vaquejada, Herculano contou com a colaboração de Marcelo Andrade, Sebastião Alves, Matias, Didi Cabeça, Sebastião Soares e José Joaquim. A promoção ficou a cargo da Fazenda Água Boa. Além do carro 0 Km para o Campeão dos Campeões, foi ofertada uma moto pelo prefeito Eduardo Valente para o primeiro lugar.

Os demais classificados até o 15º lugar ganharam prêmios ofertados pelos prefeitos de São Francisco do Conde, Claudemiro Oliveira Dias, e de Santo Amaro, Raimundo Pimenta, Auto Viação Camurugipe, Banco Econômico, Bamerindus, Baneb, Casa do Fazendeiro, e os srs. José Teixeira, Humberto Sena, Péricles Almeida, Luciano Teixeira, João da Cruz Gonçalves, José Nassife e Ailton Daltro Martins.



Considerada a maior e mais alegre festa de vaqueiros do Recôncavo, a promoção da Fazenda Água Boa, de propriedade do produtor de cana José Antônio Correia Lima, atingiu êxito total, com intensa participação da população e apoio decisivo de vários patrocinadores.

Campeão de vaquejadas, conseguindo ganhar até hoje cerca de 70 automóveis e motos como prêmio, um dos organizadores da vaquejada, Herculano Alves, é um dos maiores apreciadores do esporte, onde não falta a participação de vaqueiros renomados e famosas equipes, como os grupos Harmonia e



Os vaqueiros perseguem o boi até a derrubada triunfal

PANORAMA

DA BAHIA

BAHIA ARTES GRÁFICAS LTDA. - ANO 2 - Nº 30

01 A 15 DE DEZEMBRO DE 1984 - Cr\$3.000

UM VERÃO DE MUDANÇAS

HÉLIO JAGUARIBE
A CONTURBADA
POLÍTICA NACIONAL

Uma festa puxa a outra

Um dia de verão pode ser planejado. E a programação começa cedo, antes mesmo da praia. O Café da Manhã, no Porto da Barra, pode ser a primeira atividade. A partir de dezembro grandes espetáculos de massa, ao ar livre, serão oferecidos pelos órgãos oficiais — Prefeitura, Bahiatursa, Comissão de Festas da Cidade, Centro de Convenções, Fundação Cultural e Instituto Mauá.

Um verão para a comunidade. É nisso que o governo está investindo e vendendo a milhares de visitantes, segundo o presidente da Bahiatursa, Paulo Gaudenzi. E na segunda semana de novembro fechou-se a realização do "Projeto Astral — As Estrelas Brilhantes em Armação", uma série de espetáculos com grandes nomes da música popular brasileira, entremeada de apresentações de artistas locais, como Zelito Miranda, Carlos Pita, Carlinhos Cor das Águas e outros.

Logo no início de dezembro, o Instituto Mauá oferece, além de artesanato, o Café da Manhã, de sete as 10 horas, todos os dias. Arroz doce, munguzá, lelê, canjica, fatia de parida, beijú, queijada, pamonha e bolinho de estudante a Cr\$500. Um suco de frutas tropicais a Cr\$700. E para os mais resistentes, prato com caruru, vatapá, arroz e xin-xin de galinha por Cr\$2.500. Nos sábados, essa promoção transforma-se na Ceia do Porto. Começa as 17 horas e tem apresentações de ternos, ranchos e filarmônicas do interior.

O Projeto Astral pretende reunir multidões acima de 20 mil pessoas no estacionamento do Centro de Convenções, onde foi construído um anfiteatro e um palco. Como não poderia deixar de ser um grande show na abertura: Gilberto Gil, no dia nove de dezembro, com toda "Raça Humana". Na sequência, Djavan (05-01), Milton Nascimento (12-01), Alceu Valença (19-01), Blitz (26-01), Elba Ramalho (01-02) e Erasmo Carlos (03-02). Aí o palco terá que ser desmontado para ser transformado em arquibancada, porque o carnaval vem a partir de 16 de fevereiro.

O Projeto Astral terá preços populares(?) para os ingressos — Cr\$8 mil — e, segundo seu coordenador, Eduardo Nascimento, integra a parte musical de um projeto maior, a Feira de Verão, que não pode ser implemen-



Rio Vermelho: o presente de Iemanjá.

tada este ano. Cada espetáculo, segundo seus cálculos, vai custar Cr\$30 milhões. A Comissão de Festas da Cidade, informou seu coordenador, Eduardo Andrade, tem outra programação.

Dia dois de dezembro, no calendário oficial, é a abertura do verão. E haverá a Noite do Samba, na Praça Castro Alves, que vai homenagear o compositor Batatinha pelos seus 40 anos de música e 60 de idade. Como convidados, os sambistas João Nogueira e Paulinho da Viola. No palco, os grandes nomes da roda de samba da Bahia: Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, Paulinho Camafeu, Riachão, Nelson Rufino, as Filhas de Tuninha Luna e muitos outros.

No período que antecede o Natal, quando a cidade toma ares de Festa da Cristandade, a programação oficial prevê grandes concertos e bailes pastorais. O Baile Pastoral será apresentado nas praças centrais da cidade — da Sé, Piedade e Campo Grande. No dia 22 a Orquestra Sinfônica, o Madrigal da UFBA e os corais de São Bento e Santana apresentam-se no centro histórico e depois farão concerto no Centro de Convenções. Passada essa fase, prossegue o ciclo de festas populares.

As festas populares serão iniciadas com um grande acontecimento: a reinauguração do Mercado Modelo, que

incendiou-se no início do ano. A festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia é que abre oficialmente o ciclo, embora a Festa do Cachimbo, em homenagem a São Nicodemus, realizada pelos trabalhadores do Porto de Salvador, e o caruru de Iansã, no Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, façam a abertura popular das festas.

Daí em diante uma festa puxa a outra. Tem Santa Luzia, Boa Viagem, a Procissão do Senhor dos Navegantes, Lapinha, Lavagem do Bonfim, Ribeira, o Presente de Yemanjá (Rio Vermelho), Lavagem de Itapuã, Pituba e, para encerrar, a Lavagem de Arembépe. Entre Pituba e Arembépe, acontece o Carnaval, que o governo garante limitar sua intervenção e permitir a criatividade e espontaneidade popular. Durante este ciclo, assinala a Comissão de Festas, o governo vai intervir para ampliar o espaço do folião, exigir higiene e providenciar equipamentos indispensáveis ao conforto de baianos e visitantes.

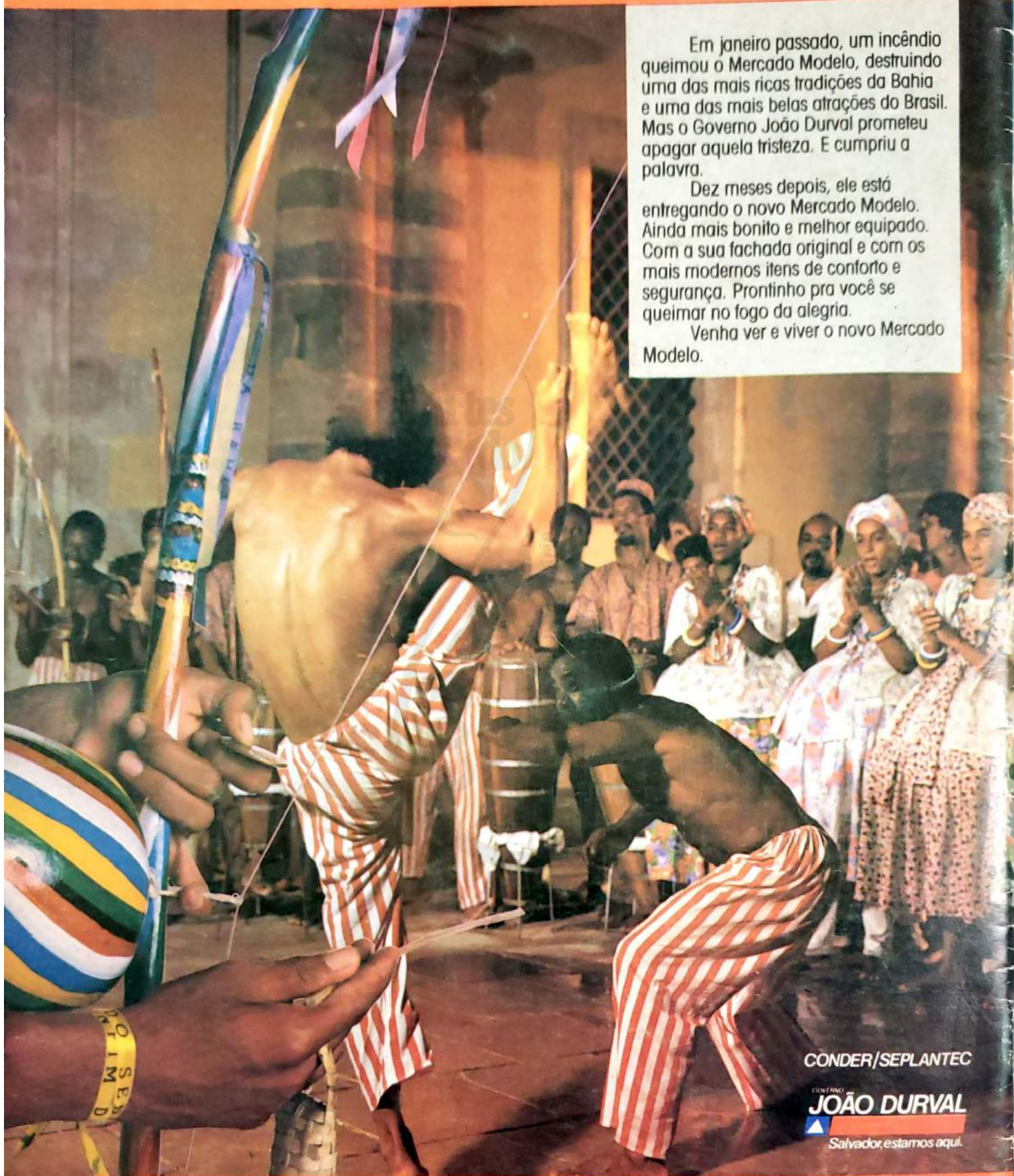
Na programação da Comissão de Festas, segundo Eduardo Andrade, pretendem-se realizar uma série de shows em praias da cidade, sobretudo na orla, do Jardim de Alá e Itapuã, mas isso ainda não é definitivo. Trata-se de uma ampliação do projeto O Sol se Põe no Farol.

O Mercado Modelo tá pegando fogo. De alegria.

Em janeiro passado, um incêndio queimou o Mercado Modelo, destruindo uma das mais ricas tradições da Bahia e uma das mais belas atrações do Brasil. Mas o Governo João Durval prometeu apagar aquela tristeza. E cumpriu a palavra.

Dez meses depois, ele está entregando o novo Mercado Modelo. Ainda mais bonito e melhor equipado. Com a sua fachada original e com os mais modernos itens de conforto e segurança. Prontinho pra você se queimar no fogo da alegria.

Venha ver e viver o novo Mercado Modelo.



CONDER/SEPLANTEC

GOVERNO
JOÃO DURVAL

Salvador, estamos aqui.

Vá se queimar na Bahia.